

REVISTA
—DA—
EDUCAÇÃO



JUNHO

1923

SÃO PAULO

REVISTA DA EDUCAÇÃO

Publicação mensal destinada aos interesses
educativos do Brasil.

Assignatura Annual 20\$000

Numero Avulso 2\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida para
á RUA DA LIBERDADE, 117.—S. PAULO.

SÃO COLLABORADORES DESTA REVISTA

A. de Sampaio Doria.
Elpidio Pimentel.
Othoniel Motta.
Dr. J. M. Gomes.
Dr. Rocha Botelho.
M. G. Magee.
Saulo Ferraz.
D. Yaynha Pereira Gomes.
Monteiro Lobato.
Guilherme Kuhlmann.
Lourenço Filho.
A. Romano Barreto.
Pedro Deodato de Moraes.
A. Mosa.
Mario Pinto Serva.
Prof. Guerreiro.
Costa Filho.
Avila Lima.
Helvecio de Andrade.
João Barreto de Menezes.
Erasmus Braga.
G. A. Büchler.

REVISTA
DA EDUCAÇÃO

RAUL DE PAULA

DIRECTOR

VOL. 1-2

PROPRIEDADE DA IMPRENSA METHODISTA
RUA DA LIBERDADE, 117 — SÃO PAULO

SUMMARIO

IDEIAS E LIVROS

Cada mes

ENSINO PROFISSIONAL

O trabalho manual na Escola Primaria e sua Influencia na formação civica dos jovens..... Aprigio Gonzaga.

PSYCHOLOGIA E PEDAGOGIA

Anthropologia pedagogica..... Pedro Deodato de Moraes.
Educação do Pensamento..... A. de Sampaio Doria.

METHODOLOGIA

Aprendizado Inductivo José Ribeiro Escobar.
Velhos Preceitos Elpidio Pimentel.
Methodos de Ensino..... A. Mosa.
Methodologia..... Laudelino Baptista.

HYGIENE

Quando a syphilis é curavel..... dr. J. M. Gomes.

LEGISLAÇÃO DO ENSINO

O Conselho Nacional de Educação
Os professores Extrangeiros em S. Paulo Mario Pinto Serva.
Prof. Guerreiro.

ENSINO COMMERCIAL

O commercio no Antigo Oriente....
Correspondencia Commercial.....

O ENSINO NO EXTRANGEIRO

Organização do Ensino nos Estados Unidos.....

LITERATURA INFANTIL

As Aves..... Ricardo Gonçalves.
Monologo Geographico.....
Folharada.....
Bem-Te-Vi..... Aprigio Gonzaga.

IDEIAS E LIVROS

CADA MES

NOSSA SITUAÇÃO ACTUAL

Neste momento em que escrevemos expira no Congresso Nacional a liberdade de imprensa.

No meio da indiferença geral e do acobardamento de todos apenas Irineu Machado levanta sua voz de protesto, voz vencida e abafada pela arbitrariedade do poder, e grita: "nunca fomos tão escravos como agora que se deu ao Brasil o regimen republicano, que é o regimen das liberdades.

"Exactamente os odios maiores convergem contra os jornalistas que se acham fóra das mãos dos politicos que governam os estados discrecionariamente em todas as posições, em toda a parte, com todo o odio, os que soffrem, os que são perseguidos, não têm outro orgão que não seja a imprensa".

O que é a politica brasileira? Poderes absolutos e illimitaveis dos dirigentes sobre a fortuna nacional e liberdade dos individuos.

Devendo cerca de nove milhões de contos de réis, a Amazonia arruinada, o Rio Grande do Sul em guerra civil ha seis mezes, o cambio de paiz vencido, na casa dos 5, o presidente da republica confessa em mensagem ao Congresso que ha um defficit de trezentos mil contos para o orçamento futuro e não sabe como vencel-o, a capital da republica em estado de sitio, vemos como que o enterro do character dos politicos nacionaes que de ha muito já revelaram sua falencia na direcção do paiz.

REPUBLICA?

Respondam os homens honestos, os professores, os magistrados, os medicos, os advogados, os homens cultos e que conhecem o organismo nacional!

Nosso paiz é uma republica?

Não! porque a forma republicana é para os povos cultos e a população nacional em sua formidavel maioria é analfabeta!

NOSSA POSIÇÃO NA AMERICA

Emquanto a Argentina, o Chile e o Uruguay collocam-se á vanguarda da civilisação americana do sul educando o povo, creando escolas primarias, profissionaes e nor-

maes; bibliothecas publicas; formando gerações de educadores; rythmando a cultura geral com a cultura das elites; nós permanecemos hoje, no seculo vinte, com excepção do Estado de S. Paulo, em uma situação mesquinha e aviltante igual á dos seculos XVI, XVII, XVIII e XIX, formando paralelo com a Turquia ou as colonias europeas da Africa.

FALA MONTEIRO LOBATO

Quereis um quadro v'vo e doloroso do que é o Brasil? Vai nos dar o pintor do Jeca.

No seculo da chimica, onde nossa escola de chimica? No seculo da technica, qual a nossa educação technica?

Persiste a lagarta rosada do bacharelismo.

Casas de sciencia que aparelhem technicos maravilhosos para a industria, onde? quaes? E onde bibliothecas populares, escolas especializadas, laboratorios bem montados, collegios honestos que apetrechem para vida os rapazes? E onde a comprehensão de que a sciencia é tudo e fóra della não ha salvação?

Reflexos da incultura, temo-los a cada instante na politica, onde basta ser mudo, incolor, inodoro e insipido para alcançar o titulo de estadista.

Sem cultura impossivel opinião; sem opinião impossivel politica que não seja essa pyorrhéa que nos derranca, e cuja missão, no dizer de um velho politico, já morto, é desfazer de dia os passos que as cousas dão naturalmente de noite.

Da periodica incursão no governo de bando de piratas, qual a causa? A incultura.

O dominio eterno do coronelão analphabeto, por que? Incultura.

Si a honestidade e a competencia, inopinadamente, assumem o governo, obra é isso de mero acaso, e logo a pirataria coligada, que lhe cobreja em torno minando-as alcançam-lhe a successão. Por que isso? Incultura.

Na lavoura, após a geada, o desespero do agricultor pol-o em caminho novo, o al'godão. Vem a lagarta e come-lhe o melhor do herculeo esforço. Por que? Incultura.

Em questão artistica damo-nos ao ridiculo de nos deixar embahir, embeijar, embrulhar por um patarata italiano que vae metter no bolso milhares de contos em troca de um attestado em marmore passado á nossa ingenuidade esthetica. Por que? Incultura.

Inutil proseguir.

BALANCETE DA REPUBLICA

Victima de uma colonização prejudicial porque lhe comprometteu o futuro inoculando-lhe nas veias o sangue africano e portanto selvagem e inferior; victima primeiro de um monarcha estroina e depois de um bonacheirão, o povo brasileiro tem sido mais prejudicado pela falsa republica que o governa. Falsa e meretricia porque isto que temos é um regimen de assaltos á fortuna nacional e á liberdade brasileira. Victima principalmente da republica porque, si a colonia e o impero mantiveram-na sem escolas e sem cultura acompanharam á praxe então universal; mas a republica é ré de maior crime porque tem mantido o povo brasileiro na ignorancia e só ha uma justificativa para isto: é para poder assaltar-lhe á liberdade e á fortuna.

CAMPANHA QUE SE IMPÕE

Urge que libertemos a nação brasileira da ignorancia e consequentemente do aviltamento em que cahiu arrastada por seus dirigentes republicanos.

E' preciso bradar a todos os homens de bem deste paiz para que o salvem si não quizerem a maldição das gerações futuras sobre elles!

Lavradores, operarios, sacerdotes, mestres e professores, medicos, engenheiros e advogados, todos vós que trabalhaes, que produzis, industriaes e commerciantes, todos são victimas do mesmo mal; escravos de individuos que os aviltam, os dirigentes nacionaes!

Iniciemos uma campanha para libertar a nação brasileira!

Não vibramos pelo negro e por elle não nos empenhámos em uma lucta memoravel?

Muito mais justa e necessaria é uma campanha por toda a raça brasileira, pela

EDUCAÇÃO NACIONAL.

Disse uma vez Euclides da Cunha que deviamos "progredir ou desaparecer". Isto não significa nada. A formula é esta: ou educamo-nos ou desaparecemos.

O que preferimos?

Compenetremo-nos todos nós os professores e publicistas desta verdade e mettamos hombros á obra de educar o povo brasileiro.

Como? Com um tremendo movimento de imprensa e livro. A phalange dos luctadores é assaz formidavel: Car-

neiro Leão, Mario Pinto Serva, José Augusto, Monteiro Lobato, José Ribeiro Escobar, Aprigio Gonzaga, Americano do Brasil, Goulart de Andrade e cem outros podem dirigir o movimento.

Deixemo-nos de velleidades; si não resolvermos o problema educativo já e já não somos um povo: somos ganglios mestiços perdidos no meio das maravilhas americanas. Desappareçamos e deixemos o logar para os competentes.

A LEI DE DARWIN.

E' uma verdade e ainda mais tremenda entre as nações: A Europa dá-nos o exemplo: a guerra de 1914 foi uma selecção, os povos fracos desapareceram e os fortes estão sobreexistindo. A Inglaterra domina a Hollanda na Africa do Sul. A Allemanha sonhou arrebatá-los o Sul, salvou-nos a sua derrota.

Educar é adaptar para a vida moderna.

Forte é o paiz educado. E nós somos 90 % de analfabetos e 10 % de literatos. Apenas as correntes imigratorias são senhoras do campo economico.

A EDUCAÇÃO QUE PRECISAMOS

E' a intellectual, conjugada com a professional, como faz Aprigio Gonzaga em sua admiravel Escola Professional. Precisamos de homens instruidos que dirijam machinas, officinas, navios, bancos, fazendas, locomotivas e minas.

DE NOVO MONTEIRO LOBATO

A Escola primaria ensina a ler. A professional ensina a tirar partido da leitura.

Uma sem outra é cartucho sem espingarda.

Depois, em cima, escolas technicas, escolas superiores, escolas que não deem diplomas nem anneis, mas sciencia fecunda; isso fará do Brasil uma nação moderna, tirando-lhe o character de paiz amorpho, inconsciente e medieval.

R. P.

APRIGIO GONZAGA, AUTOR DE LIVROS ESCOLARES

Visando por parte do alumno e por meio technico, a aquisição de leitura e a formação intellectual da creança, Aprigio Gonzaga collimou ainda fins que não fôram usados largamente por nenhum outro escriptor escolar: a campanha intensa do saneamento nacional, a educação da imaginação infantil familiarizando-a com o nosso folk-lore; a distincção scientifica dos animaes uteis dos inuteis, perseguindo estes e protegendo aquelles. Nos contos do folk-lore o autor teve sempre em vista um fundo moral: o bem, o mal, a inveja, a intriga, personificados em taes e taes animaes attrahndo a sympathia para uns como tambem para seus actos, e a antipathia para outros.

Destacando, pois, o folk-lore, educando a imaginação da creança, attrahindo-a para a phantasia, alimentando-lhe esta faculdade intellectual, Aprigio se collocou ao lado de Montero Lobato, affastando-se deste quando este escriptor procura inspirar-se no folk-lore extranho, emquanto que elle permanece entre os assumptos nacionaes.

Ha ainda uma circumstancia especial acerca destes livros.

Aprigio Gonzaga creou o typo de escola profissional primaria para os centros industriaes. Collocou-se entre os maiores senão o maior dos educadores brasileiros.

Fez obra duradoura, intelligente.

Seu alumno é um cerebro que educa os musculos para dirigir machinas. Não é um mero operario que maneja o instrumento. Em sua aprendizagem, estuda elementos de cultura intellectual, aprende o desenho, a pintura, a moldura, a serraria, e a fundição. Trabalha ora na machina, ora no escriptorio da officina onde se faz a distribuição do pessoal e das ferramentas. Na bibliotheca maneja livros e no campo desenvolve o corpo com exercicios varios.

Sua série de leitura adapta-se a tal alumno. Apresenta os elementos sociaes, moraes e materiaes das cidades e revela-lhe o mundo que o cerca e o aguarda.

Conheciamos bons livros para leitura de poucos autores. Aprigio fez os melhores em nossa lingua e fez porque seu grande amor pe'a infancia é que lhe d'tou as bellas paginas das "Minhas Lições" e dos "Contos Escolares".

Na "Secção de Literatura Infantil" vão dois contos que o autor gentilmente nos cedeu.

UMA CARTA DE RUY BARBOSA

O nosso distincto amigo e director da "Secção de Legislação do Ensino", Dr. Laudelino Baptista, traduz u em vernaculo a "Encyclopedia Juridica" de Bridel.

Ruy Barbosa, em carta que lhe escreveu, exprimiu seu agradecimento pela dedicatória da obra e fez em rapidas palavras critica de mestre ao livro.

Transcrevemos abaixo aquella missiva para que os admiradores do brasileiro inexcedivel conheçam e possuam mais um trecho de sua penna.

134, S. Clemente, R'ô de Janeiro, 1 de Junho de 1923.

Meu caro amigo

Dr. Laudelino Baptista:

Muito lhe agradeço a honra, que me deu, de pôr sob os auspicios do meu pobre nome, laureado pela sua affeição, a sua versão portugueza da ENCYCLOPEDIA JURIDICA de Bridel.

O meu reconhecimento não tem com que lhe retribua tamanha copia de finezas, como a que commigo dispende, ha tanto tempo.

Boa idéa a sua de tirar em nossa linguagem este optimo livro, escrinio de preciosidades para os estudantes de direito e, ainda, para os seus mestres, excellente roteiro de estudos.

Creia-me sempre, meu caro amigo, na estima e consideração affectuosa.

Do seu velho collega e amigo.

RUY BARBOSA.

A ESCOLA E A GAIOLA

A escola de hoje é a escola preconizada por Montessori — a escola da liberdade da criança. Esta que nasce cheia de vitalidade, que é um serzinho sociavel e que se interessa por tudo, quer viver com alegria, com tumulto até; quer sentir sensações fortes, cuja consequencia é pensar em tudo e acerca de tudo.

Na escola hoje ella canta; canta os hymnos patrioticos, que traduzem as vibrações de seu temperamento, a grande alma nacional que se agita no seio de um paiz inteiro; aprende a amar tudo que a rodeia e interessa sua curios da-

de nascente; porque a sua alma pequenina palpita um pouco na grande alma universal do Cosmo. No seu espirito vão-se robustecendo os laços de solidariedade humana que as conquistas modernas do direito internacional sancionaram depois de o haver sido pelo sentimento das collectividades. E assim, a concepção egoistica de uma patria unica, que o convencionalismo formal do homem levantou entre fronteiras e que o pensamento, numa logica preliminar repelle, vaé sendo re'egado pouco a pouco para as ve'harias do começo dos seculos, para essa antemanhã rubra da barbaria dos povos, em que as origens se esbatem na confusão do monogenismo e do polygenismo. Então surge um horizonte mais amplo, um dos novos, como ao erguer-se o panno de um scenario, perspectivas novas apparecem emquanto a orchestra modula o trecho inicial de uma instrumentação forte, de adagios alegres e fortissimos. E' a revelação grandiosa para o caminheiro que gal'gou o cimo da montanha; em cima o céu igualmente azul e puro, em baixo uma natureza unca cuja uniformidade se accentua na distancia. A criança, então, chora, porque a ouve chorar, na melancolia do crepusculo, na plangencia cadenciada das ondas peregrinando nas praias; canta porque a ouve cantar, na melopéa das cores, na belleza elysea de seus aspectos incomprehendidos, no mysterio phantastico de suas transmutações constantes.

E ella comprehende que occulta na alma pantheista das coisas, vive a saudade das outras éras do mundo, como em cada pagina das sciencias dorme a grande saudade dos seculos que foram e que os genios apanharam, passando, para encerrar em formulas duradouras. Tal é a grande revelação que hoje a criança encerra nessa prisão abençoada — a escola.

WALDIR WALFREDO.

CARTILHA DE HYGIENE

Pelo Dr. A. Almeida Junior.

Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo, 1923.

Bravos ao Dr. Almeida Junior! Não é um livro mas-sante e fastidioso sobre hygiene, mas é esta mesma apresentada em quadros simples acompanhados de explicações breves e utilissimas.

Eis um magnifico livrinho que muito concorrerá para a educação higienica de nossas populações urbanas e ruraes, e principalmente das classes pobres que são justamente as

mais flagelladas pelas endemias e doenças porque são as mais descuidadas dos preceitos relativos á conservação da saúde.

Parabens ainda ao Governo de S. Paulo que em sua clarividencia espalha tão util obra levando a saúde aos nossos patricios.

A educação physica e a educação hygienica no seculo presente deviam constituir a base sobre a qual se assentaram as outras phases da educação integral.

Infelizmente para desgraça nossa não é assim que se tem dado em nosso paiz.

Entorpece-se o cerebro da creança de futilidades de grammatica e queijandas ninharias e quasi sempre se deixa um a'eijão physico quando não é tambem moral.

O livrinho de nosso escriptor é o inicio de uma campanha salutar: o saneamento do paiz pela escola primaria, difundindo-se entre as creanças e plasmando-se em seu cerebro malleavel os conhecimentos primordiales para a conservação da saúde individual e os meios que a sciencia apresenta para combate e debellamento das endemias em nosso paiz: vermes e impaludismo.

Lastimamos uma falta grave no livro: o autor que magnificamente atacou dois grandes cancros do organismo brasileiro: alcool e fumo, talvez com receio de magoar a susceptibilidades, não tocou no problema da syphilis.

Porque não bater esta chaga nacional?

Urge que a obrinha tão valiosa quão util se divulgue por todo o paiz e leve seus beneficios ás nossas populações de toda a parte.

A PESCA

Por Fausto Lex.

Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo, 1923.

Eis um livrinho que os nossos escoteiros gostarão de manusear. Nada de dissertações atrazadas sobre a maneira de pescar, mas conselhos praticos, indicações uteis explicadas por optimas gravuras, podendo seu conteúdo melhorar a technica de nossos piraquaras.

Accresce ainda a divulgação popular que o autor faz sobre nossa fauna ichtyologica para tornar este livrinho de utilidade inestimavel ás nossas populações ribeirinhas e litoraneas.

Destes livros agradaveis e uteis é que precisamos.

Que outros sobre caça, herborização e outros assumptos, appareçam.

NOTA

Por ter sahido truncado o final do artigo "O aprendizado Manual", do nosso preclaro collaborador, José Ribeiro Escobar, ora vai reproduzido integralmente:

Nem os esportes, nem mesmo a cultura physica podem ser comparados aos trabalhos manuaes. Por isso exhorta o Dr. C. Pagés: Procurae antes de tudo ser mais aptos do que os outros para o trabalho; sêde "operarios", mesmo que tiverdes de chegar ás situações mais elevadas.

Eis o evangelho moderno, na bocca de ouro de Ruy Barbosa:

"Ser o primeiro trabalhador é ser o primeiro dos homens".

ENSINO PROFISSIONAL

Secção dirigida por Aprigio Gonzaga,
Director da Escola Profissional Masculina
de S. Paulo.

O TRABALHO MANUAL NA ESCOLA PRIMARIA E SUA INFLUENCIA NA FORMAÇÃO CIVICA DOS JOVENS

QUE E' A EDUCAÇÃO PELO TRABALHO MANUAL

Dizer-vos como entendemos a escola, e como fazemos, é assumpto desta palestra, que, embora nada vos traga de extraordinario, tem a sinceridade de uma observação acurada e é em synthese o historico da Escola Profissional Masculina de São Paulo.

“Na Escola, não procuramos fazer o muito nem o bonito, mas o util, satisfazendo assim as exigenc as imperiosas da existencia.

Fazemos como fazem os paes de familia que têm necessidade de que os filhos maiores os ajudem na confecção do que lhes é preciso para a manutenção da propria familia, e para a satisfacção do lar feliz, de modo que os seus irmãosinhos encontrem uma atmospher a de carinho e conforto.

O trabalho profissional, ministrado como o fazemos, não é materia isolada, que ajustamos ás disciplinas correlatas, mas a base mesma de todo o desenvolvimento physico e intellectual harmoniosamente.” O alumno deve ser activo, e, para o desenvolvimento dessa actividade, não devemos aqui modificar os objectivos do “Slojd”. Faz-se preciso não cançar o alumno, nem dar-lhe systemas rigidos, de preconcebida execução, todos os annos, sem variação; ao contrario, cumpre observar o gosto, as tendencias e o interesse, de maneira que elle execute o que quizer, dentro, porém, das linhas geraes dessa orientação.

O alumno que deseja a execução de um trabalho, já o tem de antemão delineado e medido as diff'culdades que terá de enfrentar. Assim sendo, a sua execução já está assegurada, e a confiança em si mesmo demonstrada pelo alumno vale mais que toda a cooperação do mestre. Ainda mais: se elle sabe que esse trabalho lhe pertencerá, ou que nelle terá um lucro material, empregará então a energia de que fór capaz para vencer.

Para isso, não se repete programmas, nem trabalhos, porque essas repetições levariam ao trabalho formal, e, consequentemente, á morte espiritual; prefere-se a mutação, rigorosamente adaptada ás necessidades da vida.

A perfeição do ser, isto é, á perfeição interna da individualidade pelo trabalho manual, a confiança propria, e a certeza do valor individual, que todos devem obter, leva-nos a preparar homens capazes, que não toleram “palmadinhas na face”, de que nos fala Emerson.

COMO SE DIVIDE O TRABALHO MANUAL

Porém, ao apresentar o plano geral de educação pelo trabalho, cumpre-nos dividi-lo de modo a facilitar a compreensão geral do systema, e as vantagens que advêm de tal seriação.

O primeiro passo é o S'ojd applicado á escola primaria; o segundo, o ensino profissional, proprio das escolas profissionaes ou continuativas; e o terceiro, que cabe ás escolas industriaes e monotecnicaes, que corôa a systematização technica escolar, vizará a formação dos mestres e dos industriaes.

O S'ojd é o trabalho manual sem fins ou preocupações obreiras immediatamente; é o trabalho puramente educativo, base e fundamento do exercicio das fontes de inferencia. E' o meio geral de formação de habitos moraes e de preparação e formação da alma civica da criança e do joven. Sob esse duplo aspecto elle se descobre numa seriação admiravel, que vae desde o jardim de infancia, atravez da escola primaria, passando pe'as normaes e profissionaes, até ás faculdades e academias, porque o trabalho manual em qualquer phase que o encontremos é sempre o S'ojd mais ou menos ampliado, modificado segundo as idéas, os sexos, os meios e as raças.

Amplo, de uma infinita gama de tonalidades technicas, de variedade quasi infinita de processos, elle se adapta a qualquer disciplina, e é a base da licção das cousas, das pa'estras vernaculares, das construcções geometricas, da historia e da geographia.

ORIENTAÇÃO DO SLOJD

Qualquer professor, tenha ou não preparação, poderá guia-lo e obter magnificos resultados, porque as suas proprias tentativas serão proveitosamente seguidas pelos discipulos nos trabalhos constructivos.

As difficuldades que resolver, os meios que empregar para vence-las, serão conquistas geraes do mestre e dos alumnos, acarretando o robustecimento da vontade e da tenacidade. A gloria de vencer difficuldades, a satisfação intima de ser capaz de se bastar a si mesmo—que fazem a gloria caracteristica desse systema, desse processo de educação, tão empregado na Allemanha, na Inglaterra, na França, na Italia e especialemente nos Estados Unidos—fará em pouco tempo nascer, sob uma nova concepção, o

princípio da solidariedade, do amparo mutuo, o amôr ao proximo, o desprendimento em favor da familia e, consequentemente, a idéa de deveres sociaes e de patria.

Entremos no Jardim de Infancia. Ahi vemos crianças, nos dias de trabalho, nas applicações do Slojd em papel, exercitarem o tacto, e certos musculos manuaes, em tecer, dobrar e cortar papel. Inicam a comprehensão das côres, e a termologia apparece ao lado do exercicio, pari passu com o trabalho: Tira horizontal, vertical; aspero, liso; inferior, superior; em frente, atraz; tecer, grudar, etc., são antes idéas que vocabulos vãos e sem significação alguma, em opposição ás explicações verbaes, que é, em geral, como se forma o vocabulario infantil, enchendo a cabeça da criança de termos vãos que ella emprega sem idéa alguma de sua significação. Ainda ao empregar os exercicios de tecelagem poderia o professor iniciar com as crianças o exercicio do gosto e a formação da arte nacional, de que ainda carecemos.

SEGUNDO O PROF. THEODORO BRAGA

Variará os exercicios empregando motivos decorativos tirados da nossa natureza e os empregados pelos nossos indios: suas côres vivas e objectos de seu uso: rêdes, cocares, canitares e braceletes; nos exercicios de cartonagem, fará armar tacapes, barracas, tabas, canoas, cóvos, etc., para conhecimento dos usos e costumes dos indigenas e para despertar nas crianças o amôr ás nossas cousas e á nossa gente.

Simultaneamente, nos jogos escolares, grupos de alumnos poderão cantar canções empregando palavras indigenas e interpretar fabulas e lendas amazonicas, de que nos fala José Verissimo.

Nos jardins de infancia americanos, ao lado dos dons de Froebel—os yankees, mais praticos, apoados na essencia do systema—dão a idéa de cousa vertical, soluvel, solida, conica, cylindrica, ductil, e a idéa das côres, iniciando com as crianças o fabrico de velas de cêra, coloridas, enfeitadas com papel recortado e picotado, que cada criança accende ao papac Noel no Christmas.

Passando ao methodo, quanto á sua applicação nas escolas primarias—segundo a sua importancia, e variando as explicações do programma de accôrdo com essa classificação e categoria—assim se poderia desenvolver a parte theorica pelo trabalho manual quanto á historia Patria:

Esta disciplina, que deve ser encaminhada em conexão com a geographia, seria iniciada com os trabalhos de madeira, mostrando-se a importancia do pau Brasil e os factos que com elle se relacionam: descobrimentos, povos do Brasil, expedições; historia da marcenaria em Portugal, sua evolução, phases, etc., emfim, fazer que do trabalho e do material nelle empregado surjam explicações que justifiquem o programma a desenvolver.

Nas aulas de geographia, tratar do habitat dos materiaes empregados, explicando o professor as zonas, e que, nas mesmas altitudes, ha identidade de vegetação; como se corta a madeira que lhe serve para o trabalho; a idade das arvores e o meio pratico de determina-la; preparação e conservação da madeira; transportes e estradas de ferro; mercados de madeira; os rios das regiões estudadas, seu percurso, cidades que banham; os rios como estradas economicas, seus afluentes, como ramaes dessa liquida estrada; a destruição das florestas, as chuvas, as cachoeiras, a força electrica na industria, papel part cular do Brasil como producto de força, e uma longa serie de ensinamentos uteis, que prendem a attenção, divertem, são utilissimos e instruem de verdade, utilitariamente.

Assim, de Estado em Estado—iniciando sempre pelo local de residencia do alumno, e preparando a serie de explicações de modo a guardar uma relação logica entre o apparecimento e o emprego dos materiaes e as partes geographicas—o programma seria exgotado em pouco tempo, deixando na mente das crianças além da idéa geographica, a utilidade desse estudo e uma infinidade de informações instructivas de primeira ordem.

Passemos em revista a arithmetica:

Contemos as taboas para um serviço: meios, terços, e outras fracções para a construcção de um objecto; o estudo da proporção dos lados; emprego do compasso para determinar a proporção; a cubação que obra exige e os meios de cubagem; calculo das áreas para fôrro, calculo de frete, calculos de desdobro, calculo de revestimento, etc., tudo isso distractivamente, alegremente, pandegamente quasi, porque, no fim de uma aula de construcção, de uma mesa para boneca, supponhamos, aprende de verdade o alumno innumerables exercicios de arithmetica, reaes e log cos, por elle mesmo experimentados, além da satisfacção de poder offerrecer á irmãzinha um movel por elle feito para a casa de sua boneca.

Ainda, para mostrar como se pôde orientar o trabalho manual nas escolas communs de qualquer gráo, em qualquer zona, com qualquer meio, vejamos estes exemplos:

COMO FAZ O AMERICANO

Conta M. Muller, in "The Flying Kites": O professor, para o ensino das formas geometricas, empregou a construcção de papagaios de variadissimas formas. Propôz fosse, nas férias, aberto um concurso entre os alumnos das escolas locais, para vêr quem apresentava o mais interessante, o mais bizarro papagaio. Porém, o fim desse plano, com o trabalho manual, era mostrar-lhes e faze-los comprehender noções de geometria: a construcção de figuras, o traçado dos quadrilateros e polygonos, e, sempre com muito interesse pelos alumnos, por meio de palestras, dar-lhes os conhecimentos precisos dessa arida materia.

E, diz ainda o referido autor que, no dia aprazado, além das bellas licções obtidas, houve na cidade da California uma verdadeira festa, com centenas de vistosos papagaios, a alegrarem o céu, na festa da escola.

Assim se pratica no Estados Unidos; assim se vê a distancia que vae de mestre a mestre e de escola a escola. Mais: Ben Johnson, com muita graça, implantou o trabalho de serrnhas, fazendo animaes, bonecas, arcas de Noé, etc., com o fito de ensinar de verdade formas geometricas e os exercicios de construcção como fazemos com os antigos tornos, tão sem graça, tão desprovidos de interesse, que nem ao menos alegam, ou dão derivativo á actividade infantil.

O HABITO DE FAZER

Resaltam da inferencia desse plano educativo duas grandes consequencias: o habito de fazer e sua influencia na formação do caracter.

O que chamamos escola nova ou nova educação não é senão a associação da instrucção literaria e profissional, baseando-se a primeira sobre a segunda, de modo que, pela associação das observações nascidas no trabalho constructivo, o espirito deduza verdades logicas. As aulas são revezadas com os trabalhos praticos das officinas e outros exercicios dstractivos, digamos assim, que tendem a offerer sadios derivativos á actividade do educando, e que lhe despertam o habito da acção, a tenacidade, a iniciativa, a paciencia, e, sobretudo, o trabalho de associação, que é a *cola mater* das grandes nacionalidades.

Isso, parece, talvez, um paradoxo—explicar a coincidencia das grandes formações sociaes, do espirito de commercio e de industria, de actividade combativa que demonstram certos povos devido ao methodo de educação pelo trabalho manual que adoptam.

“Porém, é necessario observar que esta educação inclue a antiga, po que fazemos o que se faz a, sómente por meio de largo emprego de ferramentas e materiaes, com intelligente applicação do desenho. Esse systema de educação dá ensejo a larga facilidade educativa e me os de cultura litteraria: desenvolve a intelligencia, modela o character, cria força phys ca e coragem, dando habitos civicos e habitos de trabalho”.

O CHARACTER

Vejamos succintamente um factó: A. é filho de uma familia mediamente abastada.

Na idade propria, entra para uma escola publica.

Percorre o cyclo de ensino e sae, após 3 ou 4 annos de estudo. Conhece uma multidão de regras e cousas inapplicaveis, ou que não lhe servirão de nada, por ser tudo verbalismo puro.

O moço, como acontece sempre, cheio de bôa vontade, deseja trabalhar, mas falta-lhe a adaptação para o trabalho, falta-lhe a solidez dos estudos, porque, ou esqueceu, desaprendeu, ou não sabe como se servir delles. Desanimado, fraco, sem confiança em si mesmo, corre a atrelar-se no carro do Estado, como funcionario publico, deixando quasi sempre presa a sua solidariedade com o grupo politico de E.

Noutros casos, o moço, intelligente, sáe da esco'a commum, e entra para um curso de preparatorios, rapido e electrico, arranja-os, matricula-se numa faculdade e é o Sr. Bacharel, no fim de alguns annos.

Conversemos com ambos:

A: “Não sei que falta de sorte me trouxe a esta repartição. O chefe é um “tigre”, não me dá nem tempo de “cavar” um augmento de ordenado. Não me deixa sahir e eu não posso ganhar por fóra. Antes eu fosse um operario.

Sabes, me bate no hombro, assim com ares de quem já se sente nos ultimos quarte s da vida, o Fulano, aquelle nosso collega, aquelle cabeça dura, que vivia a brincar com caixinhas de phosphoros, no grupo escolar, Fulano, se fez carpinteiro.

Trabalhou ali no Fioravanti; comprou uns bancos, umas machinas, metteu operarios, e hoje está rico. Encontrei-o numa “baratinha”, e eu aqui estou amarrado a isso, e atira com um officio sobre a mesa!

Doutor L., o bacharel, fez carreira. E' intelligente, bem collocado.

Disse-me um dia:

Qual, isto não vae! E' o dia inte'ro a correr do escriptorio para o Forum, do Forum para o escriptorio. Obligacões sociaes, representações, compromissos, etc. E se d'ssesse que isto dava para tudo, vá; mas, com franqueza ganho o bastante para viver; não posso guardar um pouco para os filhos, nem para a velhice.

Será culpa delles? Delles, não, mas da sociedade.

Eis a razão porque se deve cr'ar o "Habito de Fazer".

Essa é a opinião de Baldwin; e, innegavelmente, é o que vemos diariamente entre nós, e que o romance de George Ohnet—"O grande Industrial"—nos mostra.

Voltemos ao menino das caixas de phosphoros.

O Fulano era o que se chama em linguagem escolar um indisciplinado. Nos bancos, não ficava de braços cruzados, olhar á fakir a lousa, brincando de s lencio.

Pelo contrario, tinha sempre nos bolsos grãos de milho e de feijões de côres; figurinhas, e outras bugigangas para trocar e vender.

Activo, de uma actividade assombrosa, dizia-nos sempre que preferia levar uma surra diaria a ficar quieto, sentado, uma hora.

Aos poucos foi galgando os annos, até que o perdi de vista. Muito tempo depois, soube que elle era empregado das officinas do artigo industrial Francisco Amaro, o São Chico Amaro, como se dizia naquelles priscos tempos, em que elle fornecia essas maravilhas mechanicas—arcos, columnas, pontes, trilhos, vagonetes, etc. Ahi com São Amaro, o meu ex-collega arranjou um pequeno capital, montou uma fundição, abriu annexo uma serraria, desenvolveu os negocios, augmentou, desdobrou, e, hoje, rico, feliz, é um dos maiores industriaes desta praça.

Toda essa felicidade tudo isso, adveio dos habitos de trabalho, da iniciativa, tudo isso adveio da confiança propria, que só a educação pelo trabalho póde desenvolver e criar.

Eu digo póde criar, porque os esforços feitos com o educando, por me o do trabalho, não são perdidos; esses esforços, feitos nos ancestraes, se manifestam nas tendencias dos filhos e na operosidade das gerações.

Entre nós, ha, numa das nossas escolas normaes, um homem, que, filho de um illustre medico, me contou o seguinte caso:

"Meu pae que foi medico, amava tanto o trabalho manual, que diariamente trabalhava em seu banco de carpinteiro.

Algumas vezes, a chegada de um cliente interrompia-o e se passava esta scena:

Dr. Fulano está?

--Está, sim senhor, queira entrar.

O cliente sentava-se. O carpinteiro entrava, trocava a blusa, e, dahi a momentos voltava o med'co, carinhoso e paternalmente, auscultava e receitava, com alegria do cliente, que recebia duas receitas: a lição de trabalho e a therapeutica para o corpo enfermo."

A esses hab'tos de trabalho, mantidos por seu genitor, attribue, ainda hoje o filho, a sua capacidade de adaptação e o successo de sua vida social.

Finalmente, essas conciusões, sed'ças, estão e são continuamente pregadas na "New Education".

Se nós admiramos os progressos americanos, porque não lhes copiamos os habitos e os systemas de educação pelo trabalho?

A PEDAGOGIA DE KERSCHENSTEINER

Pelo que acabamos de expôr, creio, ficou esboçada, numa como pintura em largos traços, a acção, e as consequencias ultteriores, do emprego do methodo do trabalho manual, embora só o tenhamos focalizado nos jardins da infancia e na escola primaria.

Mas, tão altos são os seus principios e tão profundamente remodeladores da natureza individual que, em 1900, a Allemanha, ante a efficiencia esmagadora desse systema, pe'a voz da Academia de Erfurt, propôz a seguinte questão, que li atravez de Samonatti:

"Que educação civica se pôde dar aos adolescentes durante o periodo que medeia entre sua sahida das escolas primarias—14 annos—e seu ingresso no serviço militar obrigatorio?"

Dentre muitas respostas nenhuma attingiu nem synthetizou tão bem a finalidade social dos jovens como a que apresentou o professor Jorge Kerschensteiner em seu livro "Educação Civica da Juventude Allemã".

E, sob a orientação dos seus grandes principios, organizava o referido professor as escolas de Munich, de que era director geral.

O fim primordial de Kerschensteiner é moral e social. Na escola elle viza, pe'o trabalho, de accôrdo com a explicação que ha muito me referi na escola primaria, formar cidadãos que sejam uteis ao Estado e que o sirvam com intelligencia e bôa vontade.

Para tal fim estabelece a pratica intensiva e extensiva do trabalho manual individual e colectivo; associa os alumnos na disciplina escolar, dá-lhes uma organização social

do Estado Escola. Seu ponto de apoio é a formação do character; formação essa que se inicia desde os primeiros passos do alumno na escola primaria, com o Slojd, e vae se formando cada vez mais até attingir as escolas profissionais e completivas, onde a pratica civica está intimamente ligada ao trabalho commum, aos successos e glorias communs, á cooperação de todos para o bem estar geral.

“Arbeitschulen” foi a denominação que Kerschensteiner deu a essas escolas, porque nellas o factor principal é o trabalho manual e as outras disciplinas são orientadas como se fez o ensinamento do trabalho manual.

Um dos grandes principios pedagogicos apregoados pelo referido mestre—“o valor da nossa educação escolar reside muito menos na cultura da intelligencia que na preparação para o trabalho exacto, consciencioso, completo e bem terminado”—está plenamente demonstrado na pratica mundial, porque o valor do trabalho manual é criar a disciplina moral, a exactidão dos nossos actos, e os habitos de ordem, que nos levam ao dominio do espirito sobre o corpo, á rectidão das acções, á consciencia e á formação do character.

O character não se forma com explicações, maximas, ou tratados de rethorica, senão por meio do trabalho continuo e bem applicado.

Eu dizia ha pouco que a formação civica reside no trabalho de cooperação, e todas as vantagens disso decorrentes podem ser apreciadas por quem quer que seja: o habito de executarem os alumnos o trabalho em conjuncto, fa-los, aos poucos, irmanarem-se nos successos e revezes; dá-lhes o desprendimento altruistico e a satisfação de cooperarem para o bem geral, e a consciencia dos deveres de cada um para o bem de todos; a noção de responsabilidade, a sujeição da ambição de cada um á ambição da classe, o prazer de criar e a noção de Estado, e sua defesa, são idéas que se crystallizam na consciencia da juventude, para desabrocharem depois em obras e actos civicos.

Dessa maneira se forma o character e se cimenta a educação civica, porque “a escola longe de preparar individualidades brilhantes, deve ser uma instituição social e preparar valores moraes”.

Até aqui vimos que a finalidade do Slojd nos jardins de infancia e nas escolas primarias em geral é educar, provocar a manifestação de tendencias artisticas, corrigir as más inclinações moraes e facilitar a manifestação das qualidades que dormem nos recessos do organismo. Mas, terminada esta phase, caracteristicamente educativa,—e que, bem feita, já é muitissimo—entremos propriamente no Ensino Profissional.

O ENSINO PROFISSIONAL

Ha aqui uma séria difficuldade, quanto á classificação dessas escolas, porque sua denominação é ainda um problema; mas, uma vez separado o Slojd do plano educativo, com fins industriaes, podemos classificar as escolas que têm essa orientação, segundo a finalidade da respectiva missão: escolas vocacionaes ou profissionaes, em que se procura encaminhar a aptidão do alumno e em que se lhe dá o fundamento preciso para, em contacto com a industria, desenvolver e attingir qualquer posição; depois as escolas industriaes ou monotéchnicas, que formam o mestre, o professor, o industrial, o gerente, o capataz, o chefe de serviço, etc., e que fecham o cyclo da educação pelo trabalho.

São estas escolas os grandes arados da civilização, que revolvem e fortificam idéas; são barreiras oppostas ás desagregações sociaes, e á infiltração da degeneração moral, que surgiu na Russia e ameaça tragar todo o orbe. Sobre esse ponto, parece incrível, "apezar das diversidades ethnographicas, das tradições sociaes e mesologicas de todos os povos, dos idiomas e religiões, e de outros factores menos importantes na formação do character nacional, nesse ponto de vista todos os sociologos e estadistas são accordes attribuindo e ligando o desenvolvimento e o futuro de cada povo ao gráo extensivo e intensivo da educação technica das suas escolas".

Poder-se-ha dizer: mostra-me as tuas escolas, e eu te direi o que és e o que valerás.

As escolas profissionaes são, na sua organização, e nos seus programmas, a prosecução dos grandes principios do Slojd já expostos, accrescidos aqui dos fins industriaes, para que os moços possam obter um elemento de vida que lhes garanta a propria independencia economica e moral.

Dizer como operam estas escolas seria por demais util; mas, devido ao limitado tempo de que disponho, resumirei: educar os moços no trabalho de associação; dar-lhes idéas precisas de execução e acabamento perfeito; ensinar-lhes o valor do trabalho; mostrar-lhes os interesses do obreiro e os do patrão; a fiel execução dos seus encargos, o respeito aos contractos e a necessidade de concorrer para os progressos da industria, que são tambem os seus e os de sua patria.

Ensinar sempre a arte ou officio por meio de turnos ou estagios em todas as partes em que a materia prima dessa arte ou officio soffra elaborações que tenham ligação ou concorram para o acabamento integral do trabalho que lhe foi confiado para que os jovens logrem a verdadeira inde-

pendencia technica e economica. Alliar ao traba'ho os grandes principios formadores do character, para a formação civica do joven.

A proposito dessa falta de final'dade utilitaria da instrucção e da educação, um escriptor americano, pelo Boletim Pan Americano, de Julho de 1922, faz a seguinte critica á educação americana:

UM TYPO DOS NÃO TREINADOS DA CLASSE CULTA SEGUNDO UM AUTOR AMERICANO

Acabo de me formar em um lyceu. Passo por ser instruido. O Governo me deu professores habéis e apparelhos caros. No emtanto vou dizer umas poucas cousas que não sei.

Eu sei de cór muitos trechos da literatura ingleza, mas se tivesse de pedir um almoço em inglez, creio que seria obrigado a passar fome.

Sou muito habil na conjugação dos verbos francezes, mas se estivesse perdido nas ruas de Paris não saberia perguntar o caminho para minha morada.

Sei achar a raiz quadrada de 3.556.790, mas não sei escripturar o razão do negocio de meu pae.

Sei provar que o quadrado da hypotenusa é igual á somma do quadrado dos cathetos, mas não sei calcular a quantidade de papel necessario para cobrir as paredes da sala, nem avaliar o numero de metros de um tapete para cobrir o assoalho.

Estudei economia politica até que a minha cabeça está cheia de theorias cruas e pa'avras de 7 syllabas; mas não sei o nome, dos vereadores da nossa parochia nem do congressista do nosso districto.

Tive 50 licções de chimica, mas não sei porque devo incluir o a'cool ao meu organismo; nem o que constitue uma dieta equilibrada para um rapaz de minha idade.

Não tenho idéa de qual a especie de solo conveniente para o milho ou o trigo nem de outra qualquer especie de cultura.

Não sei distinguir a peroba da cabreuva e nada sei das plantas e fructos silvestres comestiveis nem dos nomes das grammas, musgos, folhas e flôres communs que se encontram nos bosques onde passeio. Fui approvado com distincção na lingua e literatura maternas, mas não seria capaz de ganhar 50\$000 por mez escrevendo noticias; nem sei mesmo escrever uma carta capaz de ser lida e a minha conversação usual não revela mais conhecimentos que os do vendeiro da esquina.

Nunca ninguém me ensinou a dominar os meus appetites nem me disse porque o deveria fazer; nem me fez vêr a necessidade da disciplina mental, moral e physica, nem a natureza da verdadeira felicidade.

Eu fui educado de accôrdo com as antigas formulas para a producção de um letrado e de um cavalheiro, e verifico que tenho que trabalhar para ganhar.

Não tenho gosto pelo trabalho, nem habitos de economia, nem indole para resistir á tentação, nem habiidade para fazer qualquer cousa que o mundo esteja disposto a pagar.

Em outras palavras, eu sou inteiramente falho de treinamento para a vida”.

Isso é o que se diz de um moço americano, e entre nós?

Quanta razão me assiste quando peço e prégo sejam remodelados os nossos methodos escolares, de modo a serem, meios de preparação, dos jovens para a vida talqualmente ella se nos apresenta: iniciadora, rapida, especulativa e tambem alguma cousa polimata.

ESPIRITO DE TRABALHO

Porém os americanos não só criaram, ha cerca de um seculo, esse espirito de trabalho, como reformaram suas leis sociaes, para que as questões complexas das relações economicas e do trabalho tivessem solução condigna com as necessidades industriaes e commercias do paiz.

Nessa ansia de criar e melhorar o espirito de trabalho, de facilitar a cultura technica, para fomentar as largas industrias e o pezo da exportação, coroaram essa obra gigantesca com a organização do “Laboratorio Technologico” de New York, repartição essa que, dispondo de todo o apparelhamento moderno, que se relaciona com todas as industrias, está aparelhado para responder a quaesquer perguntas sobre methodos e processos economicos de trabalho, rendimento, producção e me'hora de qualquer industria.

Tão alto se tem elevado a grande republica no conceito dos povos civilizados—bastando synthetizar que, apesar de ser a America do Norte o paiz que paga os melhores salarios, e o em que a producção é mais barata e a mais acatada—que o quadro seguinte nos mostra o custo da producção por operario nos principaes paizes industriaes, e a preponderancia americana na vida commercial do mundo:

França, 32 % da producção; Allemanha, 28 % da producção; Inglaterra, 26 % da producção; America do Norte, 18 % da producção.

Esse facto que só por si attesta o valor de seu systema educativo, nos dá idéa completa do plano e da sua acção orientadora, se incidirmos um olhar sobre as consultas dirigidas ao "Gabinete de Technologia":

"Qual é a duração de um salto de couro natural comparada a de um couro synthetico? Existe a'guma formula de applicar esmalte, melhor que a commum? Serve qualquer herba para fazer papel para revistas e jornaes? Póde um motor de aerop'ano funcionar correctamente a uma altura de 3.000 pés? A quantas libras de pressão quebra uma determinada barra de aço? etc."

E, ao par dessas consultas, publica ainda a referida repartição formulas para a preparação de alimentos e receitas economicas para donas de casa.

Durante a ultima guerra criou-se nos Estados Unidos a industria de lentes, crystaes e espelhos; e, sob a direcção dessa repartição, hoje essa Republica é uma das maiores exportadoras desses artigos de commercio, resaltando disso, e do valor desse preparo technico, a importancia do problema da educação profissional e da endrosagem que com elle mantem todos os problemas sociaes e politicos.

"Desde os paizes plethoricamente povoados, que procuram manter na emigração a lei geometrica do crescimento, e necessitam garantir aos seus filhos uma efficiencia technica qualquer, que lhes assegure o successo na nova patria, até os que de população escassa e de ricas fontes de materia prima, em cuja preparação e acondicionamento lograram conquistar mercados; focalizando a preocupação social de ministrar a todos os cidadãos elementos fundamentaes de vida economica e politica", mais se accentua e encarece, na phase actual da civilização, o imperioso dever de criar e espalhar por todos os meios escolas profissionaes, sustentadas pelos Governos e sob sua immediata vigilancia.

Sob essa orientação educativa, parece, caminhariam harmonicamente certos problemas que, até hoje, zombam da argucia dos sociologos e até de doutrinas philosophicas, mais ou menos em voga, porque, taes problemas, como nos mostra Charles Ham, se reduzem á acção previsora e educativa da Escola Profissional.

Acabo de vê-lo provado, mais uma vez, ao lêr e extrahir a obra de Carlos Marx: "O Capital", em que, a par de todas as falhas e criticas do autor, perdida na vastidão das maximas, dos cotejos de doutrinas, e de factos sociaes —elle cita a Educação como o remedio para a solução de todos esses males.

E diz num corolario: "Nenhum objecto póde ter valor se não é util; e, sendo inutil, porque nelie se gastou em pura

perda o trabalho que contem, não cria valor!—maxima que é a base da organização pratica das escolas, e a que responde esta outra:

“A finalidade do ensino deve ser a immediata utilidade, de accôrdo com a vida social”.

Ao rematar a doutrina que expende, doutrina que se poderá reunir em dois ou tres aphorismas sociaes, conclue: “Quando o trabalhador pôde accumular para si mesmo—e só pôde fazê-lo enquanto é proprietario dos seus meios de producção,—a accumulacão e a apropriacão capitalista são impossiveis, por lhes faltar a classe assalariada, da qual não podem prescindir”.

Essa affirmacão, essa conc'lusão, não é mais que o fim que visamos nas escolas profissionaes de verdade: dar a cada um os elementos precisos para que se baste a si mesmo, e seja um elemento de progresso e de evoluçãõ social.

E' c'aro que esse problema, em que se educa e se instrue os homens para que se compre menos e se venda mais, em que se cria a pequena tenda e as grandes industrias, está vinculado á acção previsora e administrativa do Estado e só a elle cabe orienta-la para a regularizaçãõ social e soluçãõ dos problemas attinentes ao capital e ao trabalho.

Essa lucta forte de armar o homem contra a absorçãõ do capital; de conquistar mercados e de os manter, na concurrencia actual, implica na obrigatoriedade de educar e formar o me hor obreiro, o melhor mestre, o me hor industrial, o melhor patrão, para assegurar a victoria social e economica.

Essa foi a marcha que seguiram em seus systemas de educaçãõ publica as principaes raças do mundo.

Na Allemanha, onde cuiminam Kerschensteiner e Van Der Goldt, sob essa orientaçãõ o periodo de escolaridade obrigatorio é dos 6 aos 14 annos; mas, até os 10 annos, essa obrigaçãõ é para a escola primaria ou do povo, como alli as denominam; e, ao attingirem essa idade as crianças, os paes devem informar qual é a carreira que desejam dar aos filhos. Segundo a escolha, technica ou libera, continuam as crianças até aos 14 annos obrigatoriamente, ou sahem aos dez, para frequentar os gymnasios que se devidem:

Gymnasios classicos e reaes que levam ás universidades;

Escolas reaes, que elevam os moços ás escolas superiores de commercio e industrias.

Aquel'es cujos paes querem que sigam profissões technicas, continuam na escola primaria até aos 14 annos; dahi passam para as escolas continuativas, em que se applicam ao Siojd vocacional até aos 17 e 18, e, finalmente, in-

gressam nas escolas industriaes primarias, sem obrigação de frequencia interna diaria, até completarem a educação technica operaria. Mas, se desejam attingir ás altas culminancias nas industrias e no commercio—gerencia, administração, direcção e postos especiaes—encontram abertas as portas das escolas reaes, como fecho dessa admiravel seriação technica.

Mo'dadas pelos grandes principios directores do Kysington Museum, na Inglaterra, mais ou menos como na Allemanha, talvez um tanto irregularmente, dividem-se as escolas em elementares, elementares superiores (para meninas) e de grammatica, para rapazes, iniciando-se as primeiras aos 6 e 7 annos, e as segundas aos 12, com 3 annos de escolaridade em cada periodo.

Em ambos os typos escolares, o curso é composto geralmente, como entre nós, accrescido o programma masculino com trabalhos manuaes, e para as meninas, economia domestica.

Depois da escola elementar passam os rapazes para as elementares de grammatica, ou iniciam o curso profissional nas escolas industriaes diurnas e nocturnas, salvo aquelles que se destinam ás profissionaes literarias, que tem nos gymnasios o derivativo para as suas actividades.

As escolas technicas industriaes são seriadas em primarias e superiores, de modo a facilitar a formação do operario, do gerente, do especialista, do industria', porque não se comprehende uma classe, como a industrial, que é um verdadeiro exercito, sem a preparação dos que a devem dirigir e orientar.

Charbon, Astier e Nicolay, em successivos livros, forçaram a reorganisação do ensino quanto á diffusão e á seriação do ensino technico na França: "O systema escolar francês comprehende escolas primarias e estabelecimentos superiores—collegios, lyceus, endrosados de forma que, terminado o curso primario aos 12 annos, pódem os jovens iniciar os seus estudos nos collegios e attingir as carreiras literarias ou liberaes. Para os que desejam seguir os cursos technicos encontram na França, ao sahirem da escola primaria, cerca de 5.000 escolas profissionaes, denominadas "escolas manuaes para apprendizes", e superiores, com a mesma visão e o mesmo carinho de bem dotar a França de uma sociedade inte'ligente, culta e altamente technica.

Forster, infatigavel trabalhador e propagandista da educação pelo trabalho, criou uma corrente fortemente sympathica a essa educação na Suissa. "Apezar da diversidade dos seus systemas escolares, segundo os cantões, a instrucção começa nos jardins de infancia e segue nas escolas pri-

marias—dos 6 aos 9 annos; depois prosegue nas escolas “continuativas” com 3 annos de duração.

Essas escolas, typicamente vocacionaes, preparadoras para as escolas industriaes, fecham o cyclo educativo primario. Vêm depois as escolas secundarias, preparatorias para as superiores e universidades”. Até aqui temos visto que, em geral, os Paizes mais adeantados procuram e mantêm uma organização escolar de modo a facilitar meios de instrucção technica, abundante e seriada, onde gradativamente, as crianças sóbem até lograrem completa preparação para a vida do trabalho, segundo a sua tendencia e de acôrdo com a obrigação democratica e educativa do Estado.

Umás, menos profundas em suas bases scientificas; outras, mais minuciosas e classicas, segundo o genero de vida a que se destina a criatura, mas todas tendentes a um fim unico—educar preparando para a vida—guardando sempre uma ligação logica em seus programmas.

Entre nós, infelizmente, não ha finalidade: O Jardim de infancia, cuja base é o trabalho manual, seus methodos não têm prosecução na escola primaria. Estas, que se dividem em isoladas e grupos escolares não têm relações continuativas em seus programmas, nem guardam absolutamente pontos de contacto, porque uma criança não pôde passar de uma escola isolada para o anno correspondente do grupo escolar; e o trabalho manual—que é hoje a base da educação e da instrucção—não é motivo de cogitações em nenhuma dessas escolas, salvo alguns exercicios extra programma que os professores dão em suas aulas, por sentirem necessidade de certos trabalhos engenhosos para descanso dos alumnos.

As escolas profissionaes, poucas, raras, difficeis e incompletas, não attendem a decima parte dos pedidos de ingresso. Seus programmas, embora preparem o bom aprendiz, não tiram todo o resultado que dellas se poderia esperar, porque soffrem actualmente uma so'ução de continuidade: a falta da escola completiva, ou de preparação de mestres e officiaes technicos.

E como é importante essa missão!

A's escolas profissionaes cabe muito mais educar os jovens para bem interpretar seus deveres e direitos, de conformidade com os do seu patrão e os da sociedade, que os adestrar no manejo desta ou daquella ferramenta. Ensinar a falquejar simplesmente pelo falquejar, ou para disso tirar a escola pingues lucros, de que o Estado não pôde nem deve se apropriar, não é missão de escola. A mocidade trabalhadora, sem educação technica, de qualquer modo, em qualquer officina a obterá, no fim de mais ou menos tempo; mas, sua defesa moral contra os prégadores de doutrinas in-

fames, sua defesa contra a infiltração de doutrinas geradas nos cerebros maus de estrangeiros, que exploram a bôa fé e a ingenuidade da nossa gente, isso sim, isso é tarefa escolar, é medida de defesa social.

Forster, na "Educação civica dos jovens e adultos" nos mostra que ás escolas profissionaes cabe unicamente quasi essa tarefa, porque salva e prepara as modernas gerações civicamente para a Patria una e cohesa. E accentua mais que o facto de não cumprirem os operarios com a sua tarefa de accôrdo com a palavra dada, e tambem o de encararem os seus patrões e industriaes como inimigos, tudo isso é causa de penuria em que vivem e de muitos problemas sociaes não terem ainda solução condigna.

Exemplo: Quando qualquer industrial, qualquer de nós, necessita de um operario, annuncia e contracta-o. Mas, ao contracta-lo, a pessoa que delle necessita, entrega-lhe muitas vezes um aparelho ou machina que vale dezenas de contos. E que garantia nos dá, o recém-contractado? Nada! Apenas a sua promessa vaga e de bem fazer o serviço...

Tempos depois, por qualquer motivo, real ou imaginario, abandona a officina, ex-abrupto, deixa-nos no meio de compromissos que elle nos fez assumir, e vae fazer o mesmo a outro patrão que delle carecer. E é bom quando não nos estraga peças insubstituiveis de certas machinas, ou não as destróe perversamente!

Criar uma geração incapaz desses actos é que é missão da escola. O trabalho é o meio de que nos devemos servir para bem educar os jovens, para que sejam uteis a si, á familia e á Patria. E a carencia da finalidade é flagrante em nossas escolas primarias! Seus alumnos, ao deixarem o curso, são falhos e incapazes de occupar qualquer emprego digno. A não serem cargos infimos, que não lhes pôdem bastar, nem preencher suas necessidades futuras—occasionam taes occupações uma legião de moços incapazes de progresso proprio e de eficiencia social. Porém, mais do que todas essas falhas aqui apontadas, pela falta de finalidade no ensino dos grupos escolares, outras lacunas apparecerão, mais tarde, nas queixas dos incapazes de lutar, na falta de civismo, no numero crescente de impreparados, e na pobreza do Estado que deixou de receber a cooperação das gerações, perdidas pela falta de preparação eficiente.

"Nunca o problema de ensinar e educar o povo de modo a assegurar-lhe meios de vida propria e de independencia moral, foram tão necessarios nem mais diffundidos, que na época actual. A historia da civilização nos mostra a preponderancia dos povos industriaes, daquelles que souberam sempre encarar a resolução das questões sociaes, e econo-

micar, empregando a educação como derivativo de todas as questões atinentes á vida e á sua evolução, e como arma do dominio e preponderancia. Nas mutações sociaes, que desde os mais remotos tempos transformaram os ideaes e alargaram os ambitos moraes dos povos, quer na esphera do bem estar material, quer nas novas concepções do direito civil e politico, não se encontra um periodo de agitações como a que se manifestou desde a guerra de 1914.”

Esse aperfeiçoar de methodos e processos educacionaes, principalmente focalizando a diffusão das artes e das industrias, reconhece que a Escola primaria—para a população que ha de continuar sua vida nos centros de producção, que forma sempre a maioria de uma nacionalidade, e no interesse da propria existencia do paiz e de sua importancia economica—deve orientar-se pelos novos methodos educativos do trabalho, para poder formar uma classe apta a affrontar a concorrência actual, a lucta pelos mercados e garantir a manutenção da tranquillidade interna.

“A importancia crescente da doutrina que determinou a obrigação de o Estado zelar pelo individuo quanto a sua origem, sua natureza e seu destino; o dever de educar o cidadão e defender sua formação physica, moral e intellectual, para que todas as classes sociaes cooperem na resolução dos problemas politicos, e na vida do Estado”, dão aos trabalhos manuaes e á escola primaria uma importancia tal, que os grandes paizes europeus e americanos, numa ansia de se refazerem e de se prepararem, remodelam todo o aparelho escolar e praticam o trabalho manual, em todos os ramos, e em todas as suas modalidades, como fundamento da educação popular.

ESTATISTICA

Nos Estados Unidos, ha cerca de quinze mil escolas profissionaes, vocacionaes, industriaes, monotecnicae e polytechnicas; na França, 5 mil escolas abrem suas portas a uma população avara de subir e dominar; na Allemanha, só em Munich, 2.800 escolas cooperam para a sua supremacia industrial; na Inglaterra, na Austria, na Italia, na pequena Suissa, que conta 2.470 escolas vocacionaes, ou de educação pelo trabalho, todas tendem a manter a influencia de cada nação na lucta cada vez mais forte, para o bem estar de seus povos. Para nossa edificação basta apresentar a seguinte estatistica:

SUISSA, 2.470 escolas profissionaes; 4 milhões de habitantes, ou uma escola profissional para cada grupo de 1600 almas, não contando as escolas superiores.

ALLEMANHA, uma escola profissional para cada 3 mil habitantes.

FRANÇA, cinco mil escolas profissionaes, ou uma para cada 8 mil habitantes; e na Tscheque Slovaquia, mil escolas por 14 milhões, ou uma para cada 14 mil habitantes.

SÃO PAULO, uma escola para cada 50 mil habitantes!

Conta o economista Frank Vanderlip—como diz Samonatti—a respeito da superioridade do trabalho industrial allemão: “Fiz um estudo minucioso a respeito das bases originarias do triumpho economico da Allemanha; e, ao fazê-lo, cheguei a firme convicção de que esse phenomeno tem como causa directa e fundamental o systema educativo ao que ajusta e subordina a preparação do povo. O mestre escola é a solida pedra angular em que descança os progressos communaes e industriaes”.

O ensino está alli intimamente relacionado com a solução economica como não está em nenhum outro paiz europeu ou americano.

E acrescenta: Em visita á fabrica X, seu proprietario mostrou-me certa peça manufacturada em suas officinas: esse é material inglez; eu o mando vir pagando todas as despesas de importação; trabalho-o, dou-lhe forma, preparo-o, e ainda reexporto para a mesma Inglaterra, vendendo-o a preços mais baixos que os seus similares inglezes.

Mas, perguntei-lhe, qual a causa disso?

—A causa, é que nesta peça ha cerebro, palpita uma alma na sua execução. E' o gosto e o trabalho intelligente que a faz vencer.

Paraphraseando o Dr. Jorge Fisher:

“Na nova idade requerem-se homens equilibrados e de dominio proprio.

Por consequencia a educação ha de preoccupar-se especialmente do processo que leva ao exercicio de cooperação, associando o espirito e a mão para a preparação de homens efficientes e optimistas.

Esta educação orientará a hygiene corporal e espiritual para a nova concepção da hygiene collectiva; guiará os homens na escolha dos leaders sociaes e na organização do estado.

A nova educação fará o homem harmonico de corpo e espirito, esbelto, recto, docil, entusiasta, alegre, honesto, imaginativo, com dominio sobre si mesmo, casto, compadecido de seu semelhante, justo, levando a Deus no coração”.

PSYCHOLOGIA E PEDAGOGIA

ANTHROPOLOGIA PEDAGOGICA

Muito se tem falado nestes ultimos tempos de uma pedagogia scientifica, isto é, de uma pedagogia que encerra em si um complexo de leis que devem conduzir o homem a viver em harmonia perfeita com todos os progressos praticos das sciencias e fazel-o verdadeiramente feliz.

Livre dos ferreos laços da metaphysica, procura a pedagogia firmar-se na biologia e, recebendo as influencias beneficas dos conhecimentos cosmicos, physicos e sociaes, reformar seus methodos e fornecer ao individuo os meios indispensaveis para preparar e melhorar a propria existencia no seio da natureza, da familia e da sociedade, na phrase eloquente de Angiulli.

Uma grande transformação se opera; e a sciencia, fornecendo os meios precisos para uma tal transformação, faz com que novos horizontes se abram, fecunda e pacifica seja a evolução da grande reformadora da humanidade.

A anthropologia, historia natural do genero humano, tendo por fim, como dizem, reunir e coordenar todos os documentos, notas e observações feitas sobre a especie e sobre a raça, para elaborar a synopse da natureza corporea e mental do homem, assim como a historia de todo o decurso de sua existencia e de todo o seu progressivo desenvolvimento physico e moral, não podia ficar de parte e si bem que por muito tempo esquecida, vai dia a dia ganhando terreno e influindo de maneira preponderante sobre todas as questões pedagogicas.

Como estabelecer leis sobre o desenvolvimento physico e mental do homem, como adaptar methodos e principios educativos a naturezas physiopsychicas diversas, como resultados satisfactorios, sem o conhecimento profundo da natureza humana?

Como conhecer essa natureza em todas as suas innumerables variações e manifestações sem o conhecimento fornecido pela anthropologia que mostra a verdadeira posição do homem na serie animal e que estuda, em toda a sua belleza, as relações existentes entre o organismo e suas funcções?

Como determinar leis geraes, normas absolutas, applicaveis a paizes e povos sem o conhecimento dos caracteres distinctivos das raças e dos varios grupos ethnicos?

Si, como justamente pensa Alfredo Fouillée, a instrucção e a educação devem ter um caracter inteiramente nacional, isto é, devem prefixar e manter, o mais possivel, a integridade mental e physica de uma nação, é evidente que os

dados anthropologicos e ethnographicos constituem, juntamente com os historicos, o ponto de partida donde deverá nascer uma pedagogia verdadeiramente nacional.

O conhecimento das leis biologicas do desenvolvimento individual, é, segundo Enrico Morselli, talvez o mais necessario de todos para a constituição de uma boa e sã pedagogia. Como poder chegar esta ao seu fim ignorando que as faculdades humanas, quer physicas ou mentaes dependem de uma evolução regular, cuja harmonia não deve ser perturbada em sua minima parte e sim escrupulosamente respeitada?

E ahi não está a anthropometria permittindo medir as faculdades physicas do homem, susceptiveis de redução quantitativa numerica, homogeneas e comparaveis, como por exemplo—a estatura, o peso, a forma, o volume e outros caracteristicos da cabeça, as proporções do corpo, capacidade vital, força muscular, pulsação, respiração, poder visivo, corcs do cabello e pellos, cor da pelle e olhos, etc., etc., todos estes caracteristicos physicos e physiologicos que permittem estabelecer os limites entre os quaes se estende a variedade humana, tanto entre as diversas especies, quanto entre os innumerous individuos que compõem uma população.

E é pouca a influencia exercida na educação pela hereditariedade, com suas leis anthropologicas relativas á conservação e transmissão dos caracteres physicos e psychicos e influindo poderosamente na constituição do character, da vontade e da conducta?

E o poder da hereditariedade não se exerce exclusivamente sobre um individuo, mas sobre a especie, sobre a raça, modificando-a pela transmissão das aquisições de cada um.

E é por isso que encaramos hoje a anthropologia, não com aquella indiferença de outr'ora, mas como uma sciencia de real valor, pois, é ella que, no dizer do Dr. Pizzoli, indaga a origem e a evolução humana e segue no individuo e na collectividade todas as variações dos caracteres corporeos de forma e de funcção, do modo de vida, do uso, da mentalidade e das relações sociaes, que o homem tem apresentado e apresenta atravez do tempo e do espaço, nas differentes edades, nos dois sexos, nas raças, nas condições e nos ambientes diversos.

O exame scientifico, fazendo distinguir perfeitamente os caracteres anthropologicos normaes dos anormaes e estabelecendo os limites entre os quaes o typo pode considerar-se ainda normal, dá-nos base sufficiente para julgarmos

si o educando herdou caracteres que o distanciam do typo humano medio nas mesmas condições de raça, de sexo e de idade.

A pedagogia moderna, com o nome de scientifica, não poderia dispensar o apoio da anthropologia pedagogica que, diversa da anthropologia geral e dos ramos affins da anthropologia applicada (criminal e medica) abraça toda a humanidade, cuidando especialmente daquella normal, observando, diagnosticando e tendo por fim uma vasta, racional e verdadeira hygiene humana.

Quando Lombroso, com seus profundos conhecimentos, procurou transformar os carcereiros em manicomios, que vantagens poderiam advir dahi para a humanidade, se o mal, embora isolado, continuava e a regeneração não apparecia?

O intricado problema social da criminalidade, da morbilidade e da degenerescencia necessitava ser resolvido de uma maneira mais scientifica e mais humana.

Encarou-se então a criança. Tomou-se a escola como campo de acção. Fizeram-se experiencias. Estudou-se o homem na sua realidade vivente e a sciencia no seu verdadeiro campo pratico. Classificaram-se individuos. Surgiram os deficientes com um numero extraordinario de subdivisões. Crearam-se methodos e processos especiaes. Revolveu-se tudo e com Giuseppe Sergi surgiu a idéa de se aproveitarem os conhecimentos anthropologicos para applicações pedagogicas.

E' um estudo novo e interessante este dos caracteres da criança, escreve Montessori, que differem extraordinariamente daquelles do adulto, constituindo verdadeiros caracteristicos infantis. O homem, crescendo, se transforma; o proprio corpo não soffre unicamente uma transformação no volume, mas uma evolução profunda na harmonia das partes, na constituição dos tecidos; assim a personalidade physica do homem não cresce, mas desenvolve se, como a predisposição da morbilidade varia segundo a idade do individuo pathologico. Para typos anormaes que se agrupam hoje sob a denominação geral de deficientes, para aquelles pathologicos que se apresentam escrofulosos ou rachiticos, occorrem indubitavelmente escolas e methodos de educação especiaes.

Si a anthropologia criminal soube modificar uma pena na sociedade moderna, nós com o conhecimento que nos fornece a anthropologia pedagogica, poderemos prevenir as consequencias fataes da degeneração e da morbilidade, transformando o individuo por meio de uma conveniente educação em escolas especiaes.

Só por esta maneira o mal poderá se extinguir ou pelo menos ficar attenuado.

E' este um ideal em anthropologia, reconhecemos.

Mas, temos esperanças que, com o progresso desta sciencia e com o preparo scientifico dos educadores, a anthropologia pedagogica virá em grande parte substituir a anthropologia criminal, e que as escolas para deficientes substituirão, em pouco tempo, os carcerees e os hospitaes.

A anthropologia abre, como se diz, á pedagogia um campo novo, fecundo de verdade e de vida, donde germinará uma grande força que ha de resolver o grande problema da redempção humana.

E ao professor cabe encarar, por um prisma real e sem magia, todas estas questões novas que se levantam ao progredir das sciencias e jamais se esquecer de que a missão do mestre é hoje aquella de, estudando scientificamente a criança, reformar a escola e assumir uma grandiosa maternidade social, destinada a proteger não só os individuos normaes como anormaes, entregando á sociedade o maior numero possivel de bons cidadãos.

PEDRO DEODATO DE MORAES.

Ex-cathedratico de Pedagogia da Escola Normal de Casa Branca

EDUCAÇÃO DO PENSAMENTO

(Excerptos)

Depois de indicados os exercicios typicos para a formação commum da maginação, e do raciocinio, passemos a considerar os exercicios especificos da imaginação criadora.

Esta se dirige e se desenvolve como qualquer outra faculdade mental. Bastará que a exercitemos, respeitandolhe as leis. Estes exercicios derivam da mesma natureza da imaginação criadora.

Vejamos os mais caracteristicos.

Não nos esqueçamos de que a imaginação criadora é o nome de duas funcções mentaes inconfundiveis: a imaginação artistica e a imaginação industrial. Emquanto a primeira se especifica pela consciencia da belleza, a segunda, pela consciencia da actividade. São dois factos inteiramente diversos. E, por isto, os exercicios educativos da imagina-

ção não de ser diferentes, conforme a especie da actividade imaginativa que se quer desenvolver.

O exercicio basico fundamental realizavel todos os dias, é a reconstituição mental da actividade criadora das imagens. Encontramos, por exemplo, na leitura, de uma conferencia, esta imagem:

“As scintellas de Washington e Paris não tardam em crepitar nos ares do Prata”.

O leitor descuidado a lê e passa, as vezes nem repara na belleza e na graça do dizer, quer chegar depressa ao fim. Quando muito acha bonita a expressão; mais nada. Momentos depois, já se não recorda da imagem.

Leituras assim não desenvolvem a imaginação. O contrario se daria, si o leitor reconstituisse, mentalmente, o trabalho provavel com que o escriptor teria criado as imagens. A reconstituição se daria segundo as leis que presidem a função mental criadora. E', primeiro, a realidade do que se trata. No caso figurado, a realidade, eram as revoluções norte-americana e franceza. E', segundo, um dos aspectos dessa realidade, aspecto que se destaca segundo a terceira lei da analyse já conhecida. Na hypothese, o aspecto analysado ou abstrahido, deveria ter sido o ideal, os principios, os enthusiasmos da liberdade que animaram aquellas revoluções. E' por fim, a evocação, alguma cousa despertada pelo attributo que se analysou. No caso vertente, a evocação foi scintella. Ella se produziu segundo a lei de similhaça, ou associação por similhaça, já estudada. E porque o escriptor substituiu a causa notada e abstrahida na realidade que cria, pela imagem evocada? Sem duvida porque achou que seria mais bella, mais de relevo, mais eloquente a expressão? E tem razão. Basta que se compare a phrase: “as scintellas de Washington e Paris” que não tardam em “crepitar nos ares do Prata”, por expressão que reflectisse sem imagens a realidade observada. Por exemplo isto:—os enthusiasmos ou as razões das revoluções norte-americana e franceza não tardam em se fazer sentir na Argentina.

Depois disto, é que se admira a belleza da imagem. Exercitemos a nossa imaginação criadora, reproduzindo o trabalho provavel do cerebro alheio. As restaurações que assim fizermos varias vezes ao dia importam em ampliar o nosso poder mental, em adextral-o, em tornal-o cada vez mais capaz. E' exercicio que se realiza mais depressa do que o tempo gasto em descrevel-o.

De par com estes exercicios cumpre realizar dois outros que o completam.

A. DE SAMPAIO DORIA.

METHODOLOGIA

Secção dirigida por José Ribeiro Escobar,
Lente da Escola Normal da Capital.

O APRENDIZADO INDUCTIVO

A MARCHA DO CONHECIMENTO

Nossos pensamentos theoreticos e praticos têm por fim explicar o Mundo e o Homem. Nossas especulações tentam prever os acontecimentos para supportal-os melhor ou modificá-los; e, para isso, precisamos obter conhecimentos sobre os seres. Methodo é a marcha que o espirito segue para adquirir conhecimentos.

Como um ser é muito complexo para ser conhecido, decomponho-o em acontecimentos ou phenomenos que apresentamos e substituímos o conhecimento dos seres pelo dos phenomenos.

Seja um disco de metal que queremos conhecer. Elle tem propriedades sonoras, luminosas, etc, que produzem estes phenomenos: som, cor, etc..

Sabemos de seus phenomenos— côr, extensão, movimento, etc.,—porque o disco, por intermedio da luz, exerce uma impressão sobre o órgão da vista; sabemos do som, porque exerce impressão, por meio da vibração do ar, sobre o órgão auditivo.

Essas impressões são recebidas pelos olhos e pelos ouvidos e levadas pelos nervos optico e auditivo ao cerebro.

O espirito soffre uma modificação sensível ou uma sensação (que deixa uma imagem), isto é, experimenta o phenomeno sensível da visão e da audição.

O espirito tem consciencia desse phenomeno, isto é, conhece a sensação, ou melhor, a imagem; o espirito conhece, percebe o disco, que elle crê real, isto é, percebe a côr, a extensão, o movimento, o som, etc, que occasionaram a imagem; e temos então a ideia. A ideia proferida ou escripta se chama termo.

Si relacionamos varias ideias, como “disco”, “é”, “circular”, e dizemos: “O disco é circular”, é isto um “juizo”. O juizo proferido ou escripto é uma sentença.

Si raciocinamos com varios juizos como estes: “O meu disco roda”, “O disco de Antonio roda”, “O disco de Luiz roda” etc., tiramos uma conclusão: “Todos os discos rodam”; o resultado deste rociocinio é uma illação ou inferencia.

E' assim que conhecemos as cousas. Mas o conhecimento tem tres graus, tres etapas ascendentes. Vejamol-as.

Si observamos os phenomenos—a extensão, a côr, a reflexão da luz, etc; ou si os comparamos— a extensão da circumferencia é pouco mais de tres vezes a do diametro; ou si os experimentamos—pondo o disco ao fogo e vendo a sua dilatação; por esses processos temos o simples conhecimento dos phenomenos que se chama empirismo. E' o primeiro grau do conhecimento.

Um phenomeno vem sempre acompanhado de outro. Si verificamos muitas vezes que “a relação do angulo de incidencia da luz e o angulo de reflexão é constante”, no disco e em todos os corpos nas mesmos condições, essa relação constante entre os phenomenos é uma lei. A reunião das leis se chama sciencia: é o segundo grau do conhecimento; a sciencia dá o como das cousas. Ha sete sciencias (Comte): mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia, moral. A arte é a applicação da sciencia por meio de regras.

Si relacionamos as leis, temos os principios. A reunião dos principios se chama philosophia, que dá o porque das cousas; é a synthese final de todas as sciencias e de todas as artes, o ultimo grau do conhecimento.

Durante muito tempo a humanidade esteve na phase do empirismo, apenas conhecendo os phenomenos, sem as relações constantes; as leis só appareceram com Thales e a escola pythagorica: veiu depois a philosophia.

Eis o resumo do que dissemos, isto é, a marcha que o espirito segue para adquirir conhecimentos: Os seres ou cousas não podem ser conhecidos em si, em substancia, mas têm propriedades que os tornam capazes de produzir phenomenos (como: numero, extensão, movimento, peso, luz, som, combustão, ou respiração, revolução, vingança); os phenomenos impressionam os sentidos, e por meio das sensações produzem as imagens; as imagens por meio da percepção se transformam em idéias; as ideias por meio das relações formam os juizos; os juizos, pelo raciocinio, as illações; as illações, por meio dos processos (observação, comparação, etc.) dão o empirismo, conhecimento dos phenomenos ou factos; o empirismo, por meio do methodo, se torna sciencia, conhe-

3. exemplo: num rio, os alumnos vêem varias terras, todas cercadas de agua por todos os lados, aprendem que ellas se chamam ilhas e tiram a definição: "ilha é uma porção de terra cercada de agua por todos os lados".

4.º exemplo: destas observações particulares—"Antonio é mortal", "João é mortal", "Pedro é mortal", eu posso generalizar, induzir esta verdade: "Todos os homens são mortaes".

Mas se o espirito parte dos principios para as leis, ou das leis para os phenomenos e factos, afim de comproval-os ou applical-os; ou das regras para os factos ou exemplos; ou das definições para os factos ou cousas; e emfim, de verdades conhecidas para dellas tirar outras novas—o methodo é deductivo.

1.º exemplo: sabendo esta lei "todos os corpos caem no vacuo com a mesma velocidade", sei, por deducção, que o papel e o chumbo, ou a madeira e a cortiça, ou o diamante e a penna, caem no vacuo com a mesma velocidade.

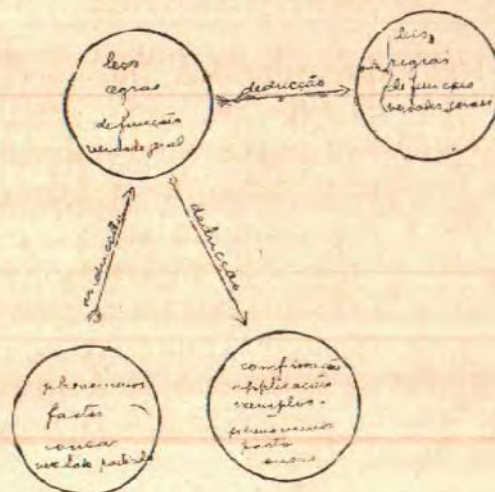
2.º exemplo: tendo-se ensinado que todo nome proprio começa por maiuscula, dirá o alumno, por deducção, que Alberto se escreve com A maiusculo, Brasil com B maiusculo.

3.º exemplo: sabendo o alumno que ilha é uma porção de terra cercada de agua por todos os lados, por deducção dá exemplos, mostra no mappa ou no taboleiro de areia as ilhas.

4.º exemplo: sei a verdade geral "Todos os homens são mortaes"; ora, Bento é um homem, logo Bento é mortal; tiro esta verdade por deducção.

5.º exemplo: destas leis, verdades geraes, "a somma dos angulos ao redor de um ponto acima de uma recta é igual a dois rectos", e "são eguaes os angulos alternos—internos, os correspondentes de parallelas cortadas por secante" tiramos esta outra lei, tambem verdade geral "os angulos internos de um triangulo são eguaes a dois rectos".

Schematizemos:



A indução parte do particular para o geral, do concreto para o abstracto, dos sentidos para as ideias e portanto do mundo exterior, objectivo, do não-eu, para o mundo interior, subjectivo, para o eu: vemos nos graphics que segue um caminho ascendente.

O deductivo parte do geral para o particular, do abstracto para o concreto, das ideias para os sentidos: nos graphics segue um caminho descendente ou horizontal.

Em geral, a indução é o methodo para adquirir conhecimentos e a deducção para verificar a verdade das leis induzidas; mas a deducção tambem serve para a obtenção de conhecimentos. O emprego de um methodo não exclue o de outro, pois se um descobre outro comprova e applica. Pelo methodo inductivo se constituíram a astronomia, a physica, a chimica, a biologia, a sociologia, a moral, nas quaes tambem se empregou o deductivo; pelo methodo deductivo se desenvolveu a mathematica, mas esta, em suas remotas origens formulou suas primeiras noções ou preceitos inductivamente, pois ahi as induções são quasi sempre espontaneas.

Processo é o meio particular na applicação do methodo. Ha os processos de observação, experimentação, comparação e generalização, pertencentes ao methodo inductivo; e os processos de hypothese e de intuição (a immediata apprehensão das primeiras verdades) pertencentes ao deductivo.

A nossa marcha foi "induzir para deduzir, afim de construir". Agora podemos modificar os acontecimentos, porque conhecemos os seres, pois queriamos "conhecer para prever afim de prover."

ITINERARIO REAL

Crê-se que o individuo, physica, intellectual e moralmente é uma recapitulação da especie, isto é, a ontogenese é a reprodução da phylogenese; portanto o individuo deve seguir, para aprender, a mesma ordem que a humanidade seguiu.

Ora, vimos que a humanidade seguiu o methodo inductivo, passando pelas etapas do empirismo, da sciencia e da philosophia; e seguiu o deductivo para comprovar; logo, o educando seguirá esse methodo inductivo com essas mesmas phases, e o deductivo: a educação será uma recapitulação abreviada da civilização, reproduzirá o processo evolutivo das sciencias e da humanidade.

Além disso, a marcha mental de aquisição de conhecimentos é a mesma para o sabio que vae descobrir e pa-

ra o alumno que vae redescobrir: o apprendizado será inductivo e depois deductivo.

No emtanto, o methodo deve estar de accordo com a evolução historica, disposição e função dos orgãos cerebraes. Uma lição, além de seguir o plano geral inductivo, tem que obedecer a outras leis psychologicas relativas á attenção, á memoria, á associação, á percepção, ao raciocinio, á analyse, ao interesse, á fadiga, etc. Assim, o methodo, além de ser inductivo, deve ser, conforme os casos, objectivo, analytico, activo, manual, interessante, etc., como veremos mais tarde.

Mas podemos desde já dizer que, quanto á attenção, o methodo consiste em provocar, manter e fazer evoluir a attenção espontanea.

Quanto á associação—em escolher dispor e expor as materias de ensino; e partir do conhecido para o desconhecido; em ter um proposito definido.

Quanto á percepção—em partir do todo para as partes, em fazer analyses successivas; em ir do concreto para o abstracto.

Quanto á memoria—em associar o maior numero de memorias parciaes; em fazer recapitulações, repetir, fazer summaries.

Quanto ao raciocinio—em ir dos phenomenos para as leis, dos factos para as regras, dos seres para as definições, isto é, em ir do particular para o geral, em induzir; depois em deduzir.

Quanto á consciencia—em quanto possivel, tudo aprender atravez da percepção e do raciocinio.

Quanto á actividade—em realizar os pensamentos, em aprender pelo trabalho pessoal, em aprender fazendo, em aprender todas as materias atravez da actividade mental e atravez dos trabalhos manuaes.

E assim por diante.

Em certas materias, como calligraphia, desenho, gymnastica, trabalhos manuaes, não se emprega o methodo inductivo, porque ahi o trabalho é muscular, não se chega a uma definição, regra ou lei geral. O mesmo se dá com as mate-

rias expositivas, como a historia, que se fundam na informação alheia. Na mathematica o methodo inductivo deve ser applicado nas classes elementares e depois combinado com o deductivo, com preponderancia deste, no curso secundario.

Resumindo o aprendizado inductivo: em todas as lições, é preciso partir dos seres para as definições, dos factos para as regras, dos phenomenos para as leis, isto é, do concreto para o abstracto, dos sentidos para as ideias, do composto para o simples, do conhecido para o desconhecido, do mundo exterior ou "não-eu" para o mundo interior ou "eu", do particular para o geral.

Façamos o espirito do alumno percorrer essa rota batida, esse itinerario real. Assim:

1—Apresentamos objectos ou seres aos alumnos; si possivel: cada um deve ter um exemplar; ou cada um deve construil-o; ou cada um deve procural-o ou apresental-o espontaneamente.

2—As propriedades dos seres produzem phenomenos; os phenomenos impressionan os sentidos e deixam imagens; as creanças percebem as imagens ou os seres e têm ideias sobre os seres; o professor agora dá os termos, os nomes, ás ideias.

3—Os alumnos relacionam as ideias em juizos e formam sentenças.

4—Os alumnos raciocinam com essas sentenças e tiram illações.

5—Os alumnos observam (ou experimentam) e comparam os phenomenos, os factos e as cousas, e só obtem conhecimentos empiricos; generalizando, induzem a lei, a regra, a definição, obtendo conhecimentos scientificos.

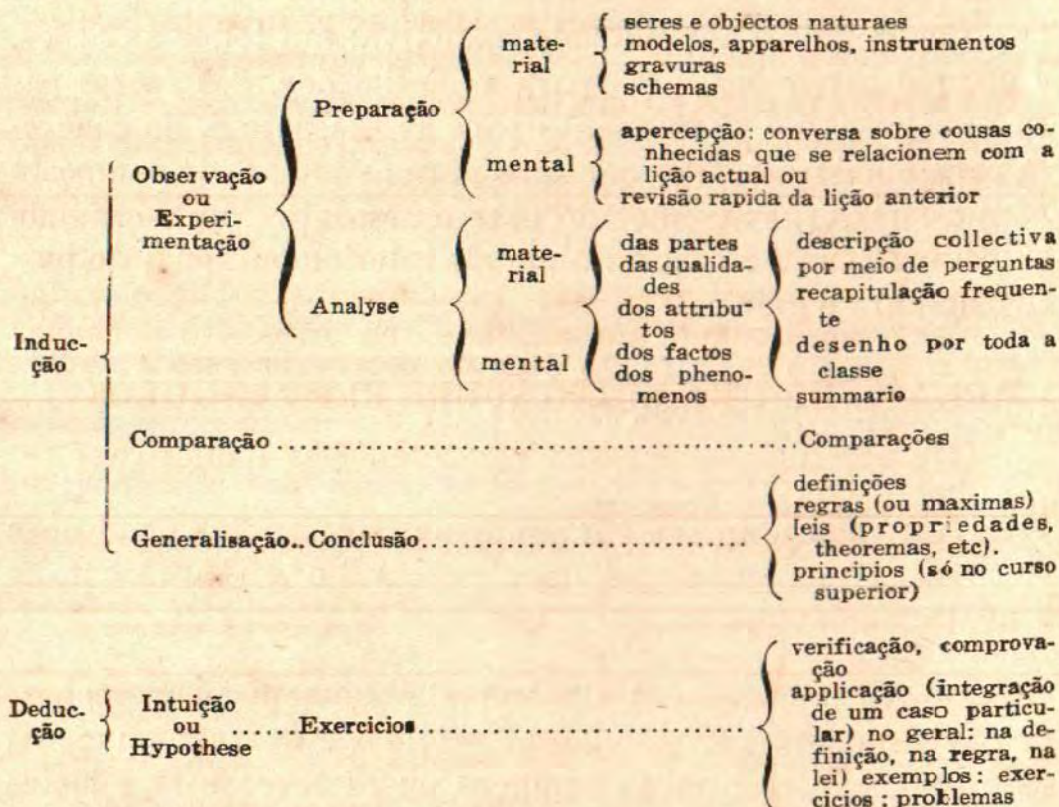
6—Os alumnos fazem applicações, deduzem os exemplos.

Daremos em seguida um plano geral de lições inductivas, um plano particular para uma aula sobre o rectangulo, e essa aula sobre o rectangulo.

PLANO GERAL DE LIÇÕES INDUCTIVAS

(De accordo com a marcha do conhecimento, isto é, com o methodo inductivo e deductivo e seus processos.)

METHODOS PROCESSOS MOMENTOS



CRITERIOS

- APRENDIZADO EDUCATIVO:** educar a percepção, o raciocinio, a vontade, o senso esthetico e moral, etc.
- APRENDIZADO ACTIVO E INDIVIDUAL:** cada alumno faz tudo: todas as lições, todos os exercicios, todas as experiencias, descobre as definições, as regras, as propriedades, exemplifica, apenas guiado pelo prof.
- APRENDIZADO MANUAL:** todas as lições devem ser aprendidas através dos trabalhos manuaes, desenho, slojd, cartonagem, modelagem, etc.
- APRENDIZADO INDUCTIVO:** diante dos seres, partir das cousas, dos exemplos, dos factos para as definições, as regras, as leis.
- APRENDIZADO OBJECTIVO:** partir do concreto para o abstracto.
- APRENDIZADO ANALYTICO:** partir do todo para as partes.

APRENDIZADO DEDUCTIVO: fazer applicações, exemplificações, comprovações.

APRENDIZADO CONSCIENTE: quanto possivel, tudo deve passar pela percepção e pelo raciocinio do alumno. Apellar para o senso critico; verificar si a lição está sendo comprehendida.

APRENDIZADO ATTRAENTE: despertar e manter a atenção espontanea, fazer a classe agir, inventar, palear, ver e manejar objectos, fazer surpresas.

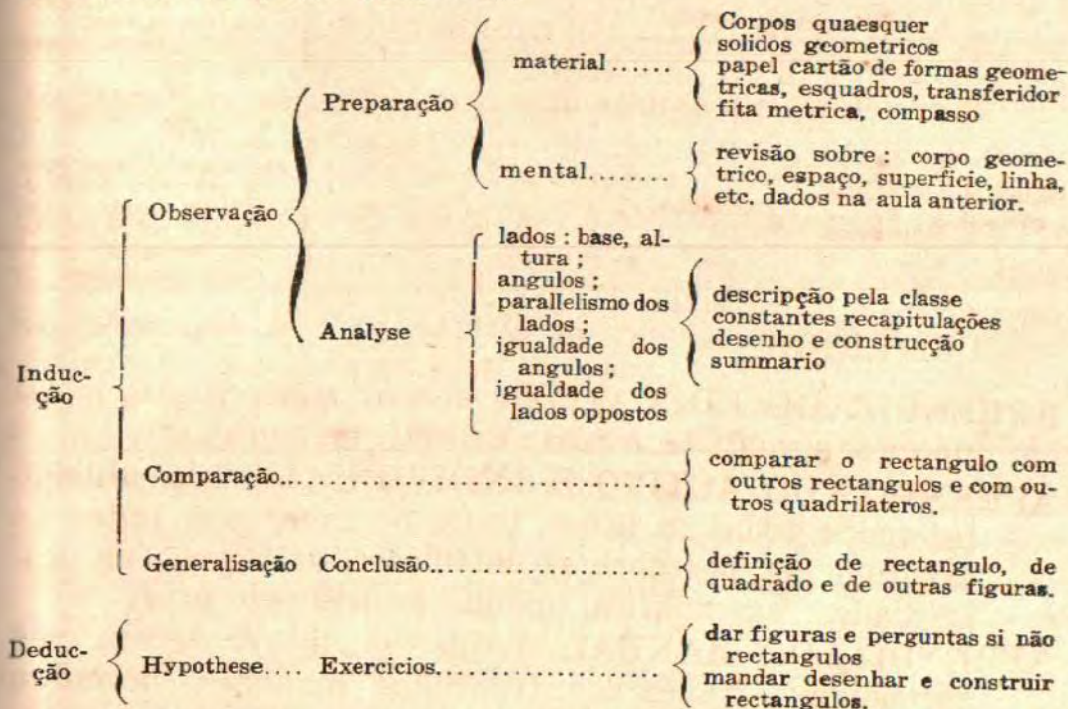
APRENDIZADO MNEMONICO: interessar o maior numero de actividades sensoriaes e perceptivas; mandar repetir; recapitular, fazer summarios.

APRENDIZADO ASSOCIATIVO: passar do conhecido ao desconhecido; ligar os conhecimentos novos aos anteriormente sabidos; recordar rapidamente a lição anterior; não divagar; ter unidade, um proposito definido.

PLANO DE UMA LIÇÃO SOBRE RECTANGULOS

(De accordo com o plano geral de lições inductivas).

METHODOS PROCESSOS MOMENTOS



CRITERIOS:

APRENDIZADO EDUCATIVO: desenvolver o sentido tactil (corpos geometricos), muscular (construcção) e outros; habituar a observar, a analysar, a abstrair (superficies, angulos, linhas, etc.) a generalisar (a definição é tirada pelo alumno); cultivar a linguagem, o senso esthetic e moral, o sentimento civico.

UMA AULA SOBRE RECTANGULOS

Preparação: REVISÃO:

Prof.—(á classe). Isto é um corpo geometrico (um prisma) a carteira é um corpo geometrico.

—Que é isto?

Maria—E' um corpo geometrico.

Prof.—Quem é capaz de me mostrar um corpo geometrico?

Dulcinéa—Esta bola é um corpo geometrico.

Jacy—A mesa é um corpo geometrico.

(A classe começará a fazer o summario). Assim o prof. diz: Escrevam no papel: Corpo Geometrico.

Com um parallelepido na mão: Isto que rodeia o corpo chama-se espaço.

Prof.—Quem é capaz de mostrar o lugar em que o corpo se separa do espaço?

Emilia, passe a mão no lugar em que termina o corpo e começa o espaço.

Mostrem na carteira, os lugares em que ella se separa do espaço. Vamos dar um nome a esta separação; chama-se SUPERFICIE. Quem me repete essa palavra?

Jandyra—Superficie.

Prof.—Passem a mão nas superficies da carteira, da mesa, do livro, da parede, etc. Escrevam essa palavra nos seus papeis. (Mostrando um parallelepido á classe). Quem é capaz de mostrar o lugar em que termina esta superficie?

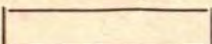
Philú—(mostrando). E' aqui.

Prof.—Passe a mão da direita para a esquerda, de cima para baixo, etc.; passe o dedo no encontro destas superficies. O lugar em que termina uma superficie, o lugar em que uma superficie encontra outra, o encontro, o limite de duas superficies chama-se LINHA.

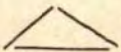
Que é linha?

Maria—Linha é o limite de duas superficies.

Lucia—Linha é o limite de duas superficies.

Prof.—Escrevam—LINHA. (Com um parallelepido na mão). Reparem esta superficie  ; venha passar o dedo nas linhas desta superficie. Quantas linhas cercam esta superficie?

Emilia—Quatro linhas.

Prof.—Reparem nesta outra superficie  ; quantas linhas tem ella?

Jandyra—Tem tres linhas.

Prof.—E esta ? O

Maria—Uma só linha.

Prof.—Que é que vocês notam?

Zezé—Noto que ha superficies de uma, tres, quatro linhas.

Prof.—Quando a superficie tem tres ou mais linhas, vamos dar o nome de LADO ao limite da superficie, em vez de linha. (Mostrando na superficie da carteira). Como chamaremos isto então?

Jacy—Lado.

Prof.—Escrevam no papel, adiante da palavra linha, a palavra LADO.

OBSERVAÇÃO: ANALYSE

Prof.—Quantos lados tem esta superficie? E esta?

Maria—Tem quatro lados, tres, etc.

Prof.—(Mostrando uma superficie com 4 lados). Quantos lados tem esta superficie?

Julieta—Tem quatro lados.

Prof.—Vamos baptisar esta superficie de 4 lados: chama-se QUADRILATERO. Repitam esta palavra.

Classe—Quadrilatero.

Prof.—Quem sabe como se chama a superficie que tem 4 lados?

Laurinda—A superficie que tem quatro lados chama-se quadrilatero.

Prof.—Quem é capaz de escrever essa palavra? Maria, escreva-a no quadro. Escrevam no papel. A propria palavra—quadrilatero—está contando o que significa: quadri—quatro; latero—lados:—quatro lados. Quem é capaz de me mostrar um quadrilatero aqui na sala?

Faustina—A bandeira da porta.

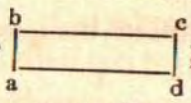
Lucia—O quadro negro.

Prof.—Recapitulando.—Que é quadrilatero?

Emilia—E' a superficie que tem quatro lados.

Prof.—Vocês sabem como se chama a parte em que uma casa se assenta?

Irma—A parte em que uma casa se assenta chama-se base.

Prof.—Base, muito bem, (Desenhando um quadrilatero). Eu tenho este quadrilatero ; quem é capaz de mostrar o lado em que elle se assenta?

Irma—E' este.

Prof.—Isso mesmo, é o lado "a d". Como se chama a parte em que uma casa se assenta?

Pedrina—Chama-se base.

Prof.—O lado em que o quadrilatero se assenta chama-se tambem base. Qual é a base deste quadrilatero?

Dulce—E' "a" "d".

Prof.—Assentando um livro na palma da mão. Qual é a base deste livro?

Joanna—E' esta.

Prof.—Quem quer medir neste quadrilatero que eu desenhei, a menor distancia de um lado á base?

Mathilde—Eu quero.

Prof.—Meçam todas na superficie de seu livro de leitura a menor distancia de um lado á base. A distancia de um lado á base chama-se altura. Que é altura de um quadrilatero?

Dirce—Altura de um quadrilatero é a distancia de um lado a base.

Prof.—Qual é a altura de um quadrilatero?

Marina—E' a distancia de um lado á base do quadrilatero.

Prof.—Quem é capaz de medir a altura da superficie do caderno? quem quer medir outra vez a altura deste quadrilatero?

Lydia—Eu quero.

Prof.—Recapitulando.—Que é a base de um quadrilatero?

Inah—E' o lado em que elle se assenta.

Prof.—Que é altura?

Elvira—E' a distancia de um lado á base.

Prof.—Julia, meça a altura deste quadrilatero. Quanto deu?

Julia—Vinte centimetros ($0^m,20$).

Prof.—Meça mais adiante a altura. Quanto deu?

Julia—20 centimetros.

Prof.—Meça adiante, ainda mais, que é que vocês notam?

Othilia—Noto que as distancias são sempre iguaes.

Marilia—Noto que as distancias são sempre iguaes.

Prof.—Quando duas linhas guardam sempre as mesmas distancias são PARALLELAS. Que são parallelas?

Didi—Parallelas são linhas que guardam sempre a mesma distancia.

Prof.—Então "bc" e "ad" são...

Classe—Parallelas.

Prof.—Que são parallelas?

Nenê—São linhas que guardam sempre a mesma distancia.

Prof.—Quem é capaz de me dizer que é que "bc" e "ad" são desse quadrilatero?

Lulu—São dois dos lados do quadrilatero “abcd”.

Prof.—Vamos medir a distancia de “a” a “b”.

Maria—Deu 0^m,30.

Prof.—Meça mais em cima. Quanto deu?

Maria—Deu 0^m,30.

Prof.—Meça mais para cima. Que é que notam?

Iby—Noto que as distancias são as mesmas.

Prof.—Que especie de linhas são então “ab” e “cd”?

Julieta—São linhas paralelas porque guardam sempre as mesmas distancias.

Prof.—“ab” e “cd” são paralelas?

Lili—São.

Prof.—Porque?

Lili—Porque guardam sempre as mesmas distancias.

Prof.—“bc” e “cd” o que são desse quadrilatero?

Lucia—São lados.

Prof.—E “ab” e “cd”?

Marina—São outros dois lados.

Prof.—Nesse quadrilatero quaes são os lados paralelos?

Marina—O lado “ad” é paralelo ao lado “dc”.

Dulce—O lado “ad” tambem é paralelo ao lado “dc”.

Prof.—Os lados do quadrilatero são paralelos dois a dois, como são os lados do quadrilatero?

Julieta—Os lados do quadrilatero são paralelos dois a dois?

Prof.—Vamos agora ver que é isto (mostrando a abertura de um angulo); e isto?

Maria—São angulos.

Prof.—Vamos medir estes angulos. Já ensinei vocês a medirem-n’os com o transferidor; vamos agora medil-os com o compasso. Quem quer medir o angulo “a” deste quadrilatero? Tome o compasso. Façam centro em “a” e tracem um arco. Façam o mesmo com os angulos “b, c, d”; meçam as aberturas. Que é que notam?

Zeze—Noto que todos esses angulos teem a abertura igual.

Maria—São angulos iguaes.

Prof.—Que é que voces notam quanto aos lados deste quadrilatero?

Ivonne—Noto que os lados são paralelos dois a dois.

Prof.—E quanto aos angulos?

Classe—São todos iguaes.

Prof.—Vamos ver que especie de angulos são estes. Como poderemos sabel-o?

Martha—Medindo-os com o transferidor, com esquadro.

Prof.—Meçam esses angulos com o transferidor. Quem quer medir na lousa? Que angulos são esses?

Maria—São angulos rectos.

Prof.—Porque?

Maria—São rectos porque medem 90° .

Prof.—Como são os angulos deste quadrilatero?

Martha—São rectos.


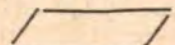
Prof.—Vejam bem:este quadrilatero tem os lados parallelos dois a dois e os quatro angulos rectos.

COMPARAÇÃO:

Prof.—(Mostrando trapezios, losangos, etc.) São quadrilateros com lados parallelos dois a dois e com quatro angulos rectos?

Dulce—Não são.

Prof.—Porque?

Joanna—Porque este  so tem 2 lados parallelos e não tem os 4 angulos rectos; e este  tem os lados parallelos dois a dois, mas não tem os quatro angulos rectos.

Prof.—E este? (Mostrando um quadrado).

Nenê—E' um quadrilatero de lados parallelos dois a dois e tem os quatro angulos rectos.

GENERALISAÇÃO:

Prof.—Vamos dar um nome especial ao quadrilatero que tem os lados parallelos dois a dois e os quatro angulos rectos. Chama-se RECTANGULO. Repitam. Quem me mostra um rectangulo?

Joanna—Este (Mostrando a superficie da lousa).

Julia—Este (Mostrando a superficie do livro).

Prof.—Quem sabe me dizer o que é rectangulo?

Dulce—Rectangulo é a superficie que tem os lados parallelos dois a dois e os quatro angulos rectos.

Prof.—Quem mais sabe? Nenê, Philó, Irma, Lydia, etc.

Prof.—Escrevam no summario a palavra. Rectangulo. Que differença ha entre estes dois rectangulos?

Jovina—O primeiro não tem os quatro lados eguaes e o 2.º tem.

Prof.—O rectangulo que tem os quatro lados eguaes chama-se QUADRADO. Que é quadrado?

Martha—E' o rectangulo que tem os quatro lados eguaes.

Prof.—Escrevam abaixo da palavra rectangulo a palavra quadrado.

Prof.—Recapitulando:—Que é rectangulo?

Marina—Rectangulo é a superficie que tem os lados parallelos 2 a 2 e os 4 angulos rectos.

Prof.—Quem quer construir um rectangulo no quadro negro? Façam no papel; tomem seus esquadros ou transferidores e as reguas.

DEDUCÇÃO:

Maria, faça no quadro negro um lado de $0^m,40$ (a classe fará no papel uma linha de $0^m,10$). Que é que precisa ter o rectangulo?

Classe—Primeiro angulos rectos.

Prof.—Muito bem. Faça com o esquadro um angulo recto tendo como um dos lados essa linha que você traçou. Todos façam o mesmo. E agora, que altura você quer que o rectangulo tenha?

Maria—25 centímetros de altura.

Prof.—Marque então uma altura de $0^m,25$. Que é preciso para que os lados sejam parallelos?

Maria—E' preciso que guardem sempre as mesmas distancias.

Prof.—Marque as mesmas distancias; faça o outro lado; ligue por uma recta as extremidades desses dois lados. Que é que vocês tem?

Classe—Um rectangulo.

Prof.—Quanto tem de base este rectagulo?

Philú—Tem de base $0^m,40$.

Prof.—E de altura?

Lili—Tem de altura $0^m,25$.

Prof.—Mostrem-me rectangulos; mostrem-me objectos em que se encontrem rectangulos.

Pedrina—A superficie da lousa.

Dirce—Na mesa ha superficies rectangulares; no livro, no caderno, na taboa, na vidraça, etc.

Prof.—Observem em casa, nas ruas, superficies rectangulares.

APPLICAÇÕES MORAES E CIVICAS:

—Vocês nunca viram nos jardins, nas hortas, algum rectangulo? Nunca viram algum canteiro com forma de rectangulo?

—Pois ha rectangulos floridos, outros ha cobertos de verduras.

Nos nossos sitios e fazendas ha muitos desses rectangulos; dahi saem o arroz, as verduras, as flores, as plantas medicinaes, o nosso alimento, a riqueza da Patria.

—O Brasil quer que o brasileiro não abandone a lavoura, que não abandone esses rectangulos fertes que fazem a sua fortuna. E Deus abençoa o trabalho.

—Quem puder cultive ao menos um canteirinho, um rectangulo florido; se de todo não for possivel, admirem, respeitem, amem aquelles homens bons, de mãos calosas que sob o sol e a chuva fazem a grandeza do Brasil e a felicidade de todos cultivando esses grandes rectangulos de nossas fazendas.

—Ha ainda um outro rectangulo, que vocês devem conhecer e amar, guardando bem no fundo do coração. Levantem-se todas. Vejam bem, é este rectangulo côr de esmeralda, desta bandeira linda. A bandeira é o symbolo de uma patria e esta bandeira maravilhosa representa o BRASIL: “A PATRIA MAIS FELIZ ENTRE AS PATRIAS FELIZES”...

JOSE' RIBEIRO ESCOBAR.

VELHOS PRECEITOS

As lições só são uteis, quando o mestre visa a um fim premeditado, tem uma orientação fixa, um objectivo certo.

Quem não possui ideaes firmes, quem ensina esquecido do futuro,—malbarata seu tempo e energias, desperdiça todos os seus esforços.

Quanto a planos, processos ou systemas de ensino, ha tantos quantos são os educadores.

Em pedagogia, a experiencia é o melhor mestre. Processos e methodos de instruir, transplatados de um paiz para outro, com variações mesologicas e outras, nem sempre approvam bem.

Aos mestres “experientes” cumpre promover-lhes a necessaria assimilação, adaptando-os aos factores circumstantes.

Disse algures Emerson White, notavel pedagogo norte-americano, que o saber é intransmissivel.

O que os professores podem e devem saber é ensinar a apprender, mostrar os meios de se desenvolverem as intelligencias infantis por si mesmas.

Transferir ou transfundir, como nas emborçações dos frascos, sciencia de um cerebro para outro é positivamente impossivel.

O saber é um patrimonio, que não se herda nem se aliena a ninguém. Sepulta-se com o seu dono. O que aprendemos é nosso para todo o sempre. Podemos apenas mostrar, aos interessados, as formas faceis de se conseguir a obtenção de outras prendas iguaes.

Lembrem-se sempre dessa abervação os senhores mestres.

E tambem não se cansem em trabalhar para que formem de si um conceito honroso.

A opinião alheia, muita vez, é que nos valoriza, assoalhando excellencias e virtudes, occultas pela modestia.

Todos nos observam, nos espiam; nossos actos, nossas attitudes, nossas maneiras—tudo isso constitue o nosso valor moral e define a nossa integridade intellectual.

E', pois, preciso crear uma reputação, constituir um nome, corporizar uma fama.

O grande Pythagoras, segundo seus biographos, gostava de aconselhar aos seus discipulos: "Estuda e saberás, pratica e mestre serás."

Quer isso dizer que a theoria sem a pratica pouco merecimento possue. E não erramos, dizendo que, arrimados á ultima, embora mal protegidos da primeira, poderemos remover facilmente os maiores obstaculos, que se nos antolharem na existencia. "Saber dizer" é util; mas o essencial é "saber fazer."

O ensino puramente espirital, de gabinete, livresco, desacompanhado de qualquer tirocinio, dá de si, na vida commum, as provas mais desastrosas e tristes, estatelando-se em estenderêtes rasos.

Em conclusão, da alliança intima de ambas é que surgem as grandes maravilhas e esplendidas victorias da mentalidade humana.

* * *

Corrigi sempre os erros de vossos alumnos.

Quando errarem, ou escrevendo, ou falando, em qualquer lugar, emendai-lhes logo o engano, afim de não reincidirem nelle de outro feita.

Si mandardes fazer provas escriptas, quando as corrigirdes, escrevei, á margem ou nas entrelinhas, a necessaria emenda.

Não vos limiteis ao gripho vermelho, commodo, mas prejudicial.

Apontai-lhes as faltas, ensinando-lhes logo as correções.

Si fôr em aula, quando expuserem, quando estiverem respondendo ás vossas interrogações, acertai sempre as suas phrases obscuras, as discordancias, os dislates de prosodia, quaesquer incorreções.

Não cochileis, não alheeis vosso espirito da aula: estai sempre attentos.

Tomai as lições pausadamente, rescapitulando-as em dias determinados.

Meia hora antes de terminardes vosso tempo, fazei a explicação preparatoria da lição seguinte.

Empenhai-vos para que vossos alumnos acabem, elles mesmos, pela reflexão bem desenvolvida, sabendo corrigir seus proprios enganões.

Não basta obedecer invariavelmente á letra do compendio: deveis preparar o espirito juvenil para a lição futura.

Essa praxe é indispensavel no ensino secundario.

Dessa maneira, com semelhante auxilio, os alumnos farão, com enthusiasmo e interesse, as obrigações da proxima aula.

Assim firmareis vosso bom conceito e tereis a sympathia e a confiança da classe em troca de vossos esforços frutiferos.

Quem se esforça, estuda e imita,—apprende, archiva conhecimentos, accumula saber.

Todo professor deve ser claro, breve, explicito nas suas perguntas, si desejar boas respostas.

Quem mal pergunta, mal ensina— “a bad questioner is a bad teacher”—disse o pedagogo inglês dr. Salmon.

O professor deve formular as questões nos seus termos necessarios e percorrer, depois, toda a classe, até encontrar quem as solucione.

Os que interrogam e, a seguir, elles mesmos, dão a resposta reclamada, são impacientes, apressados, máos preceptores.

Isso não quer dizer que não facilitem, não encaminhem o desenvolvimento do raciocinio infantil, usando vocabulos conhecidos, construcções naturaes, animando bondosamente os esforços dos alumnos.

Para ter sempre activa a attenção dos ouvintes, é conveniente que só nomeiem o discipulo, que deverá resolver a questão, quando ella tiver sido, claramente, proposta a toda a classe.

As respostas vacillantes, prolixas, frouxas são consequencias de perguntas ambiguas, obscuras, indefinidas.

O bom professor pode indicar, habilmente, na sua pergunta,—sem a dizer—a replica solicitada.

As respostas devem ser expressivas, completas, sentenciosas; as monosyllabicas, ou catecheticas, estão condemnadas pelos pedagogos.

23-2-923.

ELPIDIO PIMENTEL.

METHODOS DE ENSINO

Uma das difficuldades que se antolha ao professor na exposição da materia do programma de um curso regular é, precisamente, a adopção do methodo de ensino.

Consistindo o methodo analytico na explanação ampla da materia, parte por parte, parece que deveria ser esse o methodo escolhido. E', aliás, facto comprovado que, na sua grande maioria os lentes, quasi sempre imbuidos de muita leitura e preocupados, naturalmente, com o desejo de honrar a cathedra e de tornar patente sua illustração, adoptam geralmente o methodo analytico. Assim é que, escolhido um ponto do programma, o lente o esmiuça em todos os pormenores, constituindo por vezes as prelecções sobre um dado ponto verdadeira monographia sobre o assumpto.

Será então o methodo analytico o mais aconselhavel no ensino? Para certas disciplinas é possível, para outras não.

Incontestavelmente a sua adopção favorece a expansão erudita de um profissional, expansão essa provavelmente util e interessante para um... estudioso diplomado, mas, possivelmente, de pouca vantagem para um estudante ainda pouco affeito aos casos concretos e incapaz, portanto, de apprehender todas as minucias de uma argumentação que só repousa, no momento, em conjecturas e abstracções. Ahi está um primeiro defeito do methodo analytico. Não é o unico, todavia. Um outro d'elle decorre de grande inconveniencia para o estudante; com taes minudencias de exposição o lente, ao fim do anno lectivo, conseguiu explicar apenas alguns pontos do programma, os menos interessantes e quasi sempre os de menos utilidade pratica.

Vem a proposito referir a confissão que um dos maiores economistas da America fez certo dia em aula: reconhecia elle que era prolixo nas suas explanações, mas que já lhe não era possível modificar seu methodo de ensino. Essa sua franqueza tinha sido motivada pelo seguinte facto. Um dos estudantes impressionado com o numero diminuto de pontos explicados, si bem que detalhadamente, mas todos

elles de valor exclusivamente theorico; e desejando conhecer, entre outros, o instituto da Caixa de Conversão de que tanto se falava na epoca; e, ainda, vendo que tal instituto não seria explicado por ser um dos ultimos pontos do programma, dirigiu-se por meio de uma carta ao lente, solicitando-lhe algumas explicações sobre aquella instituição. Perspicaz em extremo, o lente comprehendeu o alcance da solicitação do estudante e dahi a sua confissão.

Maior inconveniente apresenta o methodo referido si, ao envez de tratar-se de um curso completo, trata-se de um curso elementarissimo desta ou daquella disciplina.

Não permittindo a escassez de tempo, nem a desnecessidade de um estudo completo de certas disciplinas de utilidade restricta para certas profissões, que se explanem detalhadamente theorias e doutrinas, preferivel—parece-me—é a adopção do methodo synthetico.

Condensando a materia do curso em principios fundamentaes, noções geraes e regras claras e incontrovertidas, este ultimo methodo sobrepuja o outro pelas vantagens que offerece: maior precisão nos conhecimentos adquiridos e maior variedade de conhecimentos em relação ao conjuncto da materia do programma.

A illustrado lente da Faculdade de Direito de São Paulo, espirito liberal e conceituado civilista, ouvi dizer por mais de uma vez que não é num Curso de Direito Civil, embora esse curso seja de tres annos, que se aprende aquella disciplina: quando muito o estudante applicado aprende durante o curso a estudar a materia. Justificava assim o preclaro mestre o seu methodo de ensino que, ainda, adopta, de explicar o maior numero de pontos possivel, convencido de que é preferivel ao estudante possuir noções exactas e geraes sobre toda a materia do curso do que saber a fundo alguns pontos somente.

Conhecedor das idéas geraes ou principios fundamentaes sobre um instituto qualquer, o estudante poderá pela leitura mais detida e posteriormente feita sobre o assumpto em questão estabelecer as premissas e deduzir as illações que o caso comportar. Não assim, si elle desconhecer o instituto, sem saber sequer onde encontrar as noções ou disposições a elle referentes. Sei de um estudante que, chamado a processar um feito, desconhecia a forma processual e, mais do que isso, não lhe occorria sequer ao espirito qual a parte do Direito onde pudesse colher algumas noções pertinentes ao instituto em causa. Era, não obstante, applicado e discutia com senso juridico os pontos já preleccionados.

Não se deduza, porém, do exposto que propugno pela exclusividade do emprego deste ou daquelle methodo. Não.

Reconhecendo a necessidade da utilização do methodo analytico em alguns casos, manifesto-me apenas pela preferencia no emprego do methodo synthetico nos cursos didacticos ou elementares.

Devo, entretanto, advertir que a exposição feita por este methodo é mais penosa para o professor. Si é verdade que elle tem menos argumentos a adduzir, em compensação necessita despender maior esforço para transmittir com clareza e precisão a synthese do assumpto sobre que discorre, evitando, quanto possa, que no espirito do alumno pairem duvidas e hesitações. Ora, é precisamente este ponto que constitue o escólho em que naufragam mestres e escriptores. E' factó de diuturna observação que o lente mais illustrado nem sempre é o que melhor ensina. Alguns conheço de grande illustração, verdadeiramente doutos, mas que não sabem transmittir com devida precisão aos seus discipulos, os conhecimentos que possuem da disciplina professada. Identico defeito observa-se em relação aos escriptores.. Excellentes monographias e outros valiosos trabalhos são dados constantemente á publicidade.

Quem poderá, todavia, compulsal-os com proveito, se não os profissionaes? Excessivamente desenvolvidos, doutrinarios e com idéas fartamente controvertidas, aos leigos e aos estudantes não só faltaria tempo para os ler como, tambem, o necessario preparo fundamental sem o qual a leitura não produzirá os fructos almejados, isto é, a comprehensão e consequente assimilação do que se leu.

Pelo methodo synthetico ensina-se melhor ao alumno a estudar. Transmittidas as idéas ou noções principaes, o estudante deverá comprehendel-as, assimilando-as em seguida. A assimilação, é certo, exige esforço intellectual. Longe, porém, de constituir um desperdicio de energia, esse esforço, ao contrario, transforma-se em apreciavel factor pedagogico. Não basta ler as palavras de um escriptor nem ouvir o verbo de um tribuno para que o leitor ou o ouvinte se torne senhor de suas idéas, é indispensavel que elle lhe apprehenda o sentido e o espirito.

Sem esse esforço de apprehensão e comprehensão o estudante poderá ler e ouvir, mas não ficará conhecendo nem sabendo o que leu e o que ouviu. Util e proveitoso, portanto, é o esforço a que se obriga o alumno e preferivel a qualquer outro é o methodo que o força a produzir um tal esforço.

A. MOSA.

METHODOLOGIA

(Excerptos de um livro)

O estudo da methodologia é talvez a necessidade mais imprescindivel do educador digno deste nome, por isso mesmo um dos maiores educacionistas argentinos considerou a logica como sciencia auxiliar da educação e a methodologia como uma das partes em que se divide a logica.

A methodologia pôde soffrer duas divisões: a Methodologia geral e a Methodologia particular.

A primeira estuda o methodo em geral, dá regras e principios geraes para a sua applicação. A segunda trata das applicações do methodo aos multiplos e distinctos ramos da actividade humana.

A utilidade do estudo da methodologia se desprende da utilidade do methodo para a aquisição dos conhecimentos, para a constituição das sciencias e para a sua exposição.

Não é possivel, diz Senet, a concepção duma sciencia lançada ao acaso, sem ligações logicas, sem emfim o methodo.

DO METHODO EM GERAL

O vocabulo methodo que tem a sua origem em duas vozes gregas META e ODOS que quer dizer em caminho, significa proceder de certo modo para alcançar certo fim. Assim como dum ponto pôde ir-se a outro, diz um professor argentino, por caminhos curtos, por caminhos largos, por caminhos faceis, por caminhos difficeis, assim tambem uma educação pode realzar-se ou se pôde adquirir um conhecimento em pouco ou muito tempo; em uma forma agradavel ou de um modo penoso; d'uma maneira economica ou de um modo custoso. O sentido commum, continua o mesmo auctor, nos aconselha o mais rapido, o mais economico, o mais effcaz, o menos penoso. A consequencia logica do que fica exposto é que quando, como no ensino, os methodos para chegar a um resultado são varios, faz-se mister estudal-os, comparal-os e submettel-os á critica para determinar o mais conveniente. Psychologicamente methodo é a ordenação necessaria e adequada das funções mentaes quer na aquisição dos conhecimentos quer na enunciação dos já adquiridos. Encarada sob o ponto de vista logico, isto é, segundo os meios de que nos servimos para conhecer a verdade, o methodo, diz Senet, pôde ser analytico ou synthetico. percebemos as cousas syntheticamente ou analyticamente, si o educador se não põe em contacto immediato

com o objecto estudado; é inductivo ou deductivo quando conhece a verdade por inferencia, isto é, em consequencia de verdades já conhecidas.

O methodo analytic chama-se tambem methodo de invenção, porque é proveitoso na averiguação de cousas desconhecidas; o synthetico é tambem conhecido sob a designação de methodo de doutrina ou de ensino porque é empregado na ordenação systematica dos conhecimentos e facilita, portanto, sua transmissão a outros individuos.

Esta classificação porém não é seguida uniformemente por todos os educadores, muitos dos quaes teem a sua technologia especial ao tratar destes assumptos.

Assim é que Mercant no seu excellent tratado sobre Methodologia, estudando os diversos methodos de ensino escreve:

Do ponto de vista do educador, isto é, segundo o maior ou menor exercicio que se dá aos poderes mentaes do menino o methodo póde ser dogmatico ou heuristico. O primeiro ou expositivo é aquelle em que o mestre transmite o conhecimento a seus discipulos pela mera exposição verbal, permarecendo estes passivos na obra do ensino. No methodo heuristico que é o da invenção ou investigação os alumnos tomam parte activa na licção, e a obra do mestre reduz-se a estimular a curiosidade e o interesse de seus alumnos e a guial-os no descobrimento da verdade.

Seja porém como for, ha relações intimas e estreitas entre as differentes especies de methodos. Toda dedução se funda geralmente em uma verdade obtida por indução; toda a indução repousa, por sua vez, em uma verdade obtida por intuição, isto é, numa verdade analytica ou synthetica, de modo que os quatro primeiros methodos acima mencionados, que são os mais geralmente conhecidos, ainda que differentes entre si, não devem separar-se nunca no ensino. O melhor methodo, diz Senet, é o que põe em actividade todos os poderes mentaes do menino, unindo a synthese á analyse, a dedução á indução.

Porém os pedagogos da escola herbatiana foram os primeiros que chamaram a attenção dos educadores sobre a necessidade de unir, em todo o methodo de ensino, as direcções logicas do entendimento. Herbart, por exemplo, aconselhou que "a analyse e a synthese se combinem sempre em um todo systematico", e seus discipulos como Rein, Ziller, etc., exigiram em todo o methodo as seguintes partes: uma analyse do objecto estudado; uma synthese ou uma indução comparando os objectos com outros já conhecidos e uma dedução ou applicação das verdades descobertas.

Destes procedimentos, diz Mercante, nasce a forma analogica que na segunda metade do Seculo XIX adquiriu uma transcendencia indiscutivel nos methodos scientificos para a explicação dos phenomenos mais complicados e para os menos complicados. Assim Spencer construiu a Sociologia sobre conceitos biologicos, em virtude dos quaes factos semelhantes conduzem a conclusões semelhantes. Em Zoologia basta estudar a anatomia, vida e caracteres de um animal para induzir os dos outros do mesmo grupo. A forma analogica é uma derivação do methodo comparativo dos ramos biologicos ou historicos.

(Continúa).

LAUDELINO BAPTISTA.

HYGIENE

Secção dirigida pelo dr. Bocha Botelho
do Instituto do Rutantan.

QUANDO A SYPHILIS E' CURAVEL

Molestias chronicas pedem remedios chronicos, dizia o velho Trousseau.

Em outros termos: uma molestia chronica só poderá ser soffrivelmente tratada com a condição de o doente submeter-se a um tratamento que dure toda a vida .

A syphilis, sendo uma molestia essencialmente chronica, exige do individuo, que um dia a contrahiu, a preocupação de que jamais poderá passar sem a sua cura obrigatoria de alguns mezes. Dezenas e dezenas de occasiões terá oppor-tunidade de verificar, quando mais fagueiras eram as espe-ranças de libertação do tenaz espirocheta, o quanto é terrivel a infecção que elle produz.

Em meio á saude aparentemente florida surgem phe-nomenos denunciadores de que o mal não dorme e esprei-ta as varias deficiencias do organismo para irromper sob os mais variados aspectos.

São aqui perturbações gastricas, acompanhadas de dôr; mau funcionamento do figado, em consequencia de esclero-ses parciais, decahindo dia a dia a glandula nas suas func-ções economicas; a degeneração do rim, expressa na grande perda de albumina; as dôres musculares, articulares, osseas, apagando o bom humor e alegria, e annuviando os dias com o tedio da vida; são as arterias corroidas e onde se prepa-ram os aneurysmas, as hemorragias e paralyrias.

A syphilis não perdõa tecido nem organ, dá-se bem em todos os elementos da economia e a todos desgasta e arrasa.

Nunca, pois, é demais pôr em evidencia e divulgar os seus maleficios.

A mocidade, mais do que ninguem, precisa ter conhe-cimento exacto do maior inimigo do genero humano, dos danos que produz e dos meios pelos quaes se lhe dá com-bate.

Reconhecido como está que a syphilis uma vez commu-nicada ao homem acompanha-o por toda a vida, a despeito do tratamento; que as suas desaparições não querem dizer recobro da saude, quero mostrar-lhes, entretanto, que ha uma phase no cyclo da syphilis em que ella é curavel.

Essa phase é a chamada—phase primaria da syphilis— e tem como symptoma a lesão inicial, o cancro duro.

A evolução da syphilis faz-se em tres periodos.

O primario, em que a molestia se limita ao cancro duro e infartamento dos ganglios correspondentes; o secundario, que apparece 4 semanas a 2 mezes depois do inicio do can-

cro duro; o terciario em que a infecção se localiza num ponto ou n'outro, ás vezes em varios.

Os dois primeiros periodos são extraordinariamente contagionantes e os doentes devem-se privar do contacto das outras pessoas, afim de não lhes communicar a molestia.

O periodo secundario é nesse particular mais perigoso para a collectividade, porque as placas mucosas e as ulceras que se encontram na bocca são riquissimas em parasitas.

A questão da contagiosidade, sendo da maior importancia para a sociedade, é assumpto que merece ser tratado em outra occasião; por hoje não nos interessa, porque nosso fito é mostrar o unico periodo em que a syphilis é curavel.

Todas as molestias são obscuras em suas primeiras manifestações. Confundem-se com outras de curso e gravidade muito diversas e só um profissional habituado a vê e a fazer diagnosticos precoces pode entrever os pequenos signaes que o põem no bom caminho. A primeira manifestação da syphilis é tão simples e tão banal que poucos lhe dão maior attenção do que dariam a uma arranhadura. E, como o seu apparecimento se faz sempre tardiamente ao contacto venereo, quasi todos são levados a julgal-a um accidente destituido de importancia.

Quando as manchas e as dôres do periodo secundario lhes vêm advertir do que realmente se trata, já é tarde, desapareceu o momento, o unico momento em que, pelo tratamento especifico, poderiam os doentes sarar, e eis-os cahindo no aphorisma de Trousseau—molestias chronicas, remedios chronicos.

Certos individuos, mais precavidos, observam-se com mais cuidado. A' menor suspeita, tomam medidas anti-septicas, se as melhoras não apparecem, vão ao pharmaceutico.

O pharmaceutico, seguindo uma pratica varias vezes secular na arte, não vacilla e cauteriza a espinha ou o que quer que seja com nitrato de prata ou outra droga.

Ao elemento inflammação accrescentou a queimadura chimica. A espinha transformou-se em ulcera dolorosa e de bordas endurecidas.

Passam-se ainda alguns dias

Tudo parece peorar. Só então vai o doente ao medico. Mas nesse momento já foi destruido pelo cauterio um dos mais importantes signaes que poderiam elucidar o medico no seu diagnostico.

Como veremos, quando fizermos o estudo pormenorizado dos signaes do cancro syphilitico, uma das suas characteristics mais constantes é a base endurecida, cartilaginosa, dahi o chamar-se—cancro duro; ao passo que o cancro sim-

ples, o cancro molle, molestia com a qual o cancro syphilitico póde ser confundido, mas que não tem a mesma importancia, é, como seu nome indica, molle.

Pela cauterização systematica de toda a ulcera suspeita, torna-se muito difficil o deslinde entre as duas infecções, e, se o clinico encara todas as ulceras ou cancros endurecidos como syphiliticos, o mal não é dos maiores, porque o paciente toma apenas remedios dispensaveis e desnecessarios.

Mas, se elle julga com muito optimismo o seu doente e vê em todo endurecimento a acção de causticos chimicos, póde muito bem tomar um cancro syphilitico por um cancro molle e dextrar escapar o momento da cura. Tive ha poucos mezes em tratamento um doente nessas condições. Era um individuo intelligente e cuidadoso, mas, afogado em negocios, mal tinha tempo de prestar attenção a si mesmo.

Contraheu um cancro, mostrou-o ao pharmaceutico, que o cauterizou, foi depois ao clinico, que tomou o endurecimento como consequencia do cauterio e continuou a tratar a ulcera como se fôra cancro molle. O mal progredia e o doente procurou um especialista.

Não tivemos difficuldade em conhecer de que se tratava, pois que a molestia já se revelava nos ganglios augmentados de volume, em manchas discretas, na garganta, onde se viam placas e... eis o doente condemnado a um tratamento indefinido.

Quando o cancro se localiza no penis, os erros de diagnostico não são tão frequentes. Mas nos cancros extragenitales, só um clinico muito sagaz e que tenha sempre em mente a syphilis, deixará de se enganar.

Lembro a esse respeito um caso que tive na clinica ha 3 annos.

Appareceu no meu consultorio uma mocinha com uma ulceração na garganta. Pareceu-me uma amygdalite banal e fiz-lhe um tratamento antiseptico.

Alguns dias depois, veio ter de novo commigo, e, como não houvesse melhorado, mandei-a a um dos melhores especialistas, em molestias da garganta. A elle tambem lhe pareceu uma amygdalite sem importancia.

Muito mais tarde vem outra vez ao meu consultorio. Estava coberta de manchas roseas.

Só então pude comprehender de que se tratava, e já era muito tarde.

Alguns dias após tive conhecimento do modo como se deu a infecção. Um irmão dessa menina contraheu a syphilis, nada disse em casa, nem procurou medico. Perambulou pelas pharmacias e curandeiros. Sua pelle foi-se colorindo

de manchas, a bocca forrou-se de placas, e a tudo isso a falta de cuidado, á communitade em familia... A syphilis não necessita de tanto para se transmittir aos outros.

Diets estas palavras preliminares, passemos á descripção do cancro syphilitico.

O cancro syphilitico apparece no nivel onde se deu a penetração do virus. Esse ponto é geralmente nos orgams genitales, mas pode se tambem observar em outros lugares, em razão de contaminações acc'identales, como na lingua, nos labios, amygdalas ou nos membros.

O cancro não se segue immediatamente ao contacto virulento. Ha sempre um periodo, chamado periodo de incubação, que medeia entre o contacto infectante e o apparecimento do cancro.

Esse periodo vai de 10 a 25 dias, na media 15 a 17 dias e é de grande importancia para o diagnostico.

O cancro molle, com o qual sempre é necessario estabelecer differenciação, tem incubação de curto praso, geralmente de 3 a 4 dias

Toda a ferida localizada nos membros genitales apparecendo uma semana ou mais depois de uma relação suspeita, deve ser attentamente observada antes de se instituir tratamento.

Raramente o medico tem oportunidade de examinar um cancro syphilitico dentro dos primeiros dias, visto nada ter elle de notavel e não despertar a attenção do seu portador.

Começa por pequena e'levação arredondada (papula), de consistencia firme, com leve erosão no centro.

No periodo de pleno desenvolvimento, periodo de estado, chamado, elle se caracteriza pela base endurecida.

A ulceração do centro é superficial, lisa, sem depressões nem saliencias. A superficie desta ulceração é brilhante, de coloração avermelhada, côr de presunto.

O cancro syphilitico não suppura, deixa apenas surdir um liquido seroso que lhe dá aspecto envernizado.

Essa serosidade é riquissima em micro-organismos e constitue um grande perigo para todo aquelle que entra em contacto com um individuo nessas condições.

E' nessa serosidade que se pesquisa o treponema da syphilis, ao ultra microscopio, quando se deseja esclarecer um diagnostico rapidamente.

O cancro syphilitico tem quasi sempre fórma regular, circular ou ovalar. Em certas regiões toma fórma de fissura. As dimensões variam muito, não havendo relação nenhuma entre o tamanho do cancro e a gravidade da infecção.

A base endurecida é um dos caracteres mais importantes para o diagnostico. Quando o cancro se assesta no prepucio, a impressão que se tem ao tocá-lo é semelhante á que dá um cartão que se aperte pelas bordas.

O endurecimento passa sempre os limites do cancro.

Certos cancros de prepucio produzem estreitamento da abertura desta membrana, dando lugar a uma deformação porovisoria chama phymosis, que reclama quasi sempre para a sua redução o auxilio da cirurgia. Quando se verifica a phymosis e o cancro se encontra na parte interna do prepucio, é muito difficil de se estabelecer diagnostico rigoroso, visto que a lesão inicial é inaccessible á vista. Entretanto, pode-se ainda sentir a dureza do cancro, o que é bastante para justificar tratamento especifico.

Outro caracter do cancro syphilitico é ser "indolor", ao passo que as outras infecções que se localizam no penis são em geral muito dolorosas.

O cancro syphilitico é quasi sempre unico, mas não é raro encontrarem-se dois ou mais no mesmo individuo.

Abandonado a si, o cancro syphilitico tem a duração de um mez ou pouco mais. O tratamento pelo 914 abrevia a cicatrização.

A cicatriz guarda sempre uma pigmentação e certo grau de infiltração.

Um dos primeiros phenomenos consecutivos á infecção syphilitica é o ingurgitamento dos ganglios relacionados com o organo onde se formou o cancro.

Logo aos primeiros dias já se notam, por exemplo, na virilha, que todos os ganglios augmentaram de volume e rodam sob os dedos que os palparam, como grãos de ervilha. Esse ingurgitamento é indolor. A não ser quando se installa uma infecção secundaria, os ganglios não suppuram.

A adenopathia subexiste ao cancro durante algumas semanas, e o tratamento deve ser rigorosamente continuado, enquanto houver augmento de volume.

IMPORTANCIA DIAGNOSTICA DE SIGNAES OBJECTIVOS

Recapitulando, diremos que os signaes pelos quaes se estabelece o diagnostico do cancro syphilitico são: a pequena profundidade da ulceração, ausencia de descollamento das bordas e o endurecimento da base.

Como dissemos no principio, uma ulceração banal, tratada pelo iodo, acido phenico, agua oxigenada e principalmente pelo calomelanos (ha uma grande tendencia em ap-

plicar calomelanos em pó ou sob a fórmula de pomada) cerca-se de uma irritação inflammatoria semelhante ao endurecimento do cancro syphilitico. Por esse tratamento intempestivo torna-se muito difficil estabelecer diagnostico differencial.

Por conseguinte, deve-se proscrever formalmente qualquer tratamento irritativo n'uma ulceração cujo diagnostico ainda não foi bem firmado.

VALOR TIRADO DA EVOLUÇÃO DO CANCRO

Já vimos que o cancro syphilitico tem incubação longa, isto é, o tempo que medeia entre o contacto infectante e o apparecimento do cancro vai de uma semana a 25 dias.

Este facto, porém, não basta para firmar diagnostico, porque o individuo pode ter tido relações sexuaes approximadas e não saber qual dellas o contaminou.

E mais: pode contrahir ao mesmo tempo cancro simples e cancro duro. O primeiro tem apparecimento precoce; o segundo só mais tarde se manifesta.

AUXILIO DO LABORATORIO

Nos casos duvidosos o exame microscopico da serosidade do cancro resolve as difficuldades, porque, si se tratar de syphilis, encontra-se o micro-organismo que a produz—o *treponema pallidum*.

O exame do sangue, a reacção de Wassermann, neste periodo é uma inutilidade. A syphilis sendo, então, uma affecção local, o sangue não pode revelar cousa nenhuma.

DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL DO CANCRO SYPHILITICO

As affecções com as quaes o cancro syphilitico dos organs genitales pode ser confundido são:

HERPES GENITAL:—Caracteriza-se por ulcerações arredondadas, cobertas de um inducto esbranquiçado. São isoladas e multiplas. Quando confluem, têm contorno polycyclico. São dolorosas e succedem sempre a vesiculas finas e transparentes.

E' uma affecção essencialmente reincidente.

Ninguem irá confundir o herpes genital com o cancro syphilitico, mas não é raro dar-se a concomitancia das duas affecções.

CANCRO SIMPLES:—Tambem chamado cancro molle. Tem configuração irregular, bordas descolladas, supura abundantemente e não tem base endurecida.

Raramente é unico. Encontram-se quasi sempre dois, tres ou mais associados.

Os ganglios da virilha são, ora indolores, e apenas perceptíveis, ora dolorosos e augmentados de volume. Por fim supuram.

O cancro molle tem curto periodo de incubação. Apparece, em geral, 2 ou 3 dias depois do congresso infectante. Linhas atraz, falamos na infecção simultanea pelos virus da syphilis e do cancro molle.

Em tal occurrencia, o cancro molle tem seu apparecimento dentro dos primeiros dias, com o cortejo que já lhe descrevemos, e, no fim de 15 a 20 dias, os caracteres da ulceração se modificam, a base fica dura, a superficie secca, as bordas menos descolladas, etc.

O exame da serosidade ao ultra-microscopio estabelece claramente o diagnostico.

A SARNA:—Tem especial predilecção pelos orgams genitales.

O reconhecimento de lesões de sarna em outras partes do corpo vem esclarecer qualquer duvida acaso existente.

Entretanto, não se deve perder de vista que um individuo pode ter ao mesmo tempo sarna e cancro syphilitico.

ESCORIAÇÕES BANAES DOS ORGAMS GENITAES:—Quando os individuos são pouco asseados podem se dar infecções. Ha, então, infiltração inflammatoria, simulando endurecimento.

O exame attento dos caracteres affastará a idéa de se tratar de cancro syphilitico.

Ha ainda outras infecções de que poderíamos tratar, se não tivéssemos receio de nos alongar demais nesta palestra, que precisa ser leve para ser supportada.

CANCROS EXTRA-GENITAES.—Já vos falamos de uma doente com cancro syphilitico na amygdala.

Não é, pois, unicamente nos orgams genitales que a syphilis tem sua porta de entrada.

E' até muito frequente dar-se nos labios, na lingua, etc., o que expõe o medico a grandes erros de diagnostico.

O contacto virulento quasi sempre se dá, nestes casos, por meio de objectos do uso de individuos com lesões activas da bocca, taes como: cachimbos, pontas de cigarros, escovas de dentes, copos, etc.

O cancro dos labios não é de diagnostico difficil. A fórma da ulceração e principalmente o endurecimento permitem uma supposição que é quasi certeza.

O exame da serosidade ao ultra-microscopio tira as ultimas duvidas.

As g'andulas sub-max'illares são sempre volumosas.

Pois bem, senhores, reconhecido que a syphilis, qualquer que seja sua porta de entrada, pode ser diagnosticada no seu periodo inicial; que neste periodo ella é apenas uma doença local, isto é, o sangue ainda não está infectado; que neste periodo a sua cura é assegurada definitivamente mediante um tratamento energico, e que é unicamente neste periodo que isso se consegue, eu vos peço que guardeis as minhas palavras como uma advertencia amiga, e, se amanhã ou depois algum de vós ou de vossas relações contrahir ligeira infecção, seja de que maneira fôr, não a de xeis cair em abandono e menospreço, que, dissimulada n'um accidente banal, póde estar a syphilis que, sem o vosso cuidado, vos ha de roer a existencia até o fim dos vossos dias.

DR. J. M. GOMES.

LEGISLAÇÃO DO ENSINO

Secção dirigida pelo
Dr. Laudelino Baptista

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A primeira necessidade que ha no Brasil para o desenvolvimento do ensino, para progresso da educação do povo brasileiro, para levantamento do nivel social e colectivo da nacionalidade, é a existencia de uma repartição, como o Bureau de Educação dos E. Unidos e da Argentina, que centralize a acção nacional no assumpto, que, todo anno, sugira as iniciativas necessarias e publique uma exposição minuciosa e completa das nossas condições reaes, para podermos, com conhecimento de causa, agir na proporção da extensão do mal.

Ha todo anno, permanentemente, no Brasil, milhões e milhões de entes humanos inutilizando-se, degenerando e esterilizando-se na ignorancia, por falta de escolas.

E' preciso, pois, que uma Repartição nacional ou federal, projectando a luz no paiz inteiro, publique todo anno uma exposição das nossas circumstancias de facto, apondo aos governos nacional, estaduaes e municipaes, as iniciativas mais convenientes ao combate contra esse mal, que esterilisa e anniquilla as forças vivas da nacionalidade.

Entretanto, desde já, mesmo sem a criação da nova repartição, sem o dispendio de fortes sommas, parece que, aproveitando a commissão que organisou a estatistica do ensino assim como funcionarios federaes já conhecidos pelas habilitações, poderia o Governo Federal, desde logo, iniciar a organização do serviço que nos Estados Unidos é conhecido pela denominação de Bureau de Educação e que, com o seu relatorio annual e demais publicações, tão notaveis esforços emprega em bem da educação americana. Essa commissão do governo federal trabalharia até que o Congresso Nacional desse organização definitiva ao Conselho de Educação a ser creado, nos moldes do que funciona nos Estados Unidos e na Argentina.

Não é possivel que adieemos, por um anno sequer, a organização permanente que no governo nacional venha a constituir o phanal a guiar o paiz inteiro, em todas as suas unidades federativas, no combate ao analphabetismo, a terrivel gangrena que nos corroe.

Quer na Directoria Geral de Estatistica quer no Ministerio do Interior ha funcionarios competentissimos que, em commissão, poderiam constituir a organização indispensavel. Haja vista os trabalhos sobre a estatistica da instrucção já tão proficientemente elaborados na Directoria Geral de Estatistica subordinada ao Ministerio da Agricultura.

E' um crime adiar por um anno sequer a organização do nosso Conselho de Educação. No Estado da Bahia, a estatística federal levantada em 1921 verificou que em uma população de 3.500.000 habitantes ha apenas 175.000 que sabem ler e escrever, sendo, pois, de 95 % a porcentagem total de analfabetos na população bahiana. E houve tempo em que se chamou a Bahia a Athenas brasileira!

Mente, portanto, quem diz que o Brasil é um paiz civilisado.

Pode continuar por um dia semelhante situação? Si a União já intervem nos Estados para fundar postos de saneamento e prophylaxia, para crear escolas technicas e outras, para tantos e tão diversos fins, com maioria de razão deve intervir para salvar a raça brasileira do aniquilamento pe a ignorancia, para promover a fundação de escolas d rectamente ou por accôrdo com os Estados. Mas para isso o primeiro passo indispensavel é a existencia de uma repartição federal que centralise esses servços relativos ao ensino do povo, ao ensino primario, que conheça as condições do paiz no que se refere á educação elementar e entre em combinação com os governos dos Estados.

Eis o que já deviamos ter feito ha um seculo, desde que proclamamos a nossa independencia, esquecendo inteiramente de que sem nos emanciparmos da ignorancia a nossa independencia é uma burla e uma mentira.

MARIO PINTO SERVA.

OS PROFESSORES EXTRANGEIROS

EM S. PAULO

II

Sendo certo que em casa extranha não se podem dar leis, antes se devem acatar os usos e costumes do dono da mesma, para não o melindrar, e muito menos offender, não quer isto dizer que não se possam lembrar conselhos amigos que vão aperfeiçoar taes usos e costumes, muitos dos quaes bem dignos de reforma.

Além disso, a legião do professorado, se é certo que em cada paiz tem de subordnar-se a leis especiaes, de harmonia com os regulamentos e programmas estabelecidos e legalmente approvados, não é menos certo que a sua acção, na regencia das cadeiras em que cada um se especialisou,

é a ampla, tão ampla e tão vasta, quanto o é a extensão de qualquer programma relativo a tal ou tal materia.

Se se tratar do ensino official, os programmas officiaes estabelecem o limite, além do qual o professor nada mais pode exigir dos seus alumnos, ou dos seus examinandos.

No ensino livre, porém, o caso muda de figura, porque taes professores, uma vez ensinadas as materias officialmente exigidas, e sendo ainda vasto o horisonte por onde pode fazer alargar as vistas dos seus alumnos, ninguem, absolutamente ninguem, poderá imped-lo de cumprir o seu dever, como soldado da Instrucção, que não tem patria, não tem fronteiras, pois a patria da Instrucção é o mundo, as suas fronteiras são constitu das pelo espaço infinito do ceu.

Pretenderá a quem assacar-me nestas palavras um movimento de rebellião.

Como se engana quem tal ousadia tentar commetter!

Já no numero passado d'esta Revista fiz ver que todo o professor estrangeiro tem por dever acatar as leis da nação em que trabalha, e cooperar, por todos os meios ao seu alcance, pelo engrandecimento e prosperidade de quem tão hospitaleiramente o recebeu no seu gremio; não será essa expansão que acabo de apresentar, esse vôo para além dos limites dos programmas, com novas theorias, novos methodos, novos conhecimentos, contribuir para o avanço da geração nova, e com essa força preponderante fazer avançar toda a nação de modo a occupar a vanguarda do progresso?

E o Brasil, diga-se com toda a sinceridade, não cria peisias a ninguem, uma vez que o professor seja sciente do que ensina e conscientemente do cumprimento dos seus deveres; digo mais: chega a condescender em demasia com muito inscientemente se ufana de "gran senhor", nas raias da inconsciencia dos seus actos.

Proceda o Governo do Estado a uma syndicancia escrupulosa em todos os estabelecimentos de ensino, principalmente naquelles que dão diplomas seus, muitos delles até com auctorização do mesmo Governo ou da União, e verá a débacle, verá a dégringolada. Reconhecerá que uma grande parte, longe de serem casas de educação e ensino, como a priorégiam, nos seus programmas, não passam de meras casas commerciaes.

Mas que disse eu? casas de educação?!!

Meu Deus! em grande parte é fructa desconhecida; a unica condição de matricula, é, como consequencia, a obtenção do diploma final de "bacharel", em tal ou tal cousa, está no pagamento das respectivas mensalidades.

Ha tempos, foi em fevereiro do anno passado, um amigo, tendo cortado uma columna de um jornal aqui, teve a gen-

tileza de m'a offerecer; guardei-a, por edificante, comprovativa do que acabo de expôr; não a transcrevo, porque não pretendo amesquinhar ninguem, contentando-me com talhar carapuças.

Não me cançarei de sollicitar do Governo uma fiscalização efficiente, do ensino, porque a legião dos professores de ensino livre está contaminada de espiões do analphabetismo, isto é, de individuos que, não tendo occupação definida, se arvoraram em professores ou mestres, quando não aprenderam, nem teem com quem aprender.

E não é só a classe que está prejudicando a evolução do ensino, tambem muitas munções de guerra nos chegam ás mãos num estado tal de falsificação que somos forçados a denunciar aos alumnos taes falsificações, para que elles se desviem de tal caminho; quero referir-me a muitos livros, cuja adopção nos é como que imposta, em virtude de serem adoptados nos exames officiaes. Querem um modelo?

Vejam a Anthologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet; resalvo a consideração que me merecem os nomes dos auctores da compilação, para dizer que foram infelizes na escolha de alguns trechos, a começar logo pelo primeiro — "Vocação de Vieira".

Que no seculo XII ainda houvesse quem acreditasse no "estalo e dôr aguda na cabeça, que lhe pareceu que alli acabaria a vida" — vadé; mas em pleno seculo XX? querer ainda imbuir os cerebros infantis de que hão de desenvolver a intelligencia com resas e orações? em vez de estudo e trabalho? Não, meus amigos, não; é antipedagogico, é anti-educativo tal processo.

Em auxilio desta minha asserção vem um caso que conheço de perto, não imaginario, como esse de Vieira, mas real, positivo, de que até cito os nomes.

Era professor de Geographia e Historia, no Lyceu de Vianna do Castello, em Portugal, o Rev. Manoel Martins Capella; todos os dias celebrava a sua missa, e era certo ter por ajudante um dos seus alumnos, de nome José Cacaes, hoje padre. Este alumno, nas aulas, era dos mais fracos, e as suas notas eram sempre baixas. Um dia o Padre Capella, apesar dos seus sentimentos religiosos, em perfeita harmonia com o munus sacerdotal, que exercia, vendo que o seu ajudante perdia o tempo que devia empregar no estudo, para poder dar conta de si, disse-lhe: "Olhe, meu amigo; mais estudo, e menos devoção".

O caso é que a reprimenda foi-lhe util; não appareceu mais para ajudar á missa, aproveitou o tempo no estudo das suas lições, e as notas melhoraram consideravelmente.

A pag. 397, 8.^a edição, ha um trecho poetico de Almeida Rosa, — “Para que vêr?” — em perfeito antagonismo com o fim visado pela Anthologia; esta é um livro pedagogico, caminheiro da Instrucção, aquelle trecho representa a apollologia da ignorancia, da cegueira do espirito, da estupidez publica.

Senão, vejam:

PARA QUE VER?,

“Por que, divino Mestre,
“Com teu poder celeste,
“Ao homem que cegára,
“De novo ver fizeste?

“Que lhe mostrava a terra
“Que a vista merecesse?
“Maldades e perfidias
“De sordido interesse

“Tua doutrina, cégo,
“Ouvia e meditava.
“Sem cogitar no mundo
“Ao ceu se remontava.

“Um cão, umas creanças
“Lhe davam assistencia;
“O cão — felicidade,
“Creanças — innocencia!

“De humana piedade
“Teu acto foi, Senhor!
“Mantê-los na cegueira
“Fôra de um Deus favor!

Mastiga, caro leitor, mastiga bem esses versos... e verá a condemnação das luzes do espirito, a condemnação da sciencia, a condemnação do progresso.

Mas ainda não pára aqui: abre agora a pag. 247, 2.^a linha, no trecho — “Dies irae”, —: “contemplando na face d’este DEUS IRADO, sentindo os efeitos da SUA COLERA, os signaes do SEU FUROR...” — ! Que te parece, caro leitor?!!! “Deus irado” ... “a sua colera” ... o seu furor!!!

Se a “ira” é um peccado mortal, será possivel que um Deus, a summa perfeição, commetta um peccado mortal?

Para Deus praticar um acto de justiça, precisa de entrar na esphera da “ira”, da “colera”, do “furor”?!!

Será esta doutrina educativa?!!

Passa agora a pag. 257, no fim da 19.^a linha, encontras esta "verdade" chorographica, fallando-se da situação do Brasil: . . . "para o occidente lhe ficam os reinos de CONGO E ANGOLA . . ."

Precisará de commentarios?!!

Outro livro que foi adoptado no Gymnasio do Estado, (não sei se ainda hoje o é), e que merece uma chamada especial, pela moralidade que encerra: — "As cantigas de D. João Garcia de Gu lhade, por Oskar Nobiling".

Leitor, abre esse livro á pag. 63, 69, e 70; lê essas poesias, 51, 52 e 53; mas tem o cuidado de não as mostrar nem a tua esposa, nem a teus filhos, nem a tuas filhas; digo-te mas, se não possues esse "monumento", não gastes dinheiro, não o leves sequer para casa, porque é veneno, mas do fino, é livro descaradamente pornographico.

Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo: — Será possível que em estabelecimento official se adoptasse um livro desta natureza? que se puzesse nas mãos de creanças um compendio immoral?

Mas tanto é possível, que eu tive de comprá-lo, quando explador das lições a um alumno que frequentava as aulas do Gymnasio do Estado.

— Foi adoptado para que os alumnos conhecessem a evolução da lingua portugueza, objectar-me-hão.

— E não ha, por exemplo, a Selecta de Mendes dos Remedios, a Anthologia Geral de Fidelino de Figueiredo, onde não se encontra metralha dessa natureza?

Ah! quanto soffre a educação da mocidade, por mal orientada!

Pretende-se a morigeração dos costumes num ambiente de moralidade, e arrasta-se a educação da juventude pelo lodaçal deprimente e ignominioso da mais baixa e abjecta das corrupções, profanando-se sacrilegamente o templo do saber com a adopção de livros carbunculosos, em que as pustulas pornographicas nem sequer se disfarçam com a mascara da metaphora ou de allegoria.

Se "a felicidade dos povos, e a tranquillidade dos Estados dependem da educação da mocidade", como muito bem diz o proverbio, será possível obterem-se bons resultados, alcançar-se a victoria, entoar hymnos de triumpho, se os combatentes, os mestres, não forem adestrados, não possuirem, pela causa, aquelle amor, aquella dedicação, aquelle enthusiasmo que faz, de homens, apóstolos, e de apóstolos, heroes; se as munições de guerra, os livros, estiverem avariadas, falsificadas, servindo mais para perverter, do que para educar?

E, a par dos mestres e dos livros, não caberá á sociedade, em geral, o dever de se enfileirar nessa cruzada do progresso, dando á mocidade exemplos cabales de moralidade, tanto no seio da familia, como em qualquer parte que se encontre?

E' vulgar attribuir á escola e aos mestres muitos dos maus habitos contrahidos pelos alumnos, quando a verdade é que dimanam, em geral, do que ouvem, vêem e observam na propria casa, nas ruas, nas reuniões, nos theatros, nos cinemas; os professores condemnam certas praticas que o alumnos vêem empregadas em toda a parte; e esses mesmos, que as condemnam nos outros, são os primeiros a praticá-las, confirmando desse modo o proverbio, que assim resa: "Nós somos mais propensos a applicar as regras da moral a conducta dos outros, que á nossa propria conducta".

E, se fallei na sociedade em geral, não posso deixar de especificar a "élite", que tem por dever dar o exemplo ás classes inferiores, para que se torne merecedora do respeito e da consideração a que tem jus tal posição social.

Que a mocidade veja em toda a parte normas de conducta, modelos a imitar, não no desbragamento de costumes, não no ocio e na vagabundagem, não no lupanar ou na tavolagem, mas no cumprimento do dever, no respeito ás leis e ás auctoridades, na correcção de porte e de costumes, no habito do trabalho.

Compenetre-se cada homem de que tem de cumprir deveres para com a sociedade, cumpra-os escrupulosamente, e os novos seguirão a esteira que elle lhes traçar; se proceder do outro modo, baldados serão os esforços dos educadores, por extrardinaria que seja a sua dedicação, por incomparaveis que sejam os seus sacrificios.

Haja a fiscalização do Estado, meticulosa e séria, desempenhada, não por mercenarios especuladores, mas por brasileiros scientes e conscientes, por brasileiros de coração, nas escolas e nos collegios; sejam as suas visitas demoradas, e não "visitas de medico", pró forma, informando-se "de visu" do funcionamento de cada instituição; prestem as informações ás auctoridades competentes, de harmonia com os dictames da sua consciencia, de olhos fitos nas prosperidades do Brasil, e não nos interesses particulares; sejam os professores escrupulosos no cumprimento dos seus deveres, tanto educativos como instructivos, dando ainda o exemplo em toda a parte; auxiliem os paes a acção dos professores, não lhes coarctando a força moral de que precisam para o bom desempenho do seu munus; cumpra cada membro do corpo social o seu dever, de modo que em toda a parte os novos encontrem modelos a imitar

na pratica do Bem, e a mocidade, enveredando por novo caminho, trilhará essa estrada, banhada do sol da prosperidade, que a ha de conduzir ao engrandecimento da sua patria.

O professor estrangeiro, cooperando de alma e coração na "Ordem e Progresso" do Brasil, encaminhando e dirigindo a mocidade a orientar-se pela legenda desse pavilhão augusto, estimulando-o ao trabalho, pela cultura dos affectos do coração e pelo desenvolvimento intellectual, quem poderá dizer que não é um bom brasileiro, elle que, submettendo-se ás leis e respeitando as auctoridades, procura inocular no animo dos seus alumnos, essa mesma submissão e esse mesmo respeito? elle que, vivendo do seu trabalho constante e aturado, dá aos seus educandos o exemplo mais frisante de que no trabalho assenta a prosperidade de quem quizer progredir e avançar?

Oxalá sejam lidas estas considerações, para que não sejam as minhas palavras a "vox clamantis in deserto"; e, se merecerem essa honra, faço votos por que tal doutrina se espalhe, não em terreno sáfaro e inculto, mas vá cahir onde prolifiquie exuberantemente, de modo a enflorar e fructificar em todos os corações.

São Paulo, maio de 1923.

Prof. GUERREIRO.

ENSINO COMMERCIAL

Secção dirigida pelo Dr.
Laudelino Baptista.

O COMMERCIO DO ANTIGO ORIENTE

OS EGYPCIOS.—Vivendo num vale estreito de um rio, cercado de desertos e montanhas, sem portos ou linha extensa de costa, os egypcios nunca fizeram esforços sufficientes para commerciar com os povos estrangeiros. Dotados com um solo excessivamente fertil e meios abundantes de irrigação, elles podiam crear uma variedade de alimentos, e mater as primas essenciaes como linho, algodão e lã, emquanto cobre, ouro e material de construcção eram francamente accessiveis.

Os egypcios, entretanto, foram levradores bem succedidos e peritos fabricantes, mas pouca necessidade sentiram de empenhar-se no commercio estrangeiro. Artigos que elles não podiam produzir, taes como, por exemplo, pe'les, couros, resinas, madeiras, drogas, especiarias e incenso eram geralmente trazidos pelos arabes e phenicios e outros estrangeiros, muitos dos quaes formaram gradualmente postos commerciaes dentro, e nos arredores do valle do Nilo. Durante certo tempo, sob os grandes monarchas da decima oitava e decima nona dynastias (1600-1300 A. C.) uma expansão industrial e commercial seguiu-se na esteira da conquista estrangeira, mas mesmo então os egypcios permitiram aos estrangeiros de monopolzar a maior parte do commercio exterior. Muito tempo depois, Neco II (612-596 A. C.) tentou tornar o Egypto a principal nação commercial do mundo. Com o auxilio dos architectos navaes gregos elle construiu duas frotas formidaveis, uma no Mediterraneo, outra no Mar Vermelho. As cidades de Sais e Naucratis transbordaram rapidamente de negociantes gregos. O commercio interior da Asia occidental, passando por Cachemira e Tyro, cahiu sob o dominio egypcio. Fez-se uma tentativa para reabrir-se o antigo canal de Seti I e extendel-o até unir o Mediterraneo ao Mar Vermelho. Esta empresa, no emtanto, foi finalmente posta á margem e partiram viajantes phenicios para encontrar outra passagem entre os dois mares. Viajando até o Mar Vermelho, elles circumnavegaram a Asia, e depois de uma viagem de tres annos, voltaram á embocadura do Nilo. Infelizmente não foram grandes os resultados desta viagem e o Egypto pouco tempo depois cahiu sob o jugo de successivos conquistadores estrangeiros. Com tudo isso a maior parte do commercio que Neco II fomentou, continuou, especialmente pe'os Gregos que viviam nas cidades sitas á boca do Nilo. Foi em grande parte por meio destes gregos, como pelos Phenicios antes delles que a magnificente he-

rança d'arte e a pericia industrial do Egypto foram transportadas a diversas partes do mundo, formando ahi uma base importante para emprezas maiores por povos que vieram mais tarde.

CIDADES COMMERCIAES ANTIGAS DA REGIÃO TIGRE E EUPHRATES.—Como o Nilo os rios Tigre e o Euphrates eram sujeitos á inundaçãõ annual; mas ambos os rios, especialmente o Tigre, soffriam rapidos e violentos crescimentos de suas aguas que punham em perigo as cidades situadas em suas ribanceiras. Um systema muito mais completo de canaes de irrigaçãõ era mais necessario para a cultura, do que no valle do Nilo; mas com um tal systema todo o valle era esplendidamente adaptado á agricultura, emquanto nas montanhas visinhas o ouro, a prata, o ferro, o chumbo, o estanho se encontravam facilmente. Por consequencia a agricultura e as manufacturas prosperavam na parte inferior deste valle em tempos historicos muito afastados. De mais este vale era muito mais favoravelmente situado para um desenvolvido commercio extrangeiro do que o valle do Nilo, visto como era elle o centro natural para o qual convergiam todas as mais antigas estradas commerciaes.

Cidades como Ur, Erech, Eridu, Lassa Sirgalla tinham relações commerciaes com a Syria, Armenia, as regiões do Golpho Persico, India e provavelmente com a China, tendo-se desenvolvido um systema bancario pelo menos uns 6.000 annos A. C. Sob o dominio Assyrio, Ninive foi por longo tempo o centro de grande commercio, que se estendeu em todas direcções. Esta cidade era cercada por fertil regiãõ agricola, e numerosos fabricantes ahi prosperaram.

Além disso duas grandes estradas commerciaes cruzavam-se naquelle ponto, uma da Armenia ao Golpho Persico, e outra em direcção do oeste, de Ecbatana e Media. Babylonia, todavia, veio por fim a eclipsar Ninive e todas as outras cidades desta regiãõ. Ella possuia para o commercio melhor base agricola, e o Euphrates, que penetrava para o occidente, era um rio mais internacional do que o Tigre, fazendo assim a grande corrente de commercio de leste a oeste correr mais naturalmente atravez dos mercados. Susa, Ninive, Bactra, Phasacus, Cachemira, Samosata e muitas outras grandes cidades commerciaes e industriaes tornaram-se por fim seu sustentaculo. Da India, Bactriana e China, ella obtinha ouro, marfim, joias, sedas, algodão, lã, tapeçarias, especiarias, madeiras e cães de caça; de Ceylão e do Golpho Persico perolas; da Arabia incenso, myrra e outros perfumes; da Media, das regiões orientaes do Mediterraneo e outras partes pedras e madeiras; da Armenia e Asia

Menor vinhos e oleos; da Scythia couros e pelles; do Egypto linho, grãos, gado, cavallos e mulas. Quasi todo commercio maritimo da Babylonia, todavia, achava-se nas mãos dos phenicios e a maior parte do seu commercio feito por caravanas era dirigido por arabes, syrios e hebreus. Babylonia não foi sómente a cidade commercial principal do mundo por certo lapso de tempo, mas tambem o maior centro de manufactura, especialmente depois da queda de Tyro. Ella manufacturava em grande escala muitas variedades de algodões esplendidamente coloridos, pannos de lã, roupas brancas, tapeçarias, tapetes, colchas, talhava gemmas preciosas, finas louças e porcelanas, vidros coloridos e transparentes e muitos outros artigos. Seus productos industriaes tiveram por muitos seculos grande procura em todo o mundo civilizado e muitos povos com ella tomaram suas lições industriaes directa ou indirectamente. Babylonia foi tambem durante certo tempo o centro financeiro do mundo. Os registros de certas firmas bancarias daquela cidade foram descobertos, mostrando á evidencia a grande escala das operações de banco

OS PERSAS.—Apezar dos persas não terem sido nunca um povo commercial, as conquistas de Cyro, Cambyses e Dario apressaram a fusão commercial de todos os povos sujeitos ao seu dominio. Algumas cidades como Babylonia declinaram, mas outras prosperaram rapidamente e em virtude da energia de negociantes estrangeiros tornaram-se grandes centros commerciaes. Susa, em particular, muito proveito tirou do dominio Persa. Na outra extremidade do imperio Sardes tornou-se uma cidade commercial muito prospera e industrial. Multidões de operarios de todas as nacionalidades se agglomeravam e todos os productos do mundo conhecido eram vendidos em seus mercados. Cyro estabeleceu por todo o imperio estradas, defezas, estações, e um serviço postal, aperfeiçoado por Dario. Grandes feiras floresceram em todas as praças importantes e cada parada na estrada de Susa a Sardes tornou-se um mercado. De Sardes tres importantes estradas dirigiam-se para Cyrne, Smyrna e Epheso. Noutra direcção tornou-se navegavel o canal de Neco, e as estradas commerciaes do Sudan, Lybia e Mar Vermelho activaram-se de novo. Scylax de Carianda empreendeu uma viagem do Indo á extremidade superior do Mar Vermelho, explorando os recursos das regiões pelo caminho. Dario, imitando os Lydios, emittiu moedas de ouro, prata, chamadas daricas que eram usadas na parte occidental do imperio. Assim sob o dominio persa o commercio aproveitou grandemente com os novos meios de comunicação e transporte. A maior segurança estabe-

lecida, o conhecimento adquirido pela exploração, o emprego mais geral da moeda cunhada, e a extensão das relações commerciaes por conquista.

A morte de Xerxes (465 A. C.) foi seguida por um periodo de desintegração politica e consequente declinio commercial que durou até as conquistas de Alexandre o Grande (334-323 A. C.). Alexandre percebeu a importancia do commercio e muito fez para revivel-o, mas morreu muito cedo para realizar os seus planos. Seleuco Nicator (312-280 A. C.), seu successor na região Tigre-Euphrates, tambem deu grande impulso ao commercio, especialmente com a India. Seleucia achava-se construida na cabeceira occidental do Tigre, cerca de quarenta e cinco milhas ao norte de Babylon'a, e tornou-se cedo o maior centro de commercio com a Ind'a e o Estremo-Oriente. Os Seleucidas fundaram tambem outras cidades commerciaes.

De novo, entretanto, virou a roda da fortuna. A parte occidental do reino dos Seleucidas foi incorporada á Republica Romana (63 A. C.), e a parte oriental foi gradualmente absorvida pelos Parthas.

Sob o dominio Partha Seleucia, com sua vizinha Ctesiphon, á margem do rio mantinha sua supremacia commercial no valle do Tigre-Euphrates e tambem por certo tempo sob o Novo Imperio Persa, ou Sassaniano, monarchia estabelecida 226 annos A. C. Por fim Ctesiphon usurpou a posição commercial de Seleucia, devido principalmente ás terriveis devastações dos Romanos nesta ultima cidade e conservou esta posição até ser conquistada pelos Mahometanos. Mais distante, para o oriente, Persepolis foi uma importante cidade commercial durante as ascendencias Partha e Sassaniana, como foi Tadmor ou Palmyra mais distante no occidente.

OS PHENICIOS.—Foram commercialmente o povo de mais interesse e mais importancia do antigo Oriente. Em seu domicilio original, ao longo do Golfo Persico, perto das ilhas Bahrein, elles desenvolveram em data muito remota uma florescente industria de pescaria e traficavam com outros povos que viviam nas immediações daquelle golfo, na parte inferior do valle do Tigre-Euphrates e mais afastados para o oriente. Como a civilização se desenvolvia rumo oeste, ellas caminharam na mesma direcção, até o Mar Verme'ho, atravéz do valle do Nilo, até que encontraram as valiosas pescarias e outros recursos do Mediterraneo Oriental. Seu domicilio era muito pequeno, mas a terra entre a costa escabrosa e as montanhas do Libano produzia grãos, emquanto as declividades dos montes eram

proprias para pomares e vinhedos. A provisão de alimentos assim produzida podia ser mui facilmente consumida por importações da Palestina. As montanhas em suas faldas e as costas rochosas protegiam-n'os de invasão, enquanto as chanfraduras das ultimas permittiam portos seguros. Ainda mais, as montanhas produziam cobre, e grande quantidade de cedro e pinho, as praias, abundantes materias para vidros, e as pescarias forneciam não só peixes como conchas chamadas murex, das quaes se extrahia uma valiosa tintura cor de purpura. Assim a natureza convidava os phenicios a tornarem-se armadores de navios e lhes concedia não sómente o alimento como tambem a materia prima necessaria para lançal-os na carreira industrial. Qualquer materia prima que seus fabricantes não podiam conseguir em sua terra, seus negociantes e marinheiros encontravam cedo nas ilhas visinhas e traziam em ultimo caso de toda parte do mundo conhecido.

As relações commerciaes já estabelecidas no Oriente pelos Phenicios continuaram e estenderam-se depois de sua navegação ao seu domicilio no Mediterraneo oriental. Ao mesmo tempo elles então acharam-se mais favoravelmente situados para representar um papel importante no commercio das nascentes regiões occidentaes. Aqui, ao longo das margens do Mediterraneo, havia um novo mundo com ricos e nativos recursos inexplorados e os Phenicios deviam ser seus primeiros pioneiros commerciaes. Numerosas peninsulas salientes, ilhas quasi innumeraveis espalhadas através da inteira extensão de seu mar, acenavam aos aventureiros exploradores em direcção do oeste e o commerciante phenicio emprehendedor excitava sua anciosa pesquisa de novas fontes de provisão e procura, não sómente através deste mar para Hespanha, mas até além das columnas de Hercules, em direcção ao norte ao longo da costa occidental da Europa e do sul ao longo da costa occidental da Africa.

Sidon foi por muitos seculos a cidade principal da Phenicia. Seus negociantes e marinheiros tomaram a deanteira em abrir as regiões orientaes do Mediterraneo ao commercio. Primeiro dirigiram-se para Chypre, attrahidos para lá pelos ricos veios de cobre, como pela prata, ferro, pinho e cedro que lá se achavam. De Chypre elles se dirigiram ao longo das costas da Asia Menor e entre as ilhas adjacentes, achando importantes postos commerciaes em Rhodes, Lesbos, Creta, Melos, Thera, Cythera, Eubea, Thasos e outras ilhas. Apezar de parecer que elles preferiam as ilhas como logares de estação, elles estabeleceram, algumas no continente, como, por exemplo, em Astier, Coryntho, Thebas e alguns outros logares na costa Thracia. Os Sidonios por sua vez

penetraram através do Bosphoro nas regiões do Mar Negro onde encontraram abundantes provisões de lã, estanho, ferro, grãos, peixes, ambar, trazidos para alli da Europa Central. Nas ilhas Egeias elles acharam uma grande variedade de recursos, o mais importante dos quaes eram escravos, ouro das minas da Thracia, Thasso, Thera, Cythera, e Melos e argila vulcanica de Thera e Melos, que tornaram estas ilhas o maior centro de louças dos Phenicios. Gradativamente foram os gregos ficando orgulhosos e fortes bastante para resistir o monopolio sidonico do Mar Negro e regiões Egeias e após uma longa e tenaz batalha elles permaneceram senhores do campo.

O que os sidonios perdiam nestas regiões, todavia era compensado pelo que os tyrianos acharam no Mediterraneo Occidental e mais remotas regiões. Já os ultimos, emquanto velejando para o oeste de Creta, descobriram Cicilia e dali partiram para Sardenha e Hespanha. Quando Sidon começou a declinar, Tyro começou em consequencia a prosperar. Em Hespanha seus negociantes acharam ricas provisões de prata e estanho e fundaram Cadix, Tarsish e numerosos outros portos commerciaes. Nas outras regiões occidentaes do Mediterraneo elles foram tambem muito activos, estabelecendo estações commerciaes em Utica, Hippo, Carthago, Narbo e muitos outros logares em Cicillia, Sardenha, França meridional e Africa do norte. Na Africa occidental elles estabeleceram muitos portos commerciaes donde protegiam os productos caracteristicos daquella região. Elles mesmos dirigiram-se em sentido do norte, provavelmente até Cornwall e as regiões Balticas, trazendo dali estanho, grãos, lã, pelles, peixes, cobre e ambar.

Para tocar ao auge, elles circumnavegaram a Africa quando viajavam sob a auctoridade de Neco II. Tyro tornou-se não sómente a cidade commercial do mundo, mas tambem superou todas as outras durante certo tempo na extensão e qualidade de suas manufacturas; de facto, uma grande parte de seu extenso commercio servia como de alimento para as suas industrias. Seus negociantes exploravam cada região conhecida em busca de materia prima. O estanho de Cornwall, Hespanha e Caucaso era importado para ser misturado com o cobre de Chypre e outras regiões, habilitando assim os peritos trabalhadores em metal de Tyro a supprir muitas cidades Orientaes em suas incomparaveis estatuas de bronze e ornamentos. Os outros commercios de quinquilharias e metal eram igualmente alimentados pelo ouro, prata e ferro trazidos de varias partes do mundo. Iam buscar a lã das regiões do Mar Negro e dos valles da Asia Menor. Outras importantes manufacturas domesticas tam-

bem prosperaram em virtude das materias primas obtidas pelos commerciantes de Tyro, em numerosos logares. Tyro, entretanto, como sua irmã Sidon, estava sentenciada a declinar e decahir. As numerosas perturbações internas durante o nono seculo A. C. justamente com as guerras na Asia occidental e a sujeição da Phenicia á Assyria, occasionaram uma extensiva emigração de negociantes e fabricantes de Tyro para Carthago que cedo se tornou a principal cidade dos Phenicios. Gradualmente, tambem, os Tyrianos perderam seu dominio sobre suas fontes de provisão de materias primas e se entorpeceram por actos de indulgencia e luxuria. Devido a estas e outras causas Tyro continuou a declinar e foi ultimamente conquistada por Nabucodonozor e posteriormente por Alexandre o Grande; mas mesmo depois que ella perdeu sua supremacia industrial e commercial continuou a ser o intermediario algo importante entre o Oriente e o Oeste.

OS HEBREUS.—Especialmente durante o reino de Salomão tornaram-se um povo grandemente commerciante. Os territorios dominados por aquelle monarcha eram cruzados por muitas das mais importantes estradas commercieas, e elle de muitas formas encorajou seu povo a empenhar-se no commercio estrangeiro. Durante seu dominio os Hebreus entraram no commercio maritimo juntamente com os Phenicios, subjugando até Tarshish no occidente e do Mar Vermelho ao Ophir. O trabalho principal do commercio dos antigos Hebreus, entretanto, era para complementar o commercio maritimo dos Phenicios que vieram a ser por certo tempo seus mais importantes auxiliares no commercio feito por caravanas.

O EXTREMO ORIENTE.—Informações authenticas concernentes ao primitivo commercio da India, China, costa asiatica e ilhas da India oriental são muito escassas. Sabemos, todavia, que em tempos muito remotos muitos artigos destas longinquas regiões eram transportados para logares distantes do occidente; que algumas de suas mercadorias iam por agua, outras por caravanas; que Bactra foi por muitos seculos o centro principal do commercio de caravana com o extremo Oriente; que negociantes nativos traziam mercadorias do extremo Oriente e as descarregavam em navios Phenicios e Arabes, provavelmente em algum porto não muito distante da boca do Indo. Feiras e mercados existiam por todo o Extremo Oriente em data muito afastada e alli devia existir um intercambio extenso de mercancia entre as differentes secções daquella região por causa da grande diversidade de productos agricolas, mineraes e manufacturados.

CORRESPONDENCIA COMMERCIAL

A Revista offerecerá a seus assignantes um curso de Correspondencia Commercial, sob as seguintes condições:

1.º — Dar-se-á, cada mez, um resumo de, pelo menos, duas cartas, juntamente com os factos ou assumptos sobre que ellas teem de ser redigidas.

2.º — Qualquer assignante poderá enviar ao director da Secção cartas escriptas de accordo com esta direcção.

3.º — As cartas serão criticadas por dois grupos diferentes: um sob a direcção de um competente professor de portuguez, e outro, chefiado por um competente homem do commercio; isto é: as cartas serão consideradas do ponto de vista literario como referencia á materia do assumpto.

4.º — As dez melhores serão publicadas.

5.º — Quem quer que desejar que sua carta seja devolvida com as correcções e referencias grammaticaes deverá enviar 800 réis pela correcção e 200 para porte de correio — o que é baratissima lição particular.

6.º — Os erros mais importantes e mais communs, serão considerados no numero seguinte da Revista, com copiosos extractos de cartas recebidas e referencias a alguma importante grammatica conhecida.

7.º — Pouco a pouco será organizado um curso graduado e scientifico, com instrucções geraes a respeito á redacção das cartas, como excerptos numerosos.

8.º — No decorrer de um anno o leitor terá adquirido informações uteis, que valerão muitas vezes o preço da REVISTA.

9.º — As cartas recebidas serão de propriedade do director da REVISTA. Será feito esforço especial para conseguir o concurso das varias escolas do paiz.

10.º — Na “Caixa de Cartas” o editor mencionará o nome dos autores das dez melhores cartas, com pequenas suggestões necessarias a melhora-las.

O ENSINO NO EXTRANGEIRO

ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NOS ESTADOS UNIDOS

SYSTEMAS ESTADOAES

Os Estados Unidos são uma federação de 48 Republicas que se governam a si mesmas, exercendo cada uma independentemente todos os poderes que se não acham especificamente conferidos ao Congresso Federal pela Constituição ou derivados pela deducção do seu texto. Desde que a Constituição não determina que o ensino depende do Governo Federal, não ha systema nacional de ensino; os Estados Unidos portanto mantêm dentro da sua area 49 systemas separados de ensino.

Não ha dois Estados cujo systema seja exactamente o mesmo, mas possuem certos caracteristicos communs. Por exemplo, todos os Estados por lei mantêm o systema de ensino elementar á custa da fazenda publica. A duração usual de instrucção elementar é de 8 annos. As creanças entram em geral com a idade de 6 a 7 annos e acabam com a idade de 14 a 15 annos. Em todos os Estados, a frequencia escolar durante todo ou parte deste periodo é obrigatoria.

Não obstante muitas creanças entrarem na escola com a idade de seis annos, a adopção do jardim da infancia como parte do systema escolar permittiu que mais de um milhão de creanças podesse começar sua educação com a idade de quatro ou cinco annos. Nos jardins da infancia não ha ensino directo no que se refere á leitura, escripta e contas, e qualquer instrucção que tenha por base livros. São precisas ideias para comprehender os livros, e estas são adquiridas por meio de excursões, jardinagem, trabalho manual experimental e constructivo, jogos cooperativos e conversação necessaria para fazer intelligiveis estas formas de actividade. O periodo do jardim da infancia é portanto um periodo para as creanças e é utilizando os conhecimentos adquiridos por esta experiencia que se lança a fundação para um trabalho mais formal em linguas, escripta, leitura e contas nas classes que se seguem.

O nome de jardim da infancia foi adoptado pelo fundador do systema, Frederich Froebel, em Blankenburg, Allemanha, em 1840, para exprimir duas idéias que se referem á educação das creanças — primeira, que a educação é a maneira de tratar do desenvolvimento das creanças em lugar de lhes facultar o ensino; a segunda, que essa preparação deve ser dada por um especialista. A ins-

tituição que foi fundada nestes principios tem sido adoptada pouco mais ou menos em todas as partes do mundo mas em um grau maior nos Estados Unidos do que em qualquer outro paiz. Tornou-se conhecido nos Estados Unidos principalmente por intermedio da Exposição do Centenario que teve logar em Philadelphia em 1876, tendo-se o estabelecimento dos jardins da infancia espalhado depressa pelas diferentes cidades. Os primeiros destes estabelecimentos tinham ou character particular ou de caridade; mas como provaram o seu valor foram integrados no systema escolar. Ha actualmente cerca de 1.300 cidades em que os jardins da infancia formam parte organica da escola. Os 48 Estados que formam a União Norte Americana têm leis que permitem o uso de fundos publicos para jardins da infancia e ha mais de 100 escolas normaes e collegios que preparam para cursos de habilitação para o magisterio nestes estabelecimentos.

O jardim da infancia representa o typo activo de educação em contraste com o typo academico tradicional, e para demonstrar o valor deste typo em creanças pequenas basta notar a apreciavel influencia que se nota no trabalho dos graus elementares. E' devido á sua influencia principalmente que se introduziu o estudo da natureza, os trabalhos manuaes constructivos e os jogos cooperativos. Nestes e em outros respeitos o seu trabalho está em harmonia com os novos ideaes do ensino elementar.

Os estudantes que não têm a vantagem de terem passado por um jardim da infancia entram em geral nos graus elementares na idade de 6 ou 7 annos. Depois de completar oito annos ou oito graus, passam para as escolas secundarias, onde o curso é de quatro annos. Assim se completam os doze annos de instrução fornecidos pelo systema geral de escolas publicas dos Estados Unidos. Uma outra divisão destes 12 annos chama-se systema 6-3-3. Este systema comprehende seis annos de escola elementar, tres annos de escola secundaria geral (junior high school) e tres annos de escola secundaria complementar (senior high school).

A importancia do ensino elementar está completamente reconhecida na maior parte das cidades, sendo cuidadosamente fiscalizado por inspectores especializados.

O systema das escolas publicas secundarias (high schools) offerece em geral cursos de quatro annos, exceptuando a escola secundaria geral, achando-se estabelecido em todos os Estados. O curso da escola secundaria é baseado no curso da escola elementar podendo ser admittidos

nella os que tiverem obtido passagem nestas escolas ou que tiverem preparação equivalente.

O curso secundario serve para tres fins. Para a grande massa de estudantes que o frequentam offerece um curso de quatro annos de cursos de cultura e informação destinados a habilitá-los para uma vida mais intelligente e valiosa como cidadãos da democracia. O seu fim immediato é preparar estudantes para as varias instituições de ensino superior. Em terceiro logar um grande numero de escolas secundarias e especializadas estão habilitando a mocidade para profissões commerciaes e industriaes onde podem ganhar a sua vida. Em geral, pode-se dizer que a escola secundaria está tendendo cada vez mais para se adaptar ás necessidades das communidades locaes introduzindo estudos de uma natureza practica e professional ao mesmo tempo que concede uma maior latitude aos seus estudantes para escolherem os cursos que desejarem.

As escolas secundarias especializadas chamam-se escolas secundarias commerciaes, de trabalhos manuaes, escolas industriaes profissionaes ou escolas secundarias technicas. Quasi todas as grandes cidades mantêm uma ou mais destas escolas secundarias especiaes.

A maior parte dos Estados mantem escolas normaes para a preparação de professores, ou uma universidade estadual mais ou menos desenvolvida ou ambas. As escolas normaes e certos departamentos das universidades estadoaes articulam com as escolas secundarias publicas.

Muitas escolas normaes têm augmentado as suas facilidades para preparação de professores e têm desenvolvido bons cursos para a habilitação para o grau de bacharel. Estas escolas normaes são em geral conhecidas pelo nome de collegios de magisterio do Estado.

O curso de quatro annos é destinado a dar uma oppor-tunidade aos professores das escolas elementares para um trabalho mais extenso e tambem para habilitar professores para as escolas secundarias. Até agora o curso de quatro annos de estudos tem servido principalmente para os professores destas ultimas. Principalmente porque muitos Estados requerem que os professores das escolas secundarias tenham um grau de bacharel.

A par das instituições publicas de ensino varios grupos e particulares têm fundado escolas elementares, escolas secundarias, academias, escolas normaes e collegios. O systema mais extenso de escolas particulares é o que está sob a direcção da Igreja Catholica Romana. A matricula total das escolas parochiaes catholicas é de cerca de 2.000.000

de alumnos (1921). O numero de escolas catholicas é de 8.706 com 4.760 professores e 49.505 mestres.

Outras seitas religiosas tambem têm estabelecido instituições para proporcionar ensino sob auspicios sectarios. Tanto as escolas religiosas como as escolas particulares sob a administração sectaria fornecem parallelamente ensino da mesma categoria e character das instituições publicas do mesmo grau. Estas instituições não publicas e os referidos systemas têm perfeita liberdade de desenvolvimento sob as leis do paiz.

O observador estrangeiro, notando principalmente as differenças dos systemas estadoaes, ao principio inclina-se a pensar que ha uma grande confusão de preparação por ter o ensino americano uma organização muito complicada. As differenças, porém, são de character superficial não tendo nada de fundamental. Os mesmos typos geraes de instituições encontram-se em todos os Estados quer ellas pertençam officialmente ao systema estadual ou não. As suas interrelações são tambem essencialmente as mesmas. Ha comtudo, certas desigualdades nos padrões educativos, especialmente entre as instituições de ensino superior; mas estas não são nem tão grandes nem tão espalhadas como muitas vezes se pode pensar.

PADRÕES

Os systemas educativos dos Estados têm-se desenvolvido independentemente uns dos outros. Si se tomar em conta as disposições adoptadas para o ensino, feitas por alguns governos coloniaes antes da fundação dos Estados Unidos, as datas do estabelecimento dos 49 systemas educativos cobriram um periodo de cerca de dois seculos e meio. Nesse tempo a philosophia social da Nação tem mudado. A concepção commum da parte que o Estado deveria ter em desenvolver e em fiscalizar o ensino tem mudado. Segundo uma theoria que dominou muito largamente todos os graus de ensino desde o jardim da infancia até á universidade, o ensino deveria ser mantido e administrado pelo Estado ou pelo governo local.

E' para duvidar si o ensino americano poderá um dia ser completamente uniformizado quanto ao seu assumpto e methodos administrativos. A uniformidade é contraria ao genio da Nação. Os americanos são individualistas. Os seus systemas educativos e instituições reflectem esta qualidade. Estas instituições têm mantido o direito de se expandirem da maneira como entenderem, e adaptarem os seus cursos ás necessidades locaes livres de quaesquer restricções. A sua

liberdade é, de facto, uma das principaes bases da sua força. Comtudo, pode-se dizer que ha um sentimento nacional de opinião no que se refere á preparação destinada á admissão e á formatura dos principaes typos de instituições, e que os requisitos exigidos coincidem nas suas linhas geraes com os que são exigidos em instituições correspondentes das outras grandes nações, e que são tambem mantidas pelas melhores instituições dos Estados Unidos. Os estudantes portanto do estrangeiro encontrarão nesses centros de ensino para onde forem attrahidos facilidades extraordinarias para trabalhos avançados e treino profissional.

EVOLUÇÃO DA UNIVERSIDADE

O COLLEGIO

A descripção da organização corrente do ensino superior nos Estados Unidos tem de começar com o collegio americano, uma instituição que não tem equivalente em nenhum outro paiz.

Historicamente, o collegio é a mais antiga das instituições americanas. O primeiro, o Harvard College, foi fundado em 1636 pelos primeiros colonos inglezes em Massachusetts. Os collegios das Universidades de Cambridge e Oxford forneceram os prototypos. Seguindo o exemplo destas instituições, o Harvard College foi destinado a preparar os estudantes em artes liberaes, principalmente latim, grego, philosophia e mathematica. A maioria dos primeiros graduados entraram para a Igreja Protestante. De facto era uma das principaes funcções de Harvard e de outros collegios estabelecidos durante o primeiro seculo da vida colonial dos Estados Unidos preparar jovens devidamente para a carreira ecclesiastica. Gradualmente porém, o fim e o character do collegio mudou. As phases mais elementares dos diversos assumptos, passaram a ser dados em escolas de categoria inferior. Novos assumptos foram adicionados aos cursos. O collegio perdeu a sua funcção theologica, sem se tornar uma escola de habilitação para outras profissões. Continuou a offerecer cursos de artes liberaes, levantando-se cada vez mais com a introducção das sciencias, concedendo aos que completaram estes cursos o grau de bacharel em artes.

Tres mudanças muito significativas nas relações do collegio com o schema do ensino superior tiveram logar durante o seculo dezenove. A primeira destas foi a fundação das escolas profissionaes de theologia, direito e medicina. Não obstante os estudantes serem e até certo ponto continua-

rem a ser, admittidos nestas escolas sem uma educação previa, collegial, a tendencia tem sido e continua crescendo no sentido de exigir um grau de collegio ou pelo menos estudos collegiaes para a entrada nestes cursos. O collegio tem-se tornado assim até certo ponto uma escola preparatoria para os que completam um curso professional superior.

A segunda mudança a que nos temos de referir é a que diz respeito ao desenvolvimento dentro do collegio dos departamentos de sciencias puras e applicadas. Pelos meados do seculo dezenove o grau de bacharel em sciencias foi dado aos que se dedicavam aos cursos scientificos e começou a occupar uma posição parallela com o antigo grau de bacharel em artes. Gradualmente estes cursos de sciencia ramificaram-se mais tarde em cursos de engenharia. As escolas de engenharia ou as divisões assim fixadas tornaram-se parte integrante de muitos collegios de artes liberaes.

A terceira mudança que constitue a maior alteração no estatuto do collegio e a que se refere ao estabelecimento das escolas de estudos graduados baseados sobre as faculdades de philosophia das universidades allemãs. As escolas de estudos graduados têm-se desenvolvido principalmente nestes ultimos 45 annos; o movimento recebeu o seu primeiro grande impeto com a fundação da Universidade de Johns Hopkins, incorporada em 1867 e aberta aos estudantes em 1876. A escola de estudos graduados offerece aos diplomados com cursos collegiaes cursos que habilitam para os graus de mestre em artes, doutor em philosophia, e graus correspondentes nas escolas technicas. Offerecem oportunidades para estudos avançados em artes e em sciencias e para pesquisas similhantemente ás que são offerecidas pelas principaes universidades europeas.

Desde a origem dos collegios até á fundação das escolas de estudos graduados, os cursos collegiaes, não contando com o desenvolvimento dos cursos separados em sciencias e em engenharia, não têm soffrido mudanças importantes. Alguns assumptos novos têm sido addicionados de tempos a tempos. Substituições de certos estudos, taes como por exemplo entre uma lingua moderna e uma lingua antiga ou entre duas sciencias elementares, têm sido a pouco e pouco introduzidas. Em geral, porém, o programma collegial de estudos era fixo e definido andando em volta de uma parte fundamental de latim, grego e mathematica. Com o desenvolvimento da escola de estudos graduados e com a mudança dos ideaes sociaes e educativos têm-se introduzido

novos ramos de estudos. A Universidade de Columbia por exemplo, offerece aos candidatos para o grau de bacharel instrucção em 45 assumptos differentes. Estes assumptos são quasi que equivalentes aos que são offerecidos por um grande numero de outras instituições.

O curso obrigatorio de estudos para o grau de bacharel foi completamente alterado e agora ha uma tendencia geral para limitar o trabalho obrigatorio a dois ou tres assumptos e a permittir o estudante muito mais liberdade em escolher o resto dos assumptos que elle necessita para completar o seu programma; ou a offerecer varios grupos de estudos organizados para satisfazer a uma certa orientação e com um certo assumpto central em vista, permittindo-se ao estudante o escolher o grupo que mais lhe satisfizer.

A UNIVERSIDADE PROPRIAMENTE DITA

O collegio é o nucleo do qual se desenvolveram todas as instituições de ensino superior. Antes do seculo dezenove não havia universidades no sentido moderno da palavra. Com o desenvolvimento das escolas profissionaes de theologia, direito e medicina, a maioria das quaes eram expansões dos collegios já estabelecidos, as instituições americanas começaram a approximar-se da organização universitaria. O nome "universidade" passou a ser empregado commummente para designar uma instituição composta de um collegio e uma ou mais escolas profissionaes cada uma debaixo de um corpo docente differente.

As escolas de arte dentaria, de varios ramos de engenharia, de agricultura, de medicina veterinaria, etc., são agora frequentemente incluidas em uma só universidade. A Universidade da California, por exemplo, tem 19 dessas escolas ou divisões; a Universidade de Chicago, 10; a Universidade de Illinois, 13; a Universidade de Michigan, 8. Como cada nova profissão se vae desenvolvendo, vão-se creando novas divisões para preparar para ellas e assim se vae ampliando a universidade. Desta maneira crearam-se recentemente num grande numero das maiores universidades, escolas de commercio, de administração mercantil, de sciencias domesticas, de ceramica e de jornalismo. Este processo irá continuando sem duvida com a multiplicação das profissões.

ORGANIZAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE TYPICA

O COLLEGIO DE ARTES E SCIENCIAS

O centro de cada uma das universidades, exceptuando uma, é o collegio, chamada mais vezes o collegio de artes e sciencias, outras collegio de letras ou collegio de artes liberaes, etc. Seja qual for o seu nome, o seu fim e o seu character são por toda a parte approximadamente os mesmos. Offerece aos graduados das escolas secundarias um curso de estudos de quatro annos, habilitando usualmente para os graus de bacharel em artes ou bacharel em sciencias ou algum outro grau de bacharel. Geralmente o trabalho é em parte obrigatorio seguindo um dos dois methodos atraz indicados. Certos assumptos taes como inglez, uma ou mais linguas modernas, latim, uma sciencia, historia e mathematica, são assumptos obrigatorios para todos os estudantes; ou os cursos são organizados em grupos em torno de um assumpto e cada estudante tem de escolher o grupo que melhor satisfaz aos seus gostos e inclinações individuaes. Em qualquer dos casos uma consideravel parte do seu curso é facultativo; isto é, elle pode escolher a seu gosto de uma lista de assumptos que o collegio offerece para completar o numero de cursos que elle necessita para se graduar.

A instrucção collegial é dada por meio de conferencias, chamadas á lição, discussões, practica de laboratorio e varias especies de exercicios escriptos. No trabalho dos dois primeiros annos e nos cursos elementares em todos os assumptos, ha uma tendencia para ser um pouco mais formal. Os instructores marcam trabalhos definidos para cada aula: uma certa porção de conhecimentos deve ser absorvida, umas determinadas experiencias de laboratorio, um thema escripto sobre um assumpto especificado, ou um numero fixo de paginas a serem lidas. No dia seguinte o professor verifica se os estudantes satisfizeram aos trabalhos marcados. Nos ultimos annos do curso ha menos prescrições formaes e o estudante é entregue tanto quanto possivel aos seus proprios recursos. Os seus conhecimentos são verificados por meio de exames periodicos.

Em virtude do longo periodo empregado no ensino elementar e secundario, os estudantes dos collegios americanos são em geral mais velhos do que os estudantes de outros paizes que alcançam o mesmo grau de adeantamento escolar. A media da idade de entrada para collegios americanos é de 18 a 19 annos, sendo a média da idade em que re-

cebem os graus 22 e 23. Poucos collegios comtudo permitem aos estudantes completar os cursos em tres annos, tomando cursos supplementares.

COLLEGIO OU ESCOLA DE ENGENHARIA

A par do collegio de artes e sciencias encontra-se a escola ou collegio de sciencias applicadas ou engenharia. Este offerece aos graduados de escolas secundarias um curso de quatro annos destinado a habilitar para o grau de bacharel em sciencias em algumas das divisões de engenharia, isto é, civil, mechanica, de minas, mettallurgica, electrica, hydraulica architectonica, chimica e engenharia sanitaria. Em algumas instituições o trabalho nestas varias especialidades acha-se organizado em escolas separadas, isto é, escolas de engenharia de minas, escolas de engenharia civil. O curso de estudos para o primeiro anno é em geral uniforme para os estudantes de todos os annos de engenharia; no emtanto, a tendencia presente é para uma maior medida de uniformidade nos primeiros annos, seguida de especialização no ultimo anno ou nos ultimos dois annos.

A escola ou collegio de engenharia pertence na organização do ensino americano a uma divisão collegial a par do collegio de artes liberaes, recebendo estudantes com a mesma preparação e dando aos seus diplomados o grau de bacharel. E', comtudo, no espirito e tendencia uma escola profissional destinada a habilitar os seus diplomados a praticar immediatamente as suas profissões como meio de vida. Este facto affecta o collegio de engenharia de duas maneiras. Em primeiro logar, a sua efficacia como uma escola de habilitação technica é constantemente verificada pelo successo dos seus diplomados no trabalho profissional. Soffre as consequencias sem duvida alguma se o seu nivel não for considerado alto. O collegio das artes, cujo fim é preparar com cultura geral não está sujeito a verificações desta ordem.

Em segundo logar como resultado das suas obrigações profissionaes o trabalho da escola de engenharia é na sua maior parte mais concreto e practico do que o do collegio das artes liberaes. Não somente nos extensos e bem equipados laboratorios e officinas da universidade, mas nas officinas e fabricas das companhias industriaes e no campo, o engenheiro pode adquirir a sua practica profissional e encontrar as opportunidades para trabalhar em cousas em que mais tarde pode vir a ganhar a sua vida.

Recentemente a tendencia tem sido para alongar o periodo de preparação para a profissão de engenharia. Va-

rias universidades importantes offerecem cursos de cinco e seis annos em varios ramos de engenharia. Cursos de cinco annos que são os mais communs, incluem ou uma consideravel quantidade de trabalho no collegio de artes e sciencias destinada a ampliar a cultura do estudante ou a especializá-lo mais no ramo de engenharia que o estudante escolheu. Em geral no fim destes cursos verdadeiramente especializados os que tiverem passado recebem os graus de engenheiro electricista, engenheiro mechanic, engenheiro civil, engenheiro architectonico. Taes graus são mais elevados do que os de bacharel em sciencias.

Em varias universidades importantes ha tambem cursos "postgraduate" que habilitam para os graus de mestre em sciencias, doutor em philosophias e doutor em assumptos de engenharia.

COLLEGIO OU ESCOLA DE AGRICULTURA

Em 1862 o Congresso dos Estados Unidos, por meio da Lei Morrill, concedeu aos Estados terras publicas destinadas á venda com o fim de formar um fundo para a manutenção dos collegios de agricultura e de artes mechanicas. Leis posteriores vieram conceder dotações annuaes por parte do Governo Federal para a manutenção destas instituições e para a promoção de pesquisas agricolas e demonstrações. Nos 57 annos que decorrem desde a passagem da lei primitiva que se chamou a lei para concessões de terras para collegios, ella foi o elemento mais importante para a preparação dos estudantes em profissões technicas. Em muitos Estados a lei das concessões de terras fez com que se pudessem fundar as universidades estadoaes e estas em vinte Estados são legalmente designadas como collegios de concessões de terras.

O systema de ensino agricola nos Estados Unidos tem-se desenvolvido tornando-se muito completo e extremamente complexo. Cada um destes Estados mantem um collegio de agricultura e artes mechanicas, em alguns casos dependentes da universidade do Estado, em outros casos instituições independentes. Todas estas instituições mantêm cursos especializados de quatro annos que habilitam para o grau de bacharel em agricultura. Os cursos mais communs são os de agronomia, horticultura, criação de animaes, gado leiteiro, engenharia agricola e educação agricola. Praticamente todas as instituições habilitam para o grau de mestre e muitas para o grau de doutor em agricultura ou educação agricola.

A influencia destes collegios é extendida ao publico em geral por meio do serviço de extensão mantido cooperativamente pelo collegio, Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e pelo condado. Por meio dos propagandistas (extension workers) a mensagem do Collegio de Agricultura, da estação experimental, do Ministerio de Agricultura dos Estados Unidos, é levada directamente aos lavradores e aos seus filhos, que podem estar ou não matriculados nas escolas publicas e secundarias.

A agricultura nas escolas secundarias é predominante do typo profissional, administrada de accordo com a lei Smith-Hughes como programma comparativo entre a Junta Federal para Ensino Profissional e a Junta Estadual para Ensino Profissional.

O programma typico de uma escola secundaria comprehende quatro annos de instrucção em profissões agricolas. A organização usual destas escolas exige tres unidades (sendo cada unidade uma aula de 45 minutos diarios durante 26 semanas), de mathematica, tres unidades de sciencias sociaes, tres unidades de sciencias, quatro unidades de agricultura e quatro unidades de inglês. Um curso typico profissional em agricultura comprehende uma unidade de culturas hortícolas, uma unidade em animaes das fazendas, meia unidade em horticultura, meia unidade em leiteria, meia unidade de administração das fazendas e meia unidade em mechanica das fazendas.

Na practica real a tendencia é para afastar da organização em assumptos e estabelecer o ensino tomando como unidade as empresas individuaes das explorações das fazendas e practicando de maneira a effectuar todas as operações partindo da unidade da base do estudo. Com uma organização desta ordem o desenvolvimento dos projectos caseiros torna-se o facto guia na instrucção e os cursos representam uma unidade taes como a criação de porcos, de gallinhas, cultura de milho, de algodão, pondo de lado as culturas de fazendas e a criação de animaes como unidades do curso. As officinas de reparações da fazenda, da administração fazendeira e de vendas são ensinadas conjunctamente com a exploração particular.

Cada um dos Estados acceitou as disposições das leis Smith-Hughes e os Departamentos de Ensino Profissional Agricola de Smith-Hughes encontram-se commummente nas escolas secundarias tanto ruraes como urbanas, das regiões agricolas.

Nas escolas elementares a agricultura não se acha tão bem organizada, não obstante ser exigido o seu ensino por lei em dezeseite Estados e obrigatorio nos cursos de estudo

em 11 outros Estados. A agricultura é, além disso, ensinada nas escolas de varias regiões em quasi todos os Estados da União.

Varios Estados têm programmas bem desenvolvidos de estudos naturaes de agricultura para os oito graus das escolas elementares. A maioria dos Estados, comtudo, onde a agricultura é ensinada nas escolas elementares tem introduzido este assumpto somente no setimo e oitavo graus.

A tendencia nos methodos empregados é levar o projecto domestico até á escola elementar e desenvolver o curso por meio de projectos escolhidos elementares. Deve-se tratar mais do fim preparatorio do profissional do que do profissional propriamente dito.

COLLEGIO OU ESCOLA DE MEDICINA VETERINARIA

Varias universidades notaveis e collegios de agricultura e artes mechanicas mantêm escolas de medicina veterinaria, que offerecem instrucção sobre as causas do tratamento das doenças animaes e sobre os principios de sciencias sanitarias nas suas applicações á pecuaria. A grande proporção da riqueza da Nação empregada em gado, a dependencia da agricultura da pecuaria e a influencia de certas doenças animaes, especialmente a tuberculose, sobre a saude da commuidade dá uma importancia especial á profissão de medicina veterinaria.

O collegio typico de medicina veterinaria offerece aos diplomados da escola secundaria um curso de tres annos que habilita para o grau de doutor em medicina veterinaria. O curso é constituido por assumptos obrigatorios. Combina instrucção em sciencias medicas fundamentaes — chimica, anatomia e physiologia — com ramos especiaes de pathologia animal, cirurgia e medicina veterinaria. Instrucção clinica é dada nos hospitaes veterinarios annexos ás escolas. Ha em geral disposições especiaes que permitem trabalhos graduados em sciencias veterinarias.

COLLEGIO OU ESCOLA DE COMMERCIO

Entre as recentes addições feitas á universidade americana encontram-se as escolas ou collegios de commercio ou de administração mercantil. Os collegios typicos do commercio offerecem aos graduados das escolas secundarias cursos de quatro annos habilitando para o grau de bacharel em sciencias ou bacharel em artes. A primeira parte do curso é principalmente devotada aos assumptos fundamentaes taes como mathematicas, inglês, sciencias naturaes, lin-

guas modernas estrangeiras, historia e sciencia economica. Estes assumptos são seguidos por outros nos ultimos dois annos de character technico geral destinados a dar uma preparação para a vida commercial, taes como as varias phases da administração mercantil, lei commercial e conhecimentos mais especializados em sciencia economica.

COLLEGIO OU ESCOLA DE JORNALISMO

As escolas de jornalismo fazem parte das mais recentes ampliações das varias universidades. Estas escolas offerem aos diplomados das escolas secundarias um curso de quatro annos que prepara para o grau de bacharel (bacharel em artes, bacharel em letras ou bacharel em jornalismo.) A parte fundamental do trabalho nas escolas de jornalismo é principalmente composta de cursos de sciencias sociaes e inglêz, que são designados para familiarizar o estudante com a presente situação economica e social e para desenvolver o seu poder de descripção por meio da escripta. Estes cursos são em geral de dois annos sendo seguidos de outros de instrucção technica nos methodos de jornalismo moderno. Estes cursos incluem practica de reportagem, entrevistas e artigos editoriaes. O fim de todas estas escolas está bem marcado no annuncio official da escola de jornalismo da Universidade de Columbia. O qual é "fazer melhores jornalistas, que produzirão melhores jornaes que se virão melhor o publico".

O COLLEGIO OU ESCOLA DE PHARMACIA

As escolas de pharmacia, que fazem parte da maioria das grandes universidades, offerem em geral cursos que preparam para tres graus differentes — graduado em pharmacia, chimico pharmaceutico e bacharel em sciencias em pharmacia ou bacharel em pharmacia. As condições de admissão são as mesmas que para a dos outros departamentos já descriptos. O grau de graduado em pharmacia é dado no fim de um curso de dois annos consistindo principalmente em instrucção em botanica, chimica analytica, e pharmacia. Varios Estados exigem como requisito para licença para practicar a profissão de pharmaceutico ou um certo numero de annos de experiencia practica onde se fabricam drogas e medicamentos ou um curso de instrucção em uma escola de pharmacia. Os cursos de pharmacia são organizados com o fim de fornecer essas habilitações.

O curso destinado a preparar para o grau de chimico pharmaceutico é de tres annos. E' "designado mais espe-

cialmente para os que desejam entrar no campo commercial de chimica pharmaceutica ou de analyse de alimentos e drogas". Cursos de instrucção mais adeantados são dados em combinação com estudos geraes de sciencias e linguas estrangeiras.

Um curso de quatro annos que habilita para o grau de bacharel em sciencias em pharmacia inclue a combinação de estudos de cultura e estudos avançados em pharmacia, correspondentes aos dos candidatos para o grau de chimicos pharmaceuticos.

Em muitas das universidades e escolas de estudos graduados offerecem-se opportunidades para estudos graduados especializados e pesquisas em alguns departamentos da especialidade pharmaceutica.

COLLEGIO OU ESCOLA DENTARIA

Na organização de 29 universidades e collegios americanos encontram-se agora escolas dentarias, que offerecem aos diplomados de escolas secundarias cursos de tres annos que habilitam para os graus de doutor em cirurgia dentaria ou doutor em medicina dentaria. O curso comprehende em primeiro lugar o estudo dos assumptos scientificos elementares que formam a base da preparação para medicina; anatomia, chimica, bacteriologia, physiologia e pathologia. A seguir o ensino é acompanhado de trabalhos clinicos e laboratorio e practica em operações e arte dentaria prosthetica. As clinicas das melhores escolas americanas dentarias, permitem aos estudantes trabalhar amplamente e practicar em todos os ramos da arte dentaria.

Não obstante a arte dentaria ser uma profissão separada, e não obstante a habilitação para ella ser feita em uma escola especial professional, todavia cada vez se considera mais esta especialidade como um ramo da sciencia medica. Dahi provem a tendencia de salientar a ligação entre a educação medica e dentaria. Sete escolas dentarias são actualmente departamentos de escolas de medicina. Um dos Estados já fez passar uma lei exigindo que daqui em diante todos que vierem a exercer a profissão de dentistas devem possuir um grau de medicina. Não obstante não se prever que os outros Estados venham a tomar a mesma medida radical, ha uma tendencia accentuada no sentido de ampliar o curso de dentista de tres para quatro annos. Um grande numero de escolas dentarias está satisfazendo a este requisito para uma habilitação scientifica maior offerecendo cursos "postgraduate" aos que tenham obtido graus na es-

pecialidade dentaria e a outras pessoas que tenham experiencia practica.

E' apropriado chamar a attenção para a excellencia das escolas dentarias americanas e respectivas clinicas. O conspicuo successo dos que praticam a profissão dentaria é indubitavelmente devido ás esplendidas facilidades para preparação dos profissionaes que se offerecem nos Estados Unidos.

COLLEGIO OU ESCOLA DE MAGISTERIO

Entre as contribuições importantes que os Estados Unidos têm feito a favor da habilitação profissional pode-se indicar a criação de escolas especiaes de magisterio. As escolas normaes organizadas principalmente para a preparação de professores das escolas elementares, existem ha muito tempo. Ellas devem a sua existencia ás experiencias que se fizeram na Europa neste mesmo sentido. Mas as escolas de magisterio, cujo fim é preparar professores para as escolas secundarias, directores, fiscaes, e superintendentes do systema educativo da cidade, são relativamente novas e instituições distinctamente americanas. O seu estabelecimento provem da evidente necessidade de se ter professores habilitados e pessoal dirigente para levar a effeito o trabalho de ensino publico secundario e administração dos systemas escolares. Com poucas excepções attingiram um desenvolvimento grande nos Estados onde as Universidades esta-doaes occupam uma posição de leaders em materia de ensino.

A escola typica de magisterio offerece aos diplomados das escolas secundarias um curso de quatro annos que prepara para o grau de bacharel. O curso em geral combina tres elementos distinctos: habilitação geral em artes e em sciencias, especialização em um ou dois assumptos que o candidato pretende ensinar mais tarde, e instrução na theoria e practica do magisterio.

Entre os assumptos verdadeiramente profissionaes presta-se especial attenção á psychologia da educação, á historia e philosophia da educação, e á organização e administração das escolas. As escolas melhores equipadas do magisterio offerecem opportunidades tambem para os estudantes poderem observar um ensino cuidadoso e practicar nelle debaixo de fiscalização.

Ha uma tendencia marcada no sentido de ampliar o campo escolar das escolas de magisterio, e consequentemente de augmentar o ensino profissional aos professores das escolas secundarias. A addição de um quinto anno aos cursos de magisterio é uma manifestação desta tendencia.

Ao terminar este curso mais extenso os estudantes recebem o grau de mestres em artes. Desta maneira a escola de magisterio está-se a transformar a pouco e pouco em uma escola de estudos graduados. Não demorará muito até que os cursos de cultura geral sejam passados para o collegio de lettras e a escola de magisterio avançará em categoria transformando-se em uma escola de estudos graduados, oferecendo somente cursos profissionaes aos estudantes que tiverem obtido o seu diploma de collegio. Cursos graduados em assumptos educativos para a habilitação ao grau de doutor em philosophia são vulgares nos departamentos de cursos graduados das melhores universidades.

COLLEGIO OU ESCOLA DE DIREITO

Os systemas legaes da Inglaterra e dos Estados Unidos da America differem radicalmente dos systemas da maioria de outras nações. Em vista deste facto os estudantes estrangeiros não serão attrahidos em grande numero ás escolas de direito com o fim de se habilitarem á practica immediata das suas profissões nos seus paizes. Não obstante ha uma crescente convicção entre os advogados e juriscultos que tanto o conhecimento da lei commum ingleza como o dos systemas codificados da Europa continental e da America Latina são de grande valor para os que praticam a advocacia em qualquer paiz do mundo. O espirito e os ideaes de um paiz reflectem-se nas suas leis. O conhecimento da legislação de outros paizes tende a alargar as sympathias internacionaes. E' por esta razão e bem assim para completar a lista das partes componentes da universidade americana que a escola de direito se acha mencionada aqui.

ESCOLA OU COLLEGIO DE MEDICINA

Nenhuma das outras escolas profissionaes pertencentes ás universidades americanas fizeram progressos tão notaveis e animadores nestes ultimos annos como as escolas de medicina. Os progressos têm sido realizados em tres ramos importantes: o desenvolvimento do material de laboratorio por meio de dotações liberaes dos Estados e donativos particulares, o augmento das facilidades hospitalares e a exigencia de melhor preparação para a entrada. Como resultado deste desenvolvimento as melhores escolas de medicina dos Estados Unidos não são excedidas em equipamento physico e nos requisitos exigidos de preparação tanto para

entrada como para a formatura ás dos paizes mais avançados do mundo.

As altas qualificações recommendadas pela Associação Medica Americana e postas em practica pelas mais progressivas escolas de medicina tornaram-se permanentes pela acção subsequente dos numerosos Estados pelas suas juntas examinadoras que fixam a preparação educativa que deve ser requerida aos que praticam medicina nos seus respectivos Estados. O ensino medico attingiu portanto um estatuto conforme com a antiguidade e a importancia da profissão.

Como uma divisão da universidade, a escola de medicina está a par das escolas que se destinam á habilitação de outras profissões tradicionaes.

A escola de medicina typica das melhores universidades exige para a admissão um curso de escola secundaria de quatro annos, incluindo dois annos de latim, e além disso dois annos de collegio que deve abranger pelo menos um anno de physica, chimica, biologia e sufficiente allemão e francês que habilitem os candidatos a ler obras nessas linguas. Para taes estudantes a escola medica offerece um curso de quatro annos consistindo em trabalhos de laboratorio, instrucção na theoria e practica de medicina habilitando para o grau de doutor em medicina. Annexas a todas as escolas de medicina de reputação ha hospitaes, nos quaes os estudantes de medicina estudam em primeira mão doenças e seus tratamentos e onde elles servem como internos.

Incluida no "requisito ideal" fixado pela Associação Medica Americana encontra-se a recommendação de se juntar um quinto anno aos cursos de medicina, no qual o estudante deve practicar como interno no hospital. A recommendação tem sido adoptada em varias das principaes escolas medicas do paiz. Outras, não incluindo o anno de interno do curso de medicina, offerecem amplas facilidades para que os diplomados possam disfructar deste privilegio.

Um recente aspecto do ensino medico é o que se refere ao estabelecimento de cursos "postgraduate" em medicina destinados principalmente a estudos da especialidade e pesquisas. Até agora não tem havido uma organização geral destes cursos nos programmas das escolas de medicina com o fim de preparar para graus mais elevados. Deve-se chamar a attenção, porém, para um grau em medicina que já tem alcançado renome. Este grau é o de doutor em hygiene publica. Este grau é concedido aos doutores em medicina depois de um ou dois annos de estudos "post-

graduate" referentes a problemas de sanidade e enfermidades locais e a pesquisas especiais.

A maior parte das grandes universidades oferece cursos de seis ou sete annos, combinando o ensino do departamento de artes e sciencias com o curso de medicina, offerecendo ao mesmo tempo os dois graus de bacharel em artes (ou bacharel em sciencias) e o de doutor em medicina.

Os estudantes de paizes tropicaes certamente se interessarão nos cursos excellentes de medicina tropical que se professam nas escolas de medicina da Universidade de Tulane da Louisiana e na Universidade de Harvard.

ESCOLA DE ESTUDOS GRADUADOS

O coroamento da universidade americana é a escola de estudos graduados de artes e sciencias. Projectada originariamente para corresponder á faculdade de philosophia das universidades allemãs e para offerecer instrucção simplesmente em sciencias puras e humanidades, a escola de estudos graduados de ha muito que expandiu-se muito mais do que era de esperar quando foi primeiramente concebida. A escola de estudos graduados das grandes universidades americanas acha-se organizada em uma unidade administrativa que abrange todo o ensino superior e todas as facilidades para investigações que a universidade pode offerecer em qualquer dos seus departamentos. Com esta organização os diplomados com um grau de bacharel que desejarem especializar-se, por exemplo, em engenharia, em sciencias medicas ou em pharmacia e bem assim em sciencias puras e humanidades, entram na escola de estudos graduados.

A escola de estudos graduados americana tem um duplo fim. Chronologicamente, o primeiro consiste em habilitar os estudantes propriamente preparados para graus adiantados e phases mais especializadas dos assumptos offerecidos pela universidade. Mais importante, comtudo, é no que se refere ao desenvolvimento, á obrigação de ampliar a somma dos conhecimentos humanos. Pesquisas, constituem o principal objectivo da escola de estudos graduados. A escola de estudos graduados é diferenciada da escola ordinaria profissional em se dedicar a pesquisas. Como regra, as escolas de medicina e engenharia, por exemplo, têm por principal objectivo preparar os estudantes com um certo corpo de conhecimentos que se acham organizados e aceitos com um valor profissional, e preparar os diplomados em profissões que se acham já fixadas. A escola de estudos graduados dedica-se principalmente ao adiantamento

das sciencias. Os seus professores devem-se dedicar a trabalhos que se referem á ampliação dos limites dos conhecimentos humanos e a dirigir os estudantes na conducção de taes investigações. A vitalidade da escola graduada é avaliada pela quantidade e qualidade da sua producção creadora.

A maior parte das escolas de estudos graduados tem sido estabelecidas dentro destes ultimos 25 annos. A apreciação do valor das pesquisas por parte do paiz, que tornou esta ultima expansão da universidade um facto, não conta com mais de quinze annos; a frequencia dos cursos de estudos graduados nos Estados Unidos augmentou de 4.340 em 1893; a 7.911 em 1903; a 14.406 em 1918 e a 15.612 em 1920.

Póde-se asseverar que os estudantes do estrangeiro encontrarão agora nas escolas de estudos graduados das mais notaveis universidades americanas oportunidades para especialização e pesquisas mais ou menos equivalentes ás que são fornecidas pelas faculdades de philosophia e institutos scientificos das universidades da Europa. Taes estudantes procurarão naturalmente as instituições que offerecerem as melhores facilidades e que possuirem os mais eminentes professores nas especialidades em que sé acharem interessados.

Uma funcção subordinada da escola de estudos graduados é a que se refere á preparação dos professores para as instituições de ensino superior. Actualmente as auctoridades que nomeiam o pessoal docente estão exigindo dos candidatos para o ensino superior um periodo mais ou menos extenso de estudos graduados.

Uma escola de estudos graduados typica das universidades americanas admite para estudantes somente os que possuirem um diploma de bacharel de um collegio ou universidade de reconhecido merito. Confere duas ordens de graus, o grau de mestre e o grau de doutor.

Para obter o grau de mestre é necessario um anno de estudos "postgraduate", dedicado em regra geral a não mais de tres assumptos, um dos quaes, denominado "major", recebe a maior parte da attenção do estudante. Muitas universidades exigem tambem uma these contendo os resultados de um pequeno trabalho de pesquisa.

O minimo periodo de estudos "postgraduate" para o grau de doutor é em geral de tres annos. O tempo gasto e o numero de cursos seguidos são em geral de importancia secundaria. Para receber o grau é necessario que o candidato não sómente demonstre por meio de exame a sua competencia no seu campo especial mas tambem por meio de uma dissertação ou these apresente uma contribuição ori-

ginal para o avanço das sciencias neste campo. A maior parte das universidades exige que a dissertação seja publicada. Os exames são tanto oraes como escriptos. De facto, os requisitos para um grau americano de doutor em philisophia são parallelos aos que se exigem para o mesmo grau nas universidades allemãs. As universidades americanas, porém, têm recentemente tentado exigir dos candidatos para graus uma preparação escolar mais longa e uma these de mais valor.

ESCOLAS TECHNICAS E PROFISSIONAES INDEPENDENTES

Em addição ás grandes universidades que offerecem instruccão practicamente em todos os departamentos de saber, incluindo na sua organização todos os typos de escolas superiores profissionaes, ha um grande numero de outras instituições de organização menos complexa. De facto, como se declarou anteriormente, a universidade é uma instituição de criação comparativamente recente. Muitas destas outras escolas, collegios e institutos precedem em data de fundação as universidades. E' verdade que muitas especies de ensino profissional podem ser professadas com tanto successo e tão economicamente em instituições separadas estabelecidas para este fim somente. Algumas das mais notaveis escolas de engenharia, medicina, arte dentaria, direito, theologia e outras especialidades são instituições independentes, sem ligação alguma com as universidades.

O Instituto de Technologia de Massachusetts, por exemplo, offerece cursos em varios ramos de engenharia e sciencias applicadas. O Instituto Polytechnico Rensselaer dedica-se principalmente á engenharia civil, electrica, mechanica e chimica. O Instituto de Technologia de Stevens dedica-se somente a cursos de engenharia mechanica. O Collegio de Medicos e Cirurgiões de Baltimore e a Escola Medica de Jefferson não estão filiados a nenhuma universidade. A maioria das escolas de theologia são independentes taes como o Newton Theological Institute (Baptista), Theological Seminary of the General Synod, da Igreja Evangelica Lutherana nos Estados Unidos, e quasi todos os Seminarios Theologicos da Igreja Catholica. Varios Estados estabeleceram com o producto da venda das terras que lhes foram concedidas collegios especiaes de agricultura e artes mechanicas, separados das universidades estadoaes, como, por exemplo, o Collegio de Agricultura do Estado de Kansas, o Collegio de Agricultura e Artes Mechanicas do Estado de Iowa.

Em alcance e em assumptos os cursos professados nestas instituições independentes são semelhantes aos que correspondem ás divisões profissionaes das grandes universidades. Algumas das escolas de engenharia, têm-se tornado famosas por todo o mundo pela excellencia do trabalho que se executa em um ou mais dos seus departamentos.

COLLEGIOS INDEPENDENTES DE CREDO RELIGIOSO

Numericamente as mais importantes das instituições que se não acham incluídas na organização das universidades são os collegios independentes que offerecem cursos em artes e em sciencias, conferindo a maioria delles o grau de bacharel. Representam uma grande variedade de typos e egualmente uma grande variedade de padrões escolares; no emtanto podem-se fazer umas certas generalizações que os incluem a todos.

Como regra geral, os collegios independentes dão instrucção em uma variedade mais limitada de assumptos para os candidatos que desejam tomar o grau de bacharel do que as grandes universidades. Por exemplo, contra 45 ramos differentes que a Universidade de Harvard offerece para os seus bacharelados, o Collegio Carleton offerece os seguintes ramos: Astronomia, Biblia, Biologia, Chimica, Economia politica, Pedagogia, Inglês, Allemão, Geologia, Grego, Hebreu, Historia, Latim, Mathematica, Musica, Philosophia, Educação Physica, Physica, Sciencia Politica, Oratoria, Linguas Romanicas, Linguas Escandinavas e Sociologia. O Collegio Williams os seguintes assumptos: Arte, Astronomia, Biologia, Chimica, Economia Politica, Inglês, Geologia, Allemão, Sciencia Politica, e Administrativa, Grego, Historia, Latim, Mathematica, Arte Militar, Philosophia, Physica, Physiologia e Hygiene, Oratoria, Religião e Linguas Romanicas. O Reed College, os seguintes assumptos: Biologia, Chimica, Linguas Classicas, Economia Politica, Pedagogia, Inglês, Linguas Germanicas, Grego, Historia e Sciencia Politica, Latim, Mathematica, Philosophia, Physica, Psychologia, Linguas Romanicas, Sociologia.

Os cursos destas instituições são, portanto, mais comparaveis aos dos lyceus francezes e gymnasios allemães, sendo a maior parte das disciplinas incluídas, sancionadas por uma longa tradição com apropriadas para o primeiro grau em artes.

A prova da excellencia de um collegio não é a multiplicidade dos assumptos offerecidos mas a quantidade de

trabalhos effectuados. Os collegios mais exigentes, talvez a quarta parte do numero total exige uma preparação para o grau de bacharel tão completa como a maioria das melhores universidades. As proprias universidades o admittem. Ellas acceitam para estudos avançados os diplomados destes collegios nas mesmas bases como os seus proprios graduados. Os estudantes estrangeiros não devem ter hesitação, portanto, em escolher o collegio independente em vez de uma divisão collegial de uma das maiores universidades quando pretender tomar o seu grau de bacharel em arte ou bacharel em sciencias, desde que elle saiba de ante-mão que os graus do collegio que elle pretende frequentar têm validade no mundo universitario. Entre os collegios reconhecidos pelas universidades maiores, de um lado ha, alguns que offerecem instrucção somente em um grupo circumscripto de estudos que por gerações tem formado a base dos cursos de bacharel em artes, e por outro lado, instituições que se approximam mais dos departamentos universitarios destinados ao bacharelato.

Talvez a mais notavel differença entre os collegios independentes e as universidades é a differença no tamanho, que tambem corresponde a uma profunda differença na vida da instituição. O collegio independente é usualmente considerado um collegio pequeno, pela razão de que os seus estudantes em geral andam entre 100 e 500. As universidades do typo descripto têm em geral entre 1.000 a 5.000 estudantes. O observador estrangeiro pode chegar a admirar-se porque os pequenos collegios persistem e multiplicam-se em um paiz tão liberalmente provido de grandes instituições, muitas dellas mantidas pelos Estados, offerecendo as mesmas oppportunidades para a educação geral. As principaes razões são as seguintes:.

O primeiro motivo na fundação da maior parte dos collegios americanos tem sido os credos religiosos. O collegio assim fundado attrae principalmente os filhos dos que seguem a seita, e em um sentido restricto pode-se dizer que serve essa seita, não obstante os que commungam outros credos serem em regra geral livremente admittidos. Desta maneira ha collegios Methodistas, collegios Presbyterianos, collegios Catholicos, collegios Lutheranos e muitos mais. Os que crêem que o ensino superior deve não só ser guiado com o espirito da religião, mas de uma maneira definida ligado a uma doutrina religiosa particular e interpretado nos termos dessa doutrina, geralmente seguem os seus cursos em collegios do dito credo religioso. Muitos credos religiosos têm acceitado e animado esta tendencia estabelecendo collegios por todo o paiz, sempre que os que seguem esse

credo se acham bem representados nos varios locaes e promettem dar o seu apoio. Não é cousa extranha encontrarem-se varios collegios na mesma cidade ou a poucas milhas de distancia um do outro no campo servindo cada um a um credo religioso differente.

O collegio religioso typico põe em relevo a vida religiosa e trata de crear uma atmospheria religiosa. Nos programmas encontra-se em geral mais ou menos instrucção religiosa. Diariamente ha culto religioso sendo a frequencia geralmente obrigatoria. As associações religiosas muitas vezes occupam um logar proeminente entre as organizações sociaes em que os estudantes empregam parte das suas horas de descanço. Ver-se-á que os collegios de credo religioso constituem uma contribuição distincta para o ensino superior americano. A universidade estadoal, devido á natureza da sua manutenção, tem de ser não sectaria. As grandes universidades independentes, sem se tomar em conta os auspicios sobre os quaes foram fundadas, poderão com difficuldade ter uma polarização religiosa completa. Os estudantes estrangeiros com sentimentos religiosos intensos devem ter em vista estes factos quando escolherem um collegio.

Nem nos Estados Unidos nem nos outros paizes ha uma opinião concordante sobre a extensão que as influencias sectarias e o ensino religioso sectario deve ter no ensino superior. Nas duas ultimas decadas a tendencia tem sido indubitavelmente para separar o ensino superior e o sectarismo, tendencia que tem sido estimulada pelo successo evidente das universidades estadoaes. Consequentemente as affiliações sectarias de muitos collegios que começaram como instituições de character rigorosamente religioso estão-se a tornar cada vez mais fracas. Algumas têm mesmo renunciado as suas ligações religiosas e têm-se declarado francamente instituições não sectarias. Por outro lado, certos collegios de character religioso têm, talvez em signal de protesto, reafirmado ainda mais vigorosamente o seu character religioso. Varias seitas religiosas têm sido especialmente activas na fundação de novas instituições.

O collegio está sendo considerado cada vez mais como uma instituição local. Serve uma area maior do que a escola secundaria publica, mas o raio donde lhe provém os estudantes é comparativamente pequeno e está-se a tornar cada vez menor. Esta é uma outra razão para um maior numero de collegios independentes. O numero de pessoas que estão obtendo ensino collegial em relação á população total do paiz está actualmente crescendo enormemente.

A terceira razão para a persistente vitalidade de collegios independentes é a extraordinaria influencia que têm tido na vida e ideaes da Nação. O diplomado do collegio americano reverencia em geral a memoria da sua "alma mater" com uma lealdade quasi tão intensa como a que elle dedica á sua familia e aos seus amigos. Elle é em todas as occasiões o seu devotado campeão e partidario. Se elle é diplomado de um pequeno collegio elle attribuirá á sua influencia e preparação todo o successo que elle vier a alcançar. Este habito generoso, a par do facto que os collegios independentes têm fornecido ao paiz um surpreendente — pode-se mesmo dizer desproporcionado — numero de leaders nacionaes em politica, nas profissões e no commercio, tem servido para fortalecer a ideia do pequeno collegio no sentimento do povo. Em varias regiões acredita-se que constitue um repositorio peculiar de uma democracia sã, de ideaes elevados e de um vigoroso treino intellectual. Em consequencia disto o collegio tem um prestigio igual ao das grandes universidades. Apparentemente parece que assim continuará.

ENSINO SUPERIOR PARA AS MULHERES

De uma maneira geral todas as facilidades para ensino superior e profissional que se descreveram atraz podem ser aproveitadas pelas mulheres. As mulheres raras vezes escolhem certas profissões taes como agricultura e engenharia, em vista da natureza dos requisitos que estas profissões exigem da força physica. Por outro lado um numero sempre crescente de mulheres está-se dedicando ao estudo de direito, medicina, arte dentaria, e seguindo os cursos avançados em artes e sciencias.

O ensino superior das mulheres é professado tanto em instituições destinadas exclusivamente ao sexo feminino como em universidades para ambos os sexos. Nos Estados de léste a co-educação, como em geral se chama, não é favorecida. Os collegios mais antigos e os departamentos collegiaes das universidades nesta secção do paiz são usualmente destinados para o sexo masculino. Ao seu lado ha numerosos collegios para mulheres offerecendo cursos que habilitam para o grau de bacharel e em alguns casos, mesmo para os graus de mestre e de doutor. Em geral, comtudo, as antigas universidades taes como Harvard, Yale, e a Universidade de Pensylvania, não obstante excluirem as mulheres dos seus departamentos collegiaes, admitem nas suas escolas de estudos graduados.

Nos Estados centraes e do oeste a co-educação é considerada como politica educativa. Quasi todos os collegios e universidades recebem em todos os seus departamentos as mulheres nas mesmas condições que recebem os homens. Especialmente, as universidades estadoaes têm sido as maiores defensoras destas doutrinas e têm contribuido muito para lhes dar o character nacional. E' obrigatoria a fiscalização das casas habitadas e onde as estudantes comem e bem assim é-lhes fornecido um certo numero de damas de companhia para as acompanhar ás festas e reuniões. No demais não ha outras restricções para o convivio entre os estudantes de ambos os sexos. O principio da co-educação tem dado resultados completamente satisfactorios e é hoje recommen-
dado pela grande maioria dos educadores americanos.

A maneira como as mulheres têm aproveitado das vantagens do ensino superior pode-se apreciar pelos seguintes dados estatisticos; matricula nos collegios de mulheres, 1893, 12.300; 1903, 16.744; 1913, 19.142; 1916, 20.638; 1918, 25.495; 1920, 31.769. A matricula total das mulheres nos instituições co-educacionaes, 1893, 13.058; 1903, 26.990; 1913, 55.564; 1916, 69.543; 1918, 91.941; 1920, 96.908.

Em addição ao systema co-educacional e ao systema de collegios separados para mulheres ha um outro methodo que se chama o systema coordenado. Consiste na affiliação de collegios femininos em collegios de sexo masculino. Exemplos deste typo encontram-se no Barnard College, que se acha encorporado no systema da Universidade de Columbia; Radcliffe College, affiliado na Universidade de Harvard; H. Sophie Newcomb Memorial College, affiliado na Universidade de Louisiana; o College for Women, affiliado na Western Reserve University; William Smith College, affiliado em Hobart College; Westhampton College affiliado na Universidade de Richmond; Jackson College, affiliado em Tufts College e Women's College affiliado no Brown University. As relações academicas destes collegios variam com as universidades em que se acham affiliados. Em um dos systemas de affiliação o corpo docente do collegio de mulheres é o mesmo que o das universidades. E' o que succede com Radcliffe College. Outro methodo consiste em ter um corpo docente completamente separado para o collegio das mulheres. E' o que se passa com Western Reserve University.

A ESCOLA DE VERÃO

O anno escolar é em regra geral de nove mezes. Vae usualmente dos meados de setembro até aos meados de junho. Muitas universidades e collegios mantêm uma escola especial de verão durante cerca de seis semanas no verão ou mantêm um curso de ferias durante todos os mezes de verão. As escolas de verão, que em geral se limitam ao departamento collegial e á escola de estudos graduados de artes e sciencias, servem para dois fins; permitem aos professores de escolas elementares e secundarias de proseguir cursos especiaes de estudos para o seu progresso profissional. Offerecem oportunidade aos estudantes dos collegios e universidades que tiverem ficado reprovados nos seus estudos ou que não tiverem podido completar os seus cursos a recuperar o trabalho perdido. Em addicção, a escola de verão é frequentada por pessoas de outras classes. Emquanto a maioria das escolas de verão tem os seus cursos planejados com o fito de satisfazer ás necessidades dos professores não ha duvida que os estudantes cujos interesses não são pedagogicos geralmente encontram nos cursos de verão na maioria dos assumptos cursos que lhes são offerecidos na instituição durante o inverno. Os cursos mais adiantados não são em geral dados no verão.

As escolas de verão apresentam attracções especiaes para o estudante estrangeiro. Se acontecer chegar nos Estados Unidos em junho ou em principios de julho pode com vantagem empregar o seu tempo para o seu preparo para a matricula regular nestes cursos, começando pela escola de verão. Offerecem-se em geral oportunidades boas para o estudo do inglês. Depois de começar os seus cursos collegiaes ou profissionaes elle pode encurtar o periodo de estudo e bem assim aprender alguma cousa differente nas escolas de verão. E' possivel completar de um sexto a um quarto do trabalho de um anno durante um curso de verão.

FUNDAÇÕES ESPECIAES PARA PESQUIZAS

O ensino superior americano tem sido recentemente reforçado por um grupo de fundações especiaes estabelecidas para fazer avançar as pesquisas scientificas e sociologicas. A maior parte destas fundações são originarias de dadivas de individuos possuidores de grandes fortunas. Apesar de não serem instituições docentes, estas fundações têm tornado possiveis numerosas investigações que não só têm affectado os ideaes educativos e a sua practica, mas têm levantado o prestigio da sciencia nos Estados Unidos.

Ellas devem portanto ser reconhecidas como instituições scientificas da Nação. Occupam um logar importante entre essas instituições a Fundação Russel Sage, a Instituição Carnegie, a Junta Geral de Ensino, a Fundação Carnegie para o Avanço do Ensino, e o Instituto Rockefeller para pesquisas medicas.

COMPARAÇÃO ENTRE AS UNIVERSIDADES

AMERICANAS E ESTRANGEIRAS

Com certeza auxiliará o estudante estrangeiro o ajustar-se ao systema educativo dos Estados Unidos se a sua atenção for chamada para as correspondencias e differenças entre os principaes typos das escolas americanas por um lado, e as instituições familiares da Europa e da America por outro.

As differenças mais marcadas parecem ser as que se referem ao tempo destinado ao ensino secundario e á idade em que elle é iniciado nos paizes mencionados. De facto, a posição da escola secundaria pode ser considerada como o facto determinante em uma larga extensão do character do systema educativo de cada paiz. Na França e na Alemanha os systemas escolares elementares e secundarios são completamente separados. Elles caminham sempre em linhas divergentes. E' só possivel transferir da escola elementar para a secundaria em um ou dois pontos e depois de doze annos. Até certo ponto prevalecem as mesmas condições na Inglaterra, não obstante terem sido ultimamente modificadas. Em todos estes paizes as escolas elementares têm sido consideradas não só como um logar de preparação para a escola secundaria mas tambem habilitando com uma certa quantidade de conhecimentos destinados ás creanças das classes trabalhadoras e profissionaes. A escola secundaria, por outro lado, é destinada para creanças de familias prosperas que desejam habilitar-se com cursos superiores ou entrar nos empregos publicos. A distincção original e fundamental destes dois systemas é de character social.

O conceito de "escada educativa" exprime melhor a concepção popular de educação nos Estados Unidos. As escolas têm de ser organizadas de maneira que as creanças das familias mais modestas possam subir por ella até os pontos mais elevados disfructando todas as vantagens educativas. Qualquer outra ide'a é considerada não democratica. A escola secundaria é, portanto, baseada na escola elementar e o collegio na escola secundaria.

A outra peculiaridade importante do plano estadunidense da organização educativa é o da inclusão de um outro anel, que é o collegio, entre a escola secundaria e a universidade, e a que nos referimos no breve resumo da evolução historica do collegio.

As escolas elementares dos Estados Unidos e da Europa, não obstante as suas pequenas diferenças apresentam pouco mais ou menos os mesmos cursos e têm por fim fornecer pouco mais ou menos a mesma instrução. A escola elementar dos paizes da America Latina, á similhaça da dos Estados Unidos e differindo da da Europa, é uma escola preparatoria regular para a escola secundaria ou lyceu. Mas a linha de divisão entre as duas instituições manifesta-se mais cedo na America Latina, em uma idade mais apropriada para o inicio do ensino secundario. Este facto, portanto, vem reduzir a extensão do quadro do ensino elementar.

As nações européas e as da America Latina são concordantes no que se refere, quer em extensão quer em fim, á instrução secundaria. A parte practica pode-se dizer que não é igual em dois paizes no que se refere a detalhes, mas em geral o curso secundario compõe-se de linguas antigas e modernas; mathematica até ou incluindo calculo; elementos de sciencias naturaes; historia; literatura nacional; noções de philosophia e logica. Por outras palavras, o ensino secundario é concebido de maneira a preparar com conhecimentos que têm uso geral e utilidade, scientificamente arranjados e organizados para mostrar as relações entre os factos e os phenomenos. Inclue preparação em ordem e methodos de estudo. Tem por fim melhorar as percepções estheticas e moraes. O ensino secundario refere-se muito pouco ao que é puramente empirico; isso pertence principalmente á provincia do ensino elementar. Prepara para a especialização minuciosa de conhecimentos ou de concepções philosophicas, que constituem o campo do ensino superior. O periodo de cultura geral para a habilitação individual propriamente dita termina com o curso da escola secundaria, que é devidamente reconhecido como de habilitação para o grau de bacharel. Os seis, oito ou nove annos de ensino secundario nos paizes mencionados, são considerados como sufficientes para se conseguir este fim geral.

A funcção que é satisfeita em França, Allemanha America Latina pela escola secundaria é dividida nos Estados Unidos por duas instituições — a escola secundaria e o collegio. E' geralmente admittido que o estudante americano que tenha completado um curso de escola secunda-

ria e dois annos de um curso geral de artes ou sciencias de um collegio americano pode ser considerado a par dos diplomados com o bacharelato dos lyceus francezes ou com o Abiturientenzeugnis dos gymnasios allemães. As escolas profissionaes que exigem dois annos de estudos collegiaes para entrada mantêm approximadamente as mesmas qualificações de admissão que as universidades francezas e allemãs, que só admittem os diplomados com um dos dois certificados que acabamos de mencionar.

OS ESTRANGEIROS NAS UNIVERSIDADES AMERICANAS

E' essencial que o estudante estrangeiro que pretender estudar nos collegios ou universidades americanas consiga em primeiro logar um conhecimento fluente de inglês. Elle deve pelo menos conhecer a lingua sufficientemente bem para lêr e para seguir as lições. Se elle não possuir este conhecimento á sua chegada nos Estados Unidos, será provavelmente melhor para elle gastar alguns mezes (tres ou quatro) a estudar o inglês com pessoa competente antes de tentar matricular-se na universidade quer para cursos geraes quer para cursos profissionaes.

Depois de ter o conhecimento da lingua o estudante pode começar a tomar uma parte intelligente na vida social da universidade sendo os estudantes estrangeiros em todo o sentido considerado como membros da instituição. O resto depende d'elle a respeito do logar que elle virá a occupar. Se for agradável, capaz e adaptavel não terá impeltilhos nas suas relações com os nacionaes. Pelo contrario receberá melhor acolhida.

A unica instituição nacional ou federal que trata dos interesses do ensino é—

A DIRECTORIA DE INSTRUÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

O fim da Directoria de Instrução acha-se descripto na lei que a estabeleceu e que é "colligir estatisticas e factos que mostrem as condições e o progresso do ensino nos varios Estados e territorios, e espalhar informação que diga respeito á organização e administração das escolas e dos systemas escolares, methodos de ensino, com o fim de auxiliar o povo dos Estados Unidos no estabelecimento e manutenção de um systema escolar efficiente e ao mesmo tempo promover a causa da educação por todo o paiz".

A Directoria foi originalmente creada como um departamento independente por lei do Congresso approvada em 2 de março de 1867, e continuada até ao dia de 1 de julho de 1869, quando segundo as disposições contidas nas leis que aprovavam as despesas, passadas a 20 de julho de 1868, foi transformada em Directoria do Ministerio do Interior.

A questão do ensino não se acha especificadamente mencionada na Constituição dos Estados Unidos. O Governnc Federal não mantem systema nacional de escolas publicas; o estabelecimento, a manutenção e o controle de taes escolas e systemas escolares dependem individualmente dos Estados. Mas desde o principio da Republica, o Governo Federal tem animado a instrucção nos differentes Estados e feito leis especiaes para as escolas nos seus territorios. A necessidade de uma tal agencia central para a collecção e estudo das estatisticas de ensino e dados foi cedo observada e apreciada.

Como se notará do exposto, a Directoria é primeira-mente uma instituição para pesquisas e promoção de ins-erucção. A lei que a creou não lhe deu deveres adminis-trativos. Taes deveres administrativos têm sido consi-gnados mais tarde. Estes incluem (a) a administração do systema do ensino, do auxilio medico e dos rebanhos das ren-nas para os nativos de Alaska; e (b) os deveres que corres-pondem á administração das receitas dos fundos obtidos pela venda das terras concedidas pelo primeiro Morrill Act (2 de julho de 1862), para o estabelecimento de collegios de agricultura e de artes mechanicas; uma verba que é ap-proximadamente de 1.009.225 dollars, e pela dotação Morrill-Nelson que sobe a 2.500,000 dollars annualmente, corres-pondendo a 50.000 dollars por anno para cada Estado, Ilhas de Hawaii e Porto Rico. A Directoria tem de ver se a re-ceita annual do primeiro fundo é pelo menos de 5 por cento e se é gasto segundo as disposições do primeiro Morrill Act. Tem tambem de fiscalizar os gastos de 50.000 dollars con-cedidos annualmente para a manutenção dos collegios de agricultura e de artes mechanicas.

A Directoria tem dois typos geraes de actividades: primeiro, os que se referem mais ou menos a trabalhos de rotina (chamados sedentarios ou de expediente); e, se-gundo, as actividades executadas por especialistas em va-rios ramos de ensino, conhecidos como pessoal technico. As actividades do primeiro grupo comprehendem sete divi-sões a saber: editorial, bibliotheca, estatistica, Alaska, es-tenographia, arquivos e distribuição e serviço de continuos. Todas estas actividades acham-se sob a direcção do chefe da secretaria.

O pessoal technico está dividido em quatro divisões sob a direcção do Ajudante do Commissario da Instrucção: instrucção superior, escolas ruraes, escolas de cidades, e divisão de serviços. Esta ultima comprehende educação phisica, hygiene escolar, ensino industrial, economia domestica, ensino commercial, legislação educativa e ensino estrangeiro.

A Directoria trata (1) de servir de local de informação para tudo que se refere a questões educativas e todas as formas de ensino nos Estados Unidos e todos os paizes estrangeiros e disseminar esta informação entre os funcionarios escolares, professores, estudantes do magisterio e outras pessoas que se acham interessadas em qualquer forma da actividade educativa; (2) para servir de centro de informações das melhores opiniões sobre a organização escolar e administração, cursos de ensino, methods pedagogicos, etc.; (3) para aconselhar as legislaturas estadoaes, os funcionarios escolares, os professores e outras pessoas que tratam da promoção e da direcção do ensino; (4) para determinar os padrões em materia de educação e para conduzir e dirigir experiencias pedagogicas, etc..

A Directoria alcança os interessados do paiz por meio das suas publicações e por meio das actividades dos seus especialistas no campo. Tem feito um grande numero de inqueritos valiosos dos systemas escolares das cidades e dos Estados, etc.,

Para os trabalhos da Directoria, não tomando em conta o trabalho em Alaska, encontra-se actualmente na Directoria em Washington 87 pessoas. Destas cerca de uma terça parte são especialistas em varias linguas de pesquisas e promoção de ensino.

O actual Commissario de Instrucção é o Sr. Dr. John J. Tigert (desde 2 de junho de 1921 até á presente data).

NOTA.—A transcripção deste trabalho publicado pelo ministerio do Interior foi nos gentilmente permittido pelo digno Commissario dos Estados Unidos á Exposição Internacional, Coronel V. Colier.

LITERATURA INFANTIL

AS AVES

A uma menina.

Não fugira da gaiola
O sabiá, si adivinhasse
Todo o pranto que te rola
Pelas covinhas da face.

E comtudo as aves... pensa...
Que ellas têm filhos e ninhos...
Imagina a dôr immensa
Dos miseros passarinhos!

Imagina que supplicio
Quando ouvem, por uma fresta
Da prisão, todo o bulicio
Das alvoradas em festa!

Prendel-as... que crueldade!
As avesinhas, querida,
Precisam de liberdade,
Porque a liberdade é a vida.

Precisam voar pelos ares,
Como eu, creança, preciso
Do sol desses teus olhares,
Do mel desse teu sorriso.

Prendel-as? Ora, avalia
Si teu pae por um momento
Tem a louca phantasia
De encerrar-te num convento.

Vamos, querida, liberta
As aves! Coragem! Vamos!
Deixa a portinhola aberta,
Solta aquelles gaturamos;

Solta esse canario esquivo
Que já não sae do poleiro.
E' tão triste ser captivo!
Tão penoso é o captiveiro!

Tira a corrente de prata
Dos pés desse perequito.
Que nostalgia da matta
Não tem elle, o pobresito!

Assim; agora é preciso
 Que também tu soltes, louca,
 As patativas do riso
 Da gaiolinha da bocca

“Ipês”.

Ricardo Gonçalves.

MONOLOGO GEOGRAPHICO

(Uma menina vestida de branco, com o globo,
 apontando os accidentes mencionados)

Vem este globo que vêdes,
 A terra representar.
 Que, solta, gira no espaço,
 Dia e noite sem parar.

Eis o eixo que só existe
 Em nossa imaginação
 E sobre o qual ella faz
 A diurna rotação.

A linha equinoxial
 E' esta — o afamado equador
 Onde o sol dardeja a pino
 E é excessivo o calor.

Vêde os polos: norte e sul:
 Tristonhas regiões frias
 Onde as noites teem seis mezes,
 Duram seis mezes os dias.

Cinco oceanos aqui banham
 As cinco partes do mundo:
 Cada qual o mais extenso,
 Cada qual o mais profundo.

E são: o Oceano Indico,
 O Atlantico e o Antartico,
 O Oceano Pacifico
 E o Oceano Glacial Artico.

A Europa, Asia, Africa
 Vejo-as aqui, esta vez,
 Que as separam os estreitos
 De Gibraltar e Suez.

Eis a Australia, e o Novo Mundo
Que Colombo descobriu
Quando da Iberia guerreira
Ha cinco seculos partiu.

D'aqui d'esta velha Asia
Partiu a civilização
Co'a Assyria e a Babylonia,
Esta a China, este o Japão.

Quantas nações gloriosas
Fulgem aqui sem igual
A Inglaterra, França, Grecia
O vetusto Portugal.

A Suissa com seus Alpes.
A Italia, Belgica, Hespanha,
A Hollanda, Russia, a Suecia,
A grande e sabia Allemanha.

Ha d'aqui dest'outro lado
Nações a que Deus se inclina;
Estados Unidos, Mexico,
O Chile e a Argentina.

Esta porém é a ditosa,
A grande, a santa nação.
E' o BRASIL — e só seu nome
Faz pulsar o coração.

Salve, terra gloriosa,
O' terra de Santa Cruz
Que o Cruzeiro do Sul
Aclara á noute co'a sua luz.

Salve terra das palmeiras,
Onde canta o sabiá
Do Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará.

Salve, terra do futuro,
Salve, meu bello paiz;
Sou a menor de tuas filhas,
Mas só aqui sou feliz.

FOLHARADA

Era a nova, era a noticia que corria por toda a matta: apparecêra um bicho novo, um formidavel bicho.

Como era? perguntavam uns.

Elle come gente? Elle é valente. Come onça? Perguntavam todos.

E o bicho vivia, porque alguns já o tinham visto passar, roncando, deitando fogo pela bocca...

E' sim, dizia o gambá, é bicho bravo!

O açude era visitado pelos bichos, que iam matar a sêde.

Porém, desde aquelle logro que o macaco pregou á onça, esta não mais sahiu da beira do açude, para pegar e comer o macaco.

E o que fez o macaco?

Lambusou-se de mel, rolou nas folhas seccas e nos gravetos, accendeu um cachimbo e lá foi roncando grosso, mas com um grande medo da onça.

Os bichos que o viam de longe, fugiam em disparada.

A propria onça fugiu.

Vivia o macaco á larga, passeiando, bebendo agua á vontade.

Mas, um dia, tendo achado uma fonte, que só elle sabia onde era, depois de beber muita agua, veio vindo, veio, e, chegando perto de uma arvore, encostou-se:

A onça de longe perguntou-lhe.

O' compadre Folharada, de onde você veio? Você é bravo?

Então o macaco, tirando o cachimbo e as folhas que estavam grudadas na cara, respondeu:

Desde que te enganei,
Nunca mais agua provei.

E fugiu para o alto da arvore, com grande alegria da bicharada, por ver a onça enganada.

 LUIZINHO E O BEM-TE-VI

Bem-te-vi! Bem-te-vi!

—Que é que tu viste?

Bem-te-vi! Bem-te-vi!

—Sae mentiroso, tu não viste nada, dizia o Luizinho, muito vermelho de vergonha; mas a verdade é que quando elle jogou a pedra á pitangueira da chacara do seu Romão, este, que estava na horta, viu-o e disse:

O' menino, respeita mais a casa alheia, ouviu; olha que isso é falta de educação.

Luizinho envergonhado foi sahindo cabisbaixo, quando aquelle grito estourou:

Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Parecia que o passarinho estava dizendo: Bem te vi a acção feia; bem te vi o "pito".

Mas Luiz, zangado, abaixou e pegou outra pedra.

Ia atiral-a ao passaro, que caçoava delle.

Porém, seu Romão, que déra volta, vinha com as mãos cheias de pitangas maduras, rosadas, lindas, que até faziam agua na bocca.

Mas, ao ver aquelle gesto do Luizinho, disse:

Luizinho!

O menino parou; o seu Romão chamou-o dizendo:

Olha, meu filho, tão todas tuas; eu não sabia que eras tu, pensei que fosse um garoto, porque jogar pedras não é de bom menino.

Demais, parece que ias castigar a pobre ave, não é?

Ia, sim, disse Luiz, ella estava caçoando...

Pois fazias mal, disse a rir seu Romão.

O Bem te vi é innocente; elle é um bom amigo das nossas hortas porque come as sauvas e acaba com quanto insecto ataca as arvores.

Não fosse elle, eu não podia dar-te essas pitangas.

Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Sim? pois nós tambem te vimos, seu papa formigas!

APRIGIO GONZAGA.

Companhia Melhoramentos de S. Paulo

WEISZFLOG IRMÃOS, INCORPORADO

Matriz: SÃO PAULO

Caixa, 436

Filial: RIO DE JANEIRO

Caixa, 1617

SECÇÃO EDITORA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

As mais modernas obras didacticas têm sido publicadas pela Cia. Melhoramentos de S. Paulo, todas ellas approvadas e officialmente adoptadas na maioria dos nossos Estados. São livros que se recommendam pelo nome de seus autores, pela sua factura elegante, pelo artistico das illustrações em trichromia, que os adornam e pela solidez da encadernação.

Grande stock de Material didactico, quadros de historia patria, mappas e globos geographicos.

PEÇAM CATALOGOS E PROSPECTOS QUE SE ENVIAM GRATUITAMENTE.

Artigos para Engenharia, Pintura, etc.

Cartões de visita da Moda

em alto relevo.

Gravados sobre cobre

e Gravuras sobre aço.

Peçam amostras.

Casa Vanorden

9-Rua João Briccola-11 - S. Paulo

GYMNASIO ANGLO-LATINO



Antiga "Escola Guerreiro"

FUNDADA EM 1893

pelo seu actual director

Prof. Antonio Guerreiro

Internato

Semi-internato

Externato

CURSOS:

Preliminar

Gymnasial

Commercial

AVENIDA PAULISTA, 27 e RUA AUGUSTA, 339
Caixa Postal 1463 - S. PAULO - Teleph. Avenida 25

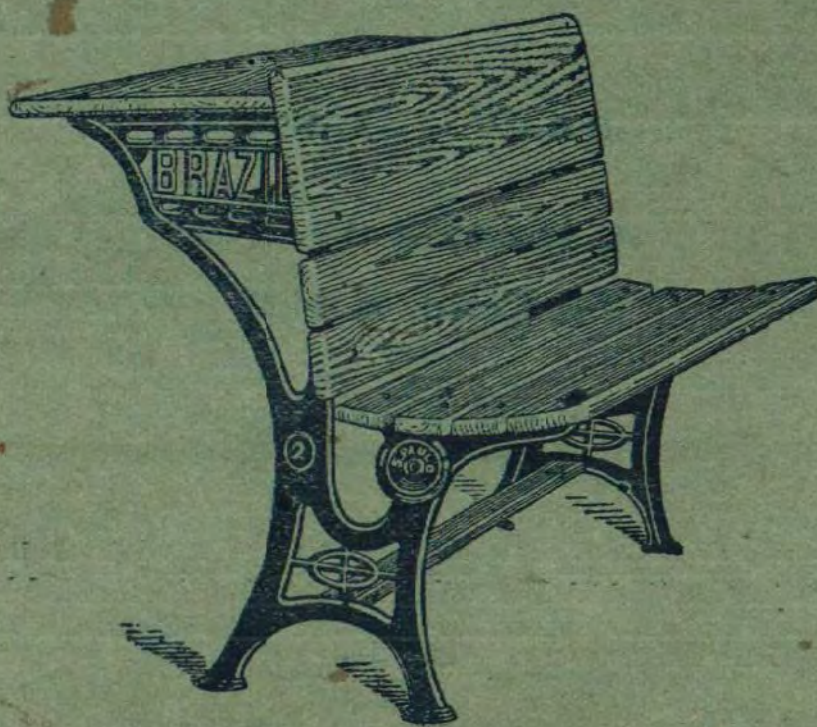
Dr. Laudelino Baptista

ADVOGADO

Acceita causas civeis,
criminaes e commerciaes

Rua S. Bento, 59 - 2.^o andar, sala 10

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para um ou dois alumnos ;

Mesas e cadeirinhas para Jardim da Infancia ;

Contador mechanico ;

Quadros negros de qualquer tamanho ; Compassos ;

Reguas ; etc.

Fabrica de Moveis Escolares "Eduardo Waller"

de

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz n. 65 - S. Paulo